

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO,  
CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS**

**NÍVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES**

**USO DA LINGUAGEM E RECURSOS DIGITAIS:  
PARADOXOS NO FAZER PEDAGÓGICO COM ADOLESCENTES DE  
UMA ESCOLA PRIVADA, EM PETROLINA-PE**

**JUAZEIRO-BA  
2020**



**NÍVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES**

**USO DA LINGUAGEM E RECURSOS DIGITAIS: PARADOXOS NO FAZER  
PEDAGÓGICO COM ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PRIVADA, EM  
PETROLINA-PE**

Dissertação apresentada ao Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Campus III, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

Linha de pesquisa: Letramento e Comunicação Intercultural.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Josemar da Silva Martins.

**JUAZEIRO-BA  
2020**

R696 Rodrigues, Nívea Cristina de Melo

Uso da linguagem e recursos digitais: paradoxos no fazer pedagógico com adolescentes de uma escola privada, em Petrolina-PE / Nívea Cristina de Melo Rodrigues. -- Juazeiro, 2020. 166 fls: il.

Orientador(a): Josemar da Silva Martins.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA,

1. Linguagem digital. 2. Recursos digitais. 3. Formação linguística. 4. Adolescência. 5. Letramento digital.

CDD: 370

NÍVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES

USO DA LINGUAGEM E RECURSOS DIGITAIS: PARADOXOS NO FAZER  
PEDAGÓGICO COM ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PRIVADA, EM  
PETROLINA-PE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, ofertado pelo Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, Campus III, para obtenção do título de Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

Linha de Pesquisa: Letramento e Comunicação Intercultural.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Josemar da Silva Martins  
Orientador/ UNEB

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Conceição da Silva Paiva  
Membro interno/ UNEB

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Márcio Luiz Corrêa Vilaça  
Membro externo/ UNIGRANRIO

Primeiramente, dedico este trabalho ao Autor da minha vida, Deus, que me capacitou em toda esta jornada, e a todos os leitores. Espero que de alguma forma acrescente ou reforce saberes.

## AGRADECIMENTOS

Em I Tessalonicenses 5:18 diz: “*Sejam agradecidos a Deus em todas as ocasiões*”, por isso acima de tudo, a minha gratidão a Deus, pois somente Ele me compreendia nas horas mais difíceis, quando compilava esta dissertação. Obrigada por me ouvir, iluminar e renovar o meu ânimo nos dias que faltavam.

Agradeço ao meu marido, Márcio Amorim, pelo apoio que viabilizou a concretização desta etapa na minha vida.

Agradeço aos meus filhos Pedro, Jude e Tito pela compreensão durante esta jornada e pelas horas roubadas do convívio de vocês.

Agradeço em especial ao meu primogênito, Pedro, que me auxiliou na construção dos dados gráficos, pelas dicas e informações da cultura digital. Por ser um jovem, me fez pensar em outras perspectivas.

Agradeço aos meus pais, de forma particular à minha mãe Narcisa, que sempre incentivou os estudos e intercede(u) ao Senhor por mim.

Agradeço ao meu único irmão Marcos, que compartilhou ideias comigo quando o ingresso no mestrado era uma meta.

Agradeço a minha cunhada e amiga Camila, que sempre mostrou disposição em me ouvir, quando precisava desabafar.

Agradeço ao meu orientador Dr. Josemar da Silva Martins (Pinzoh) pela pronta disponibilidade em agendar as reuniões de orientação e pela paciência. As muitas conversas e direcionamentos produziram em mim um amadurecimento no âmbito da pesquisa-ação. Tenha certeza de que tudo o que transmitiu foi valioso.

Agradeço à professora Dr<sup>a</sup>. Carla Paiva que aceitou o convite de ser minha avaliadora, que ajudou nas minhas dúvidas e incertezas; propondo sugestões e reflexões para o estudo. Saiba que a sua empatia fez toda a diferença!

Agradeço ao professor Dr. Márcio Vilaça pela participação na banca, trazendo colaborações oportunas e apropriadas neste trabalho.

Agradeço a todos os professores(as) do PPGESA pelas contribuições epistemológicas na minha trajetória acadêmica, e por outras aprendizagens mediante a forma singular de ser de cada um(a).

Agradeço a professora Dr<sup>a</sup>. Edilane Teles que prontamente se dispôs a dividir comigo conhecimentos, seja escrevendo artigo ou participando de palestra ou me apresentando materiais diversos; tudo foi enriquecedor no processo da minha

pesquisa. Aprendi muito ao ver sua proatividade, a qual despertou em mim novas visões.

Agradeço a todos o(a)s colegas de mestrado pelo convívio e conhecimentos compartilhados. Saibam que a peculiaridade de cada um(a) me fez compreender a vida melhor.

Agradeço a minha amiga Ariane, integrante do mesmo programa de mestrado, que com seu jeito sereno sempre esteve disposta a conversar sobre as intempéries próprias do curso, e me auxiliou no julgamento de algumas ideias. Valeu pela parceria!

Enfim, agradeço de forma geral, à Universidade UNEB, pela receptividade, acolhimento e por fazer deste programa um lugar de crescimento pessoal e coletivo.

Que venham novos e maiores sonhos! Gratidão!

“Quando voltei a mente para conhecer a sabedoria e observar as atividades do homem sobre a terra, daquele cujos olhos não veem sono nem de dia nem de noite, então percebi tudo o que Deus tem feito. Ninguém é capaz de entender o que se faz debaixo do sol. Por mais que se esforce para descobrir o sentido das coisas, o homem não o encontrará. O sábio pode até afirmar que entende, mas, na realidade não o consegue encontrar”  
Eclesiastes 8:16,17.

## RESUMO

A sociedade tem vivenciado o acesso cada vez mais rápido à informação, à ampliação das possibilidades de comunicação e às práticas letradas e de interação viabilizadas pelas tecnologias, realidade esta que tem ocasionado inúmeras transformações na linguagem, na leitura e escrita, e nas práticas sociais mediadas pelas ferramentas digitais. Essa realidade se expressa de modo particular dentro das instituições escolares e criam demandas específicas para essas, que se ajustam de modos distintos, com maior ou menor entusiasmo, com maior ou menor condição de propor mediações pedagógicas atualizadas e coerentes frente a isso. Assim, este estudo tem como objetivo geral analisar as implicações do digital na formação linguística de adolescentes de classe média, alunos de uma escola privada de Petrolina-PE, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, e as repercussões disso nas práticas pedagógicas desta escola. Os objetivos específicos previram o estudo do uso da linguagem digital na formação linguística dos adolescentes na contemporaneidade, assim como, investigar a prática discursiva dos adolescentes na cultura digital e suas implicações no desempenho escolar, procurando identificar os principais elementos presentes no uso da linguagem digital entre os adolescentes. A base teórica fundamenta-se nos conceitos linguagem, formação linguística, cultura digital, letramento, letramento digital, tendo como referência autores como Levy (1999), Soares (2002), Lemos (2004), Kenski (2007), Xavier (2010) entre outros. No que diz respeito aos aspectos metodológicos, o trabalho insere-se na abordagem qualitativa, por meio de um Estudo de Caso, realizado no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, cujos dados foram produzidos a partir de: questionário misto, entrevista semiestruturada e observações. Os sujeitos da pesquisa incluem coordenadores e professoras de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II (EFII) e Ensino Médio (EM) e alunos/as do 9º ano do EFII e da 2ª série do EM da referida escola. Quanto à análise dos dados, o estudo valeu-se do recurso da triangulação das diferentes fontes de pesquisa, dos dados obtidos e dos conceitos teóricos implicados. Os resultados indicaram que há paradoxos entre a realidade digital e a formação linguística dos adolescentes, pois as práticas pedagógicas mediadas pelas tecnologias digitais apontaram para uma certa desarmonia entre o que se diz sobre os benefícios dos recursos digitais e o que se vive quanto ao desenvolvimento das competências linguísticas.

**Palavras-chave:** Linguagem digital. Recursos digitais. Formação linguística. Adolescência. Letramento digital.

## ABSTRACT

Society has experienced faster and faster access to information, the expansion of communication possibilities and the literate and interactive practices made possible by technologies, a reality that has caused numerous transformations in language, reading and writing, and in mediated social practices. by digital tools. This reality is expressed in a particular way within school institutions and creates specific demands for them, which adjust in different ways, with more or less enthusiasm, with more or less condition to propose updated and coherent pedagogical mediations in face of this. Thus, this study has as general objective to analyze the implications of digital in the linguistic formation of middle class adolescents, students of a private school in Petrolina-PE, Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, and the repercussions of this in the pedagogical practices of this school. The specific objectives foresaw the study of the use of digital language in the linguistic formation of adolescents in contemporary times, as well as, to investigate the discursive practice of adolescents in digital culture and its implications for school performance, seeking to identify the main elements present in the use of digital language among teenagers. The theoretical basis is based on the concepts of language, language training, digital culture, literacy, digital literacy, having as reference authors such as Levy (1999), Soares (2002), Lemos (2004), Kenski (2007), Xavier (2010) among others. With regard to methodological aspects, the work is part of the qualitative approach, through a Case Study, conducted at Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, whose data were produced from: mixed questionnaire, semi-structured interview and observations. The subjects of the research include coordinators and teachers of Portuguese Language from Elementary School II (EFII) and High School (EM) and students from the 9th year of EFII and from the 2nd grade of EM from that school. As for data analysis, the study made use of the triangulation of different research sources, the data obtained and the theoretical concepts involved. The results indicated that there are paradoxes in the digital reality and the linguistic formation of adolescents, since the pedagogical practices mediated by digital technologies pointed to a certain disharmony between what is said about the benefits of digital resources and what is experienced in terms of skills development linguistic.

**Keywords:** Digital language. Digital resources. Language training. Adolescence. Digital literacy.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	Classificatório sobre os Letramentos digitais.....	42
Figura 2-	Sobre a Estrutura CPCT para a integração do uso da tecnologia.....	46
Figura 3-	Análise por triangulação.....	67
Figura 4-	Quantidade de dispositivos digitais que os adolescentes possuem.....	97
Figura 5-	Print A.....	112
Figura 6-	Print B.....	112
Figura 7-	Print C.....	113
Figura 8-	Tempo sem Internet.....	125

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1-	Entrada principal do CNSA, que fica em frente à Praça Maria Auxiliadora.....	72
Imagem 2-	Continuação da entrada principal do CNSA e estacionamento, em frente à Praça Maria Auxiliadora.....	72
Imagem 3-	Lateral do CNSA, lado da Av. Guararapes.....	73
Imagem 4-	Pátio do CNSA com fonte central.....	74
Imagem 5-	Mostruário de premiações olímpicas 1.....	75
Imagem 6-	Mostruário de premiações olímpicas 2.....	75
Imagem 7-	Mostruário de premiações olímpicas 3.....	76
Imagem 8-	Diretoras do CNSA.....	78
Imagem 9-	Mostra o início da plataforma, disponibiliza a opção que o professor quer selecionar, se é abrir o livro didático, literatura infanto-juvenil, boletim salesiano, entre outros.....	79
Imagem 10-	Página interna do livro de Língua Portuguesa. Exibe ícones na lateral esquerda revelando os “conhecimentos extras” que os alunos podem obter.....	80

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Classificação e definição dos letramentos digitais.....	43
Quadro 2-	Guia dos instrumentos utilizados e participantes.....	59
Quadro 3-	Participantes e quantidade.....	62
Quadro 4-	Identificação dos participantes.....	65
Quadro 5-	Especificação do ambiente escolar.....	70
Quadro 6-	Sobre a formação educacional do indivíduo.....	74
Quadro 7-	Encontros e atividades realizadas no recolhimento de dados (Grupo focal).....	83
Quadro 8-	Vozes dos alunos evidenciadas nas rodas de conversa (grupo focal).....	99
Quadro 9-	Participação em grupos de rede social.....	103
Quadro 10-	Aspectos dos ambientes virtuais, segundo as professoras/coordenadoras e observações.....	104

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1-	Percepção dos estudantes adolescentes sobre a quantidade de horas na internet.....	98
Gráfico 2-	Mídias mais acessadas pelos adolescentes.....	100
Gráfico 3-	Rede(s) Social(is) de maior interesse dos adolescentes.....	101

## LISTA DE SIGLAS

<b>ADMA</b>	Associação de Maria Auxiliadora
<b>AVA</b>	Ambiente Virtual de Aprendizagem
<b>CC</b>	Conhecimento de Conteúdo
<b>CNSA</b>	Colégio Nossa Senhora Auxiliadora
<b>CP</b>	Conhecimento Pedagógico
<b>CT</b>	Conhecimento Tecnológico
<b>CCP</b>	Conhecimento de Conteúdo Pedagógico
<b>CCT</b>	Conhecimento de Conteúdo Tecnológico
<b>CPT</b>	Conhecimento Pedagógico Tecnológico
<b>CPCT</b>	Conhecimento Pedagógico, de Conteúdo e Tecnológico
<b>CTP</b>	Conhecimento Tecnológico e Pedagógico
<b>EF</b>	Ensino Fundamental
<b>EM</b>	Ensino Médio
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases
<b>MDD</b>	Material Didático Digital
<b>MEC</b>	Ministério da Educação e Cultura
<b>PCNs</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PE</b>	Pernambuco
<b>RSB</b>	Rede Salesiana Brasil
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>TDIC'S</b>	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

## SUMÁRIO

<b>1 ABRINDO A DISCUSSÃO</b> .....	16
<b>2 AMBIENTE ESCOLAR, FORMAÇÃO LINGUÍSTICA E LETRAMENTO DIGITAL</b> .....	25
2.1 FORMAÇÃO LINGUÍSTICA DIGITAL, MODOS DE LEITURA E SUBJETIVIDADE.....	25
2.2 DIÁLOGOS E REFLEXÕES SOBRE LETRAMENTO.....	32
2.3 LETRAMENTO DIGITAL.....	36
2.4 EDUCAÇÃO ESCOLAR E TIC'S NA CIBERCULTURALIDADE.....	45
<b>3 ESCOLHAS METODOLÓGICAS</b> .....	54
3.1 A NATUREZA EPISTEMOLÓGICA DA PESQUISA.....	54
3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA: ESTUDO DE CASO.....	56
3.3 INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS.....	57
3.4 LÓCUS DA PESQUISA.....	61
3.5 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	62
<b>3.5.1 Alunos</b> .....	62
<b>3.5.2 Professoras</b> .....	63
<b>3.5.3 Coordenadoras</b> .....	64
3.6 PASSOS DA AQUIESCÊNCIA E NOMEAÇÃO DOS PARTICIPANTES..	64
3.7 RECURSO NO TRATAMENTO DOS DADOS.....	65
<b>4 REVELANDO DADOS, ANÁLISES E RESULTADOS</b> .....	68
4.1 DESCORTINANDO O CAMPO E OS INTEGRANTES DA PESQUISA...	68
<b>4.1.1 CNSA: Reduto formativo, localização, história e atuação</b> .....	68
4.2 O RECRUTAMENTO E CONTATO COM OS DISCENTES.....	81
4.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS.....	85
<b>4.3.1 Alunos Adolescentes</b> .....	85
<b>4.3.2 Professoras</b> .....	87
<b>4.3.3 Coordenadoras</b> .....	88
4.4 ABRINDO O CONTATO COM AS DOCENTES E COORDENADORAS...	89
4.5 EMBARCANDO NOS “ACHADOS” E CAMINHOS QUE A PESQUISA APRESENTOU.....	92
4.6 FORMAÇÃO LINGUÍSTICA DOS ADOLESCENTES: LAÇOS E EMBARAÇOS NA CONTEMPORANEIDADE DIGITAL.....	97
4.7 PRINCIPAIS ELEMENTOS NA PRÁTICA DISCURSIVA DOS ADOLESCENTES NA CULTURA DIGITAL.....	110
4.8 DESEMPENHO ESCOLAR DOS ALUNOS ADOLESCENTES, ASPECTOS NOMOFÓBICOS E A INTERATIVIDADE DIGITAL.....	121
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:</b> .....	130

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>136</b>
<b>APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....</b>	<b>145</b>
<b>APÊNDICE B- MODELO DE QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>154</b>
<b>APÊNDICE C- ROTEIROS DE ENTREVISTAS.....</b>	<b>158</b>
<b>ANEXO A- PARECER CEP.....</b>	<b>162</b>

## 1 ABRINDO A DISCUSSÃO

A sociedade tem vivenciado o acesso cada vez mais rápido à informação e à consequente ampliação das possibilidades de comunicação e às práticas letradas viabilizadas pelas tecnologias. As pessoas já estão tão habituadas com alguns “confortos tecnológicos” que, na maioria das vezes, não conseguem se imaginar sem eles. Seja para fazer uma simples lista de planejamento de tarefas diárias (supermercado, materiais escolares, organização do lar, entre outras), como para realizar tarefas mais complexas, como efetuar transações bancárias por aplicativos, não sendo necessário ir ao banco fisicamente para realizá-las, ou conseguir a localização de uma pessoa e ir encontrá-la sem passar horas em um mapa de papel, ou ainda construir trabalhos acadêmicos somente por meio do digital, enfim, estamos praticamente “reféns” das tecnologias, ao ponto de dependermos das mesmas todos os dias.

Nessa conjuntura, a diversidade de aparelhos que permitem o acesso à internet tem colocado o conceito da computação ubíqua – também conhecida como web pervasiva; a mesma tem o objetivo de tornar a internet e a tecnologia como parte da vida das pessoas, incorporando a relação homem e máquina.

Foi através de Mark Weiser (1991) que esse conceito de ubiquidade foi usado originalmente, na década de 1990, e se refere à presença constante da informática e tecnologia no cotidiano das pessoas. A ubiquidade na web, combinada à tendência da mobilidade que se torna mais forte a cada dia, deve, em um futuro bem próximo, transformar o modo como nos relacionamos e utilizamos os objetos comuns do nosso dia a dia.

Toda essa conectividade impacta na vida social, bem como, na linguagem, leitura e escrita, mediadas pelas tecnologias digitais, pois um novo jeito de comunicar-se passou a fazer parte da sociedade. Estar inserido nesta era digital implica utilizar determinadas ferramentas – e possuir determinadas competências demandadas por esses artefatos – que possibilitem ao sujeito responder às exigências sociais estabelecidas, bem como, refletir sobre suas responsabilidades como parte integrante da sociedade na qual está inserido. Assim, o ideal é que as interações de aprendizagem realizadas por meio da internet possuam objetivos estabelecidos, de maneira que atenda o principal – que é o aprimoramento do conhecimento e à capacidade de intervir nas diversas situações problemáticas do

cotidiano.

Nós educadores jamais vimos tantas transformações no ensino da leitura e da escrita com o advento da internet, visto que a linguagem escrita e falada são fontes propagadoras de conhecimento. No entanto, acompanhar as mudanças ocorridas nesse âmbito tornou-se importante, tendo em vista que o avanço das tecnologias digitais tem afetado esse panorama global e educacional.

A linguagem assume uma posição hierárquica superior, de modo que permite nomear, criar e transformar o universo real, mas também possibilita trocar experiências, falar sobre o que existiu, do que virá a existir, e até mesmo imaginar o que não precisa e não pode existir. A linguagem verbal é a matéria do pensamento e o veículo principal da comunicação social. Assim, como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação. Logo, não há nenhum processo de ensino e aprendizagem, nem vida social, sem essa via de mão dupla.

Durante todo o período escolar as construções cognitivas são desenvolvidas, entretanto, na fase da adolescência há um aumento dessa formação, pois nessa faixa etária há a compreensão de assuntos subjetivos e o fortalecimento de conteúdos já vivenciados. Desse modo, podemos dizer que as práticas de leitura e escrita nessa fase podem ser potencializadas ou não, de acordo com as percepções adquiridas individualmente e coletivamente.

Outro acréscimo ao processo de aprendizagem do(a) adolescente ligados à leitura e escrita é o acesso à internet, pois as diversas mídias digitais despertam o interesse e acende o desejo de experimentarem as muitas possibilidades da comunicação e as facilidades na realização das atividades.

Durante dez anos no exercício da docência na disciplina de Língua Portuguesa; e após eu vivenciar de maneira mais intensa a inserção das tecnologias na educação (especialmente com o material didático digital - MDD); nasceu em mim motivações investigativas quanto à utilização dos recursos digitais e o acesso delas à internet. Passei a ver esse cenário de forma analítica, ou seja, comecei a perceber que o uso das tecnologias digitais poderia impactar na formação linguística dos adolescentes, já que esse símbolo da informação e do conhecimento está muito presente na vida deles. O fato dos jovens destinarem um longo tempo à conexão em rede, passou a ser um ponto determinante na busca pelos processos de aprendizagem, pois as distrações e o baixo rendimento escolar eram/são fatores sempre presentes no dia a dia estudantil.

Assim, também é importante pensar sobre o papel destas práticas sociais dentro da escola e fora dela, já que os adolescentes vivem um turbilhão de mudanças (físicas, emocionais, cognitivas), logo, existe a necessidade de um amadurecimento, de forma que possam avaliar o tempo e o uso das tecnologias digitais.

Tal juventude caminha sem muita distinção quanto aos momentos que devem usar os recursos digitais, especialmente no âmbito da construção dos saberes, no que tange à leitura e escrita. Existem normas linguísticas que foram/são aprendidas na escola, e que muitas vezes são ignoradas em detrimento de uma linguagem digital. Tal linguagem pode ser entendida pela mistura de diversas semioses, na produção e interação entre os usuários na comunicação. E esse conjunto de sentidos produz e renova outros conhecimentos, especialmente na transmissão das mensagens e informações.

O “internetês” em si não faz mal nenhum; pois a criatividade humana tem inventado diversos tipos de escrita. Isso é uma característica da própria comunicação, que com a evolução do tempo foi sofrendo modificações. Contudo, o problema é o modo como manejamos a linguagem, como nos relacionamos com ela, ou seja, de que maneira compreendemos e concebemos o mundo. Nessa inter-relação, a língua e a linguagem não estão separadas. Desse forma, saber e fazer uso das normas da língua são pré-requisitos em determinadas situações sociais.

No panorama atual, é a partir do digital que devemos questionar como os adolescentes poderão desenvolver habilidades de selecionar, produzir, compartilhar, armazenar e criar conhecimentos relevantes para seu crescimento intelectual. Sem dúvidas as orientações e atividades que construam tais capacidades são/serão peças-chave nesse processo que tem apenas início e não fim. Diante dessa contemporaneidade, a dinâmica de leitura e escrita na formação de cada adolescente caminha por níveis diferentes, tendo em vista à relação com o tempo e o uso da internet.

Nesse sentido, imersos nessa cultura digital, os jovens do século XXI são os mais atingidos pela grande atratividade, variedade de aplicativos e quantidade de informação – a inerente velocidade, frivolidade, superficialidade que se embute nessa informação – já que deram seus primeiros passos já envolvidos por diferentes recursos tecnológicos, o que lhes oportunizou uma participação ativa no campo da leitura, escrita e linguagem digitais, mas, muitas vezes fazem coisas que nem

compreendem ainda.

Diante desta realidade, a escola encontra-se frente ao desafio de desenvolver um trabalho voltado para as práticas sociais da leitura e escrita, no cenário digital, ou seja, associar as habilidades tecnológicas que aluno adolescente já carrega no âmbito da cibercultura e levá-lo ao uso construtivo, de maneira interventiva na sociedade. Deste modo, é importante entender letramento digital por

Práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e tablets, em plataformas como e-mails, redes sociais na web, entre outras [...] Ser letrado digital implica saber se comunicar em diferentes situações, com propósitos variados, nesses ambientes, para fins pessoais ou profissionais. [...] Outro aspecto saliente em ambientes digitais é a multimodalidade, ou seja, as informações são apresentadas usando não apenas elementos linguísticos como palavras, frases, mas também animações, vídeos, sons, cores, ícones. Saber ler e produzir textos explorando essas linguagens faz parte das competências dos digitalmente letrados, com exigências sociais e motivações pessoais cada vez mais precoces (COSCARELLI; RIBEIRO, 2005, n. p.).

Por um lado há uma multiplicidade de artefatos que possibilitam que essas informações estejam disponíveis a um click, por outro, essa gama de transformações tecnológicas descortinam um cenário em que desafios, possibilidades e perdas caminham juntos e impactam não só o processo ensino aprendizagem escolar, na formação linguística, mas também na sociedade de modo geral. Para tanto, é importante considerar o uso da mídia e linguagem digitais envolvidas, pois

Nessa nova linguagem também podemos constatar o derramamento de termos da informática, uma contenção de caracteres digitados e um descaso com as normas gramaticais da Língua Portuguesa. Quando surgiu a linguagem peculiar dos jovens na internet, já começou a influência da escrita do adolescente internauta em sala de aula e a preocupação dos educadores [...] (HAMZE, 2010, p. 21).

Nesse contexto, o uso das tecnologias digitais na escola significa uma re-elaboração no entendimento; à medida que se deixa de lado uma visão ingênua em acreditar que as tecnologias atuais trazem apenas benesses ou propalar que as mudanças advindas dessas tecnologias são as mais significativas, uma vez que toda mudança tecnológica se insere em um contexto sociohistórico e cultural, provocando alterações no contexto em que esse artefato faz parte.

O uso da internet no processo pedagógico tem rompido as paredes da escola, tanto para o aluno quanto para o professor, de forma que tem havido a propagação de novas realidades, linguagens e culturas diferentes; de sorte que o desenvolvimento das aprendizagens têm-se apresentado multifacetado.

Segundo Soares (2009), letramento é a capacidade de ler e escrever – intervindo no social através desses desempenhos adquiridos; não obstante, o letramento digital deve atingir esses objetivos usando a tecnologia na sala de aula, atendendo os graus e as exigências desse letramento (os quais serão explicados no capítulo seguinte).

Lemos (2005) diz que a internet é hoje uma gigantesca máquina de contato e de troca de informações. Assim, é preciso pensar nas mídias como um complexo de ferramentas de enriquecimento cognitivo, de maneira que o aluno não seja apenas um simples espectador, mas um sujeito ativo, um explorador autônomo e um autor na comunicação midiática e outras relações sociais.

Na contemporaneidade, segundo Lévy (1996), o ciberespaço é o novo ambiente de sociabilidade e arranjo social, mas também novo espaço da informação e do conhecimento: local onde surgem e se multiplicam as tecnologias digitais e seus usos. Apesar da vida do adolescente ser bem familiarizada com a conexão por meio dos artefatos digitais; para muitos, a intensa interação nesse meio pode, no entanto, deixá-lo limitado ao lazer, à distração e à vulnerabilidade, tanto quanto à insegurança. As mudanças que vêm ocorrendo na sociedade e, conseqüentemente, no contexto escolar dos jovens têm despertado cada vez mais o interesse e necessidade de buscar recursos transformadores para metodologias do trabalho pedagógico, tornando-se este movimento cada vez mais desafiador.

De acordo com Prado (2005), embora a tecnologia digital seja um elemento da cultura bastante expressivo, ela precisa ser devidamente compreendida em termos das implicações do seu uso no processo de ensino e aprendizagem. Diante da amplitude das discussões que envolvem a cultura digital, o ciberespaço e os letramentos digitais inerentes a essa realidade, não podemos pensar que ser letrado digitalmente se restringe à capacidade que tem o indivíduo de operar dispositivos digitais em geral.

Seguindo essa ótica, a escola tem diversas missões, além de assumir a tarefa de promover o desenvolvimento linguístico diversificado, incluindo expor os educandos à leitura e à escrita. Porém, muitas vezes os alunos não têm em sua

prática cotidiana tal realidade por diversos fatores, entre os quais as próprias distrações proporcionadas pelo digital. Dessa maneira, a interatividade digital na vida dos adolescentes é amplamente atrativa e merece um olhar especial, tendo em vista as novas formas de se comunicar, para além das regras da norma culta. Diante desse cenário, é comum ouvirmos comentários como: “os jovens não sabem escrever” ou “falta leitura na vida dos jovens”.

Frente aos paradoxos de tal contexto, busquei fazer um estudo acerca das repercussões da linguagem digital na vida escolar dos adolescentes e jovens, sob uma perspectiva educacional, de forma que dialogue com a formação linguística dos discentes, sem perder de vista o processo formativo da cognição, que inclui a sociabilidade geral que ocorre para além da escola. A realidade social constituída pelo digital gerou um crescimento acelerado na utilização das novas formas de linguagem, principalmente pelo público infanto-juvenil; então, é necessário que a escola esteja preparada para assumir seu papel diante desse novo cenário; e, que os profissionais da educação explorem essas novas formas de linguagem, auxiliando efetivamente seus alunos a se tornarem aptos a utilizar os artefatos tecnológicos de forma crítica e consciente.

Para Marcuschi (2010, p. 198), “[...] mais do que em qualquer outra época, hoje proliferam gêneros novos dentro de novas tecnologias, particularmente da mídia eletrônica”. Por isso, é importante questionarmos quais são os desafios do/no processo de leitura e escrita; e se a escola está preparada para esse novo tipo de letramento no campo digital.

Foi através de indagações como essas, que durante os anos da minha prática docente, fui visualizando a postura dos adolescentes nessa cultura digital, e pude perceber as inúmeras vezes que o aparelho digital foi um problema no processo de aprendizagem. Ao mesmo tempo, pude ver que tal artefato também promovia várias possibilidades, no entanto, a sua utilização de forma consciente era/é o grande xis da questão.

Cada vez mais a presença da cultura do digital tem afastado os jovens das práticas de leitura e escrita (letramento), de modo que as argumentações e o senso crítico têm sido enfraquecidos. Dessa maneira, o processo de ensino-aprendizagem tornou-se um grande desafio no contexto dos adolescentes, já que eles se distraem facilmente com as inúmeras possibilidades dos conteúdos online.

Muitas vezes, a linguagem escrita (regida pelas normas gramaticais) é

deixada de lado, pelo fato dos jovens preferirem um *meme* ou figurinha para expor seus pensamentos. Sabemos que a representação imagética transmite uma mensagem, entretanto, quando os adolescentes optam majoritariamente por este tipo de comunicação, tende a deixar a linguagem lânguida de argumentações. No geral, a discussão deles não passa de clichês e não avança muito, pois prevalece a *gaiatice* e figuras criadas em prol da brincadeira.

Nesse sentido, o diálogo escrito tem ficado em segundo, terceiro ou quarto plano, porque dá mais trabalho para estruturar. E, dessa forma, vai se perpetuando uma geração de pessoas que usam uma linguagem baseada em imagens recriadas (ou em áudios, como uma espécie de nova oralidade), sem a preocupação de expressar suas ideias através de argumentações escritas. O fato da tecnologia estar cada vez mais à disposição; abriu-se um espaço para a subjetividade de ideias, e com ela cresceu a informalidade na sociedade contemporânea. Com isso, a leitura e a escrita também foram afetadas, já que a profundidade e a qualidade nas leituras têm diminuído. Isso pode ser constatado pela forma como a juventude expressa suas ideias, nos contextos *online* ou *off-line*.

Assim, através dessas percepções e da minha experiência enquanto docente há dez anos, foi possível notar como a cultura digital está proeminente na vida dos jovens e como esse panorama está alterando a relação com a linguagem, a escrita, a leitura e a tantos outros conhecimentos formais com os quais a escola trabalha. Inquietações vieram sobre mim quanto aos processos discursivos e práticas nesta era digital, tendo em vista que essa realidade se expressa de modo particular dentro das instituições escolares e criam demandas específicas para essas, que se ajustam de modos distintos à elas, com maior ou menor condição de propor mediações pedagógicas coerentes e atualizadas frente a isso.

De igual modo, conduzida por questionamentos e leituras, é válido dizer que

O dilema de colocar um problema de pesquisa e de formular suas questões é exatamente o fato de que uma questão de pesquisa – por mais que venha movida a inumeráveis dores e delícias pessoais e/ou profissionais, experimentadas no curso de nossas vidas – deverá sempre assentar-se em argumentações que demonstrem o nível de “iniciação” do proponente, ou seja, uma pesquisa jamais é totalmente exterior ao contexto acadêmico e institucional no qual se ancora (PINZOH, 2012, p. 34).

Nesta perspectiva de “fazer pesquisa”, este estudo foi organizado tendo como

questionamento central: De que forma o contexto atual da era digital influencia na formação linguística dos adolescentes? Acrescida a essa pergunta, o objetivo geral foi analisar as implicações do digital na formação linguística de adolescentes de classe média, alunos de uma escola privada de Petrolina-PE, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Além disso, as repercussões nas práticas pedagógicas desta escola, procurando dar conta de compreender os paradoxos no fazer pedagógico desde os agentes educativos (coordenadoras, professoras) aos adolescentes da escola mencionada.

Norteadas por essa questão e pelo objetivo de geral já mencionados, busquei de modo específico, estudar o uso da linguagem digital na formação linguística dos adolescentes na contemporaneidade; investigar a prática discursiva dos adolescentes na cultura digital e suas implicações no desempenho escolar do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora; e identificar os principais elementos presentes no uso da linguagem digital desses adolescentes.

Perseguindo tais objetivos, o lócus selecionado para o desenvolvimento desta pesquisa foi o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, situado na cidade de Petrolina-PE, que atende um público de classes médias/emergentes. Tal escolha tem a ver com o fato dela utilizar material didático digital próprio, da Editora Edebê<sup>1</sup> Brasil, adotado pelo colégio desde 2014, de maneira que reúne condições de se modernizar em termos tecnológicos, tendo que equilibrar a evolução tecnológica com a orientação tradicional pedagógico-religiosa que lhe é inerente, por ser uma escola católica. Atrelado a isso, o fato do exercício da minha docência nessa instituição favoreceu na seleção.

Certamente as pesquisas que foram/são desenvolvidas no campo desta temática têm auxiliado à educação, nas práticas pedagógicas, tendo em vista essa cultura digital, que inevitavelmente desencadeou uma linguagem própria, através do uso das tecnologias digitais. Tal linguagem está inserida nos processos discursivos perpassados pelas diversas mídias. É uma nova realidade linguístico-textual – o hipertexto – que propõe um novo olhar para o processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita como prática social.

Sendo resultado da pesquisa que empreendi na escola mencionada, nos anos de 2018 e 2019, o presente trabalho está organizado em quatro capítulos, a saber: o

---

<sup>1</sup> Ver: <https://www.edebe.com.br/>.

**Capítulo 1**, a introdução nomeada como **Abrindo a discussão** apresenta a intencionalidade deste estudo, o **Capítulo 2** trata das bases teóricas e está intitulado de **Ambiente escolar, formação linguística e letramento digital**, onde abordo as concepções teóricas que sustentam esta pesquisa, distribuídas em quatro subtópicos, denominados: **2.1. Formação linguística digital, modos de leitura e subjetividade; 2.2 Diálogos e reflexões sobre letramento; 2.3. Letramento digital; e, 2.4. Educação escolar e TDIC'S na Ciberculturalidade**. Esses subtópicos fundamentam toda a problemática deste estudo, por meio de autores que tratam dos temas já mencionados.

No **Capítulo 3**, nomeado de **Percorso Metodológico**, abordamos a natureza epistemológica da pesquisa, discorrendo sobre o contexto investigado, as particularidades do *locus* da pesquisa, descrevendo os participantes colaboradores. Apresento, ainda, os procedimentos realizados para a coleta de dados, a sistematização dos mesmos e, por fim, os instrumentos de análise.

Já, no **Capítulo 4**, apresentamos os **resultados desta pesquisa**, descrevendo as fontes e os dados encontrados durante a pesquisa, e fazendo as devidas análises desses dados, contrastando com os teóricos utilizados neste estudo. Há um delineamento sobre o uso das tecnologias digitais no contexto escolar e do adolescente, e quais efeitos na formação linguística/cognitiva tem-se apresentado no âmbito escolar. Ainda neste capítulo, é possível constatar como tem sido a utilização dos recursos tecnológicos no âmbito educacional, envolvendo as práticas letradas e como os adolescentes e jovens alunos reagem à elas, ou seja, como a realidade do digital repercute nas práticas escolares. Na sequência, as **Considerações Finais**, onde procuramos dar um fechamento àquilo que conseguimos com esta pesquisa, e por fim, as referências, apêndices e anexos.

## 2 AMBIENTE ESCOLAR, FORMAÇÃO LINGUÍSTICA E LETRAMENTO DIGITAL

*A palavra é muito mais  
 Que um som articulado  
 Que um meio de comunicação  
 Que uma dicção  
 Um conjunto de letras e fonemas  
 ... Um termo vocábulo...  
 A palavra é acima de tudo  
 Um veículo que transporta  
 Toneladas de expressões  
 Uma infinidade de linguagem  
 Milhares de significados intrínsecos...  
 Porque é através da palavra  
 Que manifestamos ideias [...]  
 Nildo Lage*

Este capítulo apresenta nas subseções que seguem, aspectos teóricos ligados à formação linguística digital, modos de leitura e subjetividade; diálogos e reflexões sobre letramento; letramento digital; e educação escolar e TDIC's na ciberculturalidade. Esses subtópicos fundamentam toda a problemática deste estudo, por meio de autores que tratam dos temas mencionados.

### 2.1 FORMAÇÃO LINGUÍSTICA DIGITAL, MODOS DE LEITURA E SUBJETIVIDADE

As relações interpessoais e interculturais da sociedade do século XXI vêm sendo modificadas ao longo do tempo. Grande parte dessa alteração foi ocasionada pelo surgimento das diferentes mídias digitais. O fato de termos muito acesso à inúmeras informações provoca em nós a sensação de que estamos desinformados, porque muitas vezes não conseguimos acompanhar esse ritmo tão acelerado de assuntos veiculados, através das mídias. Desse modo, a linguagem também vem se modificando à medida que as tecnologias digitais predominam no dia a dia das pessoas.

É sabido que a comunicação/interação entre as pessoas se inicia desde a mais tenra idade. Por meio dos gestos, do olhar e do ouvir, a criança vai formando a oralidade. À proporção que acontecem mais interações, o(a) infante passa a fazer uso dos processos discursivos, pois a língua é produzida na medida que se pratica essa interação, com regras tanto na oralidade, como na escrita.

Com o passar do tempo, a criança atinge a idade escolar, momento em que

ela terá contato com o funcionamento propriamente dito da língua escrita, onde ela passará a conhecer os signos alfabéticos, as letras e outros elementos gráficos, o posicionamento das letras na formação das palavras, o comportamento das palavras na construção de frases, bem como as normas para desempenhar a prática da escrita. Durante essa aquisição da escrita, composta por normas, a criança vai formando conhecimentos a respeito do sistema comunicativo através da linguagem, tanto oral como escrita, momento que ela vai entendendo que precisa de certo domínio nas regras da língua. E então, mais tarde, já adolescentes, começam a ganhar maior percepção, compreendendo que a escrita e a leitura dependem de um conjunto de outros conhecimentos; que capacitam esses jovens a intervir na realidade social e nas questões da vida. Tais competências os habilitam a terem posicionamentos enquanto indivíduos equipados linguisticamente.

Na conjuntura atual em que vivemos, ou seja, saindo da cultura do papel, nos deparamos com uma realidade modificada ao compararmos com algumas décadas atrás. Nossa sociedade, está vivendo variados avanços tecnológicos, o que acaba exercendo grande influência em todos os aspectos, de maneira especial, na língua. O progresso da Internet no mundo tem alterado os costumes da população, inclusive as formas e recursos utilizados para nos comunicarmos. Diante disso, as formas de ler e escrever já não são mais as mesmas.

Ao mesmo tempo em que as tecnologias são produto das sociedades e culturas, elas contribuem para a formação delas, na medida em que as afetam e impactam seus indivíduos. As tecnologias contemporâneas influenciam os modos de pensar, sentir, agir e enxergar o mundo (KENSKI, 2007). Os autores Barton e Lee (2015) afirmam que

Com o foco na linguagem *online*, vemos a mudança tecnológica como parte central da globalização, mas é importante perceber que ela é um fator dentre um conjunto de fatores interligados que está transformando muitos aspectos da vida contemporânea. Todas essas mudanças, segundo os referidos autores, produzem impacto não só na política, economia e formas de relação, como também na própria linguagem e nas práticas comunicativas (BARTON; LEE, 2015, p. 53).

Agregando ao exposto por Barton e Lee; o estudo de Silva (2010) aponta que a cultura escrita que o aluno adolescente traz, envolve conhecimentos variados e heterogêneos, originados dos grupos sociais, dos quais ele participa. Por exemplo,

os adolescentes se utilizam de palavras cifradas tbm (também), vc (você), + (mais), ksa (casa), kda (cada), msg (mensagem), hj (hoje), pse (pois é), cmg (comigo), entre outras, para comunicar-se com os amigos nos blogs, chats, redes sociais virtuais. O espaço digital tem apresentado formatos diferentes na conversação, um exemplo disso são as figurinhas, os emojis, os memes, que muitas vezes são construídas com imagens deles mesmos, e acabam sendo incorporados à comunicação e à linguagem. Os áudios também são fartamente utilizados para agilizar a conversa e não ter que digitar. O imediatismo e a facilidade são características fortes no público adolescente.

De acordo com Ribas et al (2007), a criança e o(a) adolescente encontram-se dentro dessa cultura digital. Eles nascem inseridos nessa conjuntura, diferentes de seus pais e professores que sentem certo receio e, muitas vezes, dificuldades em adaptar-se ao novo, os jovens são seres que fazem parte dessa geração digital, isto é, são marcados pelo avanço tecnológico de grandes proporções e, nascidos nela, por isso, a inserção deles é tão natural.

A formação linguística digital dessas novas gerações também acaba sendo entrelaçada com o processo educativo, pois é possível perceber o uso da tecnologia como ferramenta de estímulo no desenvolvimento do educando (especialmente dos adolescentes), nas técnicas e habilidades digitais. Ao mesmo tempo, isso tem gerado alterações nas relações de leitura e escrita dos jovens, visto que eles têm incorporado elementos do digital que modificam as práticas discursivas.

Santaella (2004) discute o leitor como um navegador – por outras páginas, buscando as informações mais interessantes ou adequadas para o contexto em que está inserido. Inclusive, a pesquisa pode ser permeada por meio de vídeos, imagens, sons e uma infinidade de mídias, as quais levam o educando à prática de uma linguagem educacional digitalizada.

Diante dessa realidade, percebe-se que os adolescentes pertencem a uma espécie de “tribo”, ao ponto de terem sua linguagem própria, pois a comunicação adotada nas “redes” requer habilidades de escrita rápida para essa “geração net”, o que cria uma solução intermediária de comunicação, provocando muita preocupação aos estudiosos (AMARAL, 2003). Partindo dessa premissa, a linguagem, que é uma manifestação cultural, é produzida e utilizada por todos em variados momentos, de acordo com as necessidades dos indivíduos. Dessa forma, nota-se que a conversação está inserida na cultura social e é produto de um processo histórico

sendo reinventada sempre que utilizada. A linguagem não é apenas o resultado de uma interação social, mas é também, parte da condição humana; pois ela dá ao indivíduo poder de argumentação, de leitura e a explicação da realidade.

Se observarmos na história, é possível perceber que desde os tempos mais remotos o homem utilizava de imagens para deixar registrado um acontecimento e automaticamente estabelecer uma comunicação. Então, o fato de termos diálogos marcados por tantas imagens nos remete também ao que já foi vivido no passado, porém sem os diversos recursos e variações que temos hoje. Assim, quanto ao uso dos *emojis* nas conversações, é possível dizer que eles se tornaram uma língua franca para determinados usuários de mensagens de texto e mídias sociais. Dentro de uma mesma cultura, assim como as palavras, os significados dos *emojis*<sup>2</sup> podem ter variações de significado sutis, dependendo do contexto.

Já em se tratando do *meme*, é possível considerá-lo como um fenômeno de “*viralização*” de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase ou ideia que se espalhe entre vários usuários, rapidamente, alcançando muita popularidade. Segundo Santos (2015, p. 15), “[...] a ideia de *meme* pode ser resumida por tudo aquilo que é copiado ou imitado e que se espalha com rapidez entre as pessoas”. Como a internet tem a capacidade de atingir milhões de pessoas em alguns instantes, os *memes* de internet podem também ser considerados como informações *virais*. Mas, qual a origem do *meme*?

O nome “*meme*” surgiu em 1976 com a publicação do livro “O Gene Egoísta”, do autor Richard Dawkins. Naquele ano, este estudioso, amparado na teoria darwiniana da evolução natural, criou um pressuposto teórico da memética. Para o autor, “*meme*” é um par análogo ao “*gene*”, termo cunhado no início do século XIX no surto cientificista. Enquanto um *gene* é uma representação biológica, natural e componente orgânico do ser humano, um *meme* seria o seu correspondente puramente cultural, em voga, social. A teoria memética se fundamentaria na ideia de evolução cultural, transformação e reconstituição de sociedades. Para Dawkins, a sociedade passa por mudanças significativas e várias dessas mudanças constituem aspectos que vão construir e reconstruir traços culturais da sociedade vigente (SANTOS, 2015, p. 16-17).

Hoje, praticamente, tornou-se impossível ler textos observando apenas a mensagem escrita. Neles encontram-se facilmente, além da linguagem verbal, uma

---

<sup>2</sup> Os emojis são imagens de personagens produzidas no Japão, na década de 90 e destinadas ao uso em dispositivos móveis com acesso à internet. A função primária dos emojis está ligada à expressão de emoção, e são usados em mensagens de texto de mídias sociais variadas (OLIVEIRA et al, 2018).

linguagem visual que tem influenciado e modificado tanto os modos de leitura quanto os de escrita. As formas de discurso através da tecnologia digital podem ser um descompasso na formação linguística, já que esses diálogos via internet nos inserem numa realidade mutante.

Dessa maneira, a comunicação está imbricada com a tecnologia digital, e, conseqüentemente, no processo de escolarização. O educando tem contato com o letramento digital desde cedo, mesmo que não conheça o conceito do termo. As atividades de escrita e leitura têm sido realizadas menos pela cultura do papel; pois a realidade cibercultural tem intensificado essas ações pelos recursos digitais.

As práticas de letramento digital produzem efeitos diversos em condições diferentes e estão enraizadas em concepções de conhecimento, identidade e existência. O que vai delineando essas características nos fazem compreender a cultura e a história das tecnologias, pois o desenvolvimento humano e tecnológico de cada época da civilização, acabou ampliando o conhecimento, e, conseqüentemente, novos inventos.

Para Ramal (2002), a Internet transformou a situação da linguagem em pragmatismo. Atualmente, há interlocutores ligados a uma rede, numa relação nova com os conceitos de contexto, espaço e tempo de mensagens. Vive-se um momento em que a velocidade é protagonista da cibercultura. Mediante essa situação, o indivíduo cria formas linguísticas para atender à nova demanda. A autora acima citada, ainda pontua que a conexão simultânea dos atores da comunicação em uma mesma rede implica em novas formas de ler, escrever, pensar e aprender. Nessa perspectiva, a leitura linear e sequencial é deixada um pouco de lado, já que há conexão em várias direções.

Faz-se necessário levar em consideração que o conceito de novas tecnologias é variável e textual, podendo até ser confundido com o conceito de inovação, uma vez que, com o rápido desenvolvimento tecnológico torna-se difícil estabelecer um limite de tempo para considerarmos algo como novo ou ultrapassado, bom ou ruim. Falar de tecnologia na atual conjuntura que se vive, embora esqueçamos muitas vezes, deve referênciar aos processos e aos produtos relacionados com os conhecimentos de eletrônica, microeletrônica e telecomunicações. Para Kenski (2007),

O surgimento de um novo tipo de sociedade tecnológica é determinado principalmente pelos avanços das tecnologias digitais de comunicação e informação e pela microeletrônica. Essas novas tecnologias – assim consideradas em relação às tecnologias anteriormente existentes – quando disseminadas socialmente, alteram as qualificações profissionais e a maneira como as pessoas vivem cotidianamente, trabalham, informam-se e se comunicam com outras pessoas e com todo o mundo (KENSKI, 2007, p. 22).

Além de Kenski, Teixeira (2012) também afirma que o uso da comunicação através da Internet acabou por desenvolver a necessidade de uma linguagem própria, que satisfizesse o universo cibernético. A rapidez do que se quer dizer, assim como, o fato de se comunicar com várias pessoas ao mesmo tempo, possibilitou a criação de uma linguagem específica que favorecesse as relações. Essa é uma linguagem ampla utilizada pelos usuários na Internet, como uma das formas de comunicação existente e que deve ser reconhecida como tal. Outros consideram tal linguagem um fator de empobrecimento da gramática e da forma de comunicação. Segundo Penido (2013), a internet vem sendo usada cada vez mais nas escolas como uma ferramenta pedagógica, que traz maior número de informações aos alunos, de maneira mais rápida do que se fossem pesquisadas em livros.

Porém, o uso constante pelos discentes adolescentes pode causar vícios e provocar um descompasso na *formação linguística*, pois entende-se que as práticas de leitura e de escrita são resultados dessa construção. A leitura está intimamente ligada à língua, ao conhecimento linguístico, já que lemos textos verbais constantemente, e cada vez de forma mais diversificada, em nosso cotidiano. O uso da tecnologia digital tem alterado modificado a linguagem, de forma que criam-se abreviaturas, maneiras de marcar aspectos gramaticais e pragmáticos são inventadas, mesclam-se linguagens (em especial as imagéticas com as verbais). No geral, faltam ao jovens uma preocupação em formular argumentos mais sólidos, porque houve pouca profundidade de leitura e avaliação de conteúdo. Isso acaba manifestando-se em uma linguagem enfraquecida nos discursos.

Outra questão que necessita ser considerada é como esses adolescentes têm-se comportado diante dessa realidade digital, pois estão em fase de amadurecimento, construção, conflitos, decisões, e ainda falta um discernimento suficiente para terem um olhar crítico diante da própria *formação cognitiva*. Se pensamos, por sua vez, no componente cognitivo, temos que considerar que,

durante a tarefa de compreender, passamos por diferentes níveis. Primeiro apreendemos palavras, sintagmas, frases, fragmentos, textos, identificando unidades linguísticas. Essa etapa decodificadora não conclui a leitura, mas é importante para fornecer elementos com os quais o leitor trabalha para negociar significados e atribuir sentidos. A seguir, passamos a níveis mais complexos, utilizando estratégias mais profundas do que o simples reconhecimento: comparamos, inferimos, avaliamos, controlamos o processo, selecionando o que serve à compreensão e abandonando o inadequado (PERFETTI; LANDI; OAKHILL, 2013). Para que tais tarefas se desenvolvam, usamos nossa capacidade cognitiva, ativando conhecimentos armazenados na memória, selecionando e aplicando as melhores estratégias para a solução de problemas.

Sem dúvidas, os adolescentes vivem na chamada “cultura das mídias”, que segundo Santaella (2003) é um fenômeno do digital que se impôs. Por volta do início dos anos 1980, começaram a se intensificar cada vez mais as misturas entre linguagens e meios. Tal convivência conjunta produz um movimento híbrido que atua como um multiplicador de mídias. Tais interações e práticas virtuais processam-se com muita intensidade no nosso dia a dia, o que faz com que nós, muitas vezes, não analisemos esse contexto digital e quais as transformações têm acarretado à subjetividade dos indivíduos, especialmente dos alunos adolescentes.

Nessa perspectiva, a formação linguística dos discentes tem sofrido interferência da internet, pois a sua utilização evolui numa proporção sem controle. Esse panorama de uma sociedade digital traz benefícios, como a facilidade de comunicação com pessoas de todas as partes do mundo, estudos online, negociações, entre outras possibilidades, porém, é preciso pontuar que há dois lados na moeda. Os aspectos positivos já foram pontuados, mas também há um lado negativo. Olhando para os prejuízos, é observável os crimes digitais, as *Fake News*; o compartilhamento de vídeos e materiais pornográficos que atingem todos os públicos, inclusive o infantil; a *Deep Web*<sup>3</sup> – que pode ser acessada pelos que possuem letramentos digitais específicos, trazendo à tona conteúdos de teor comprometedor; o *Bullying* virtual, entre outros.

---

<sup>3</sup> *Deep web* é uma expressão inglesa e significa literalmente “Internet Profunda”. É o nome dado para uma zona da internet que não pode ser detectada facilmente pelos tradicionais motores de busca, garantindo privacidade e anonimato para os seus navegantes. É formada por um conjunto de sites, fóruns e comunidades que costumam debater temas de caráter ilegal e imoral. Fonte: Dicionário Significado.com.br

Ademais, ainda lidamos com o desafio de conduzir os alunos adolescentes a compreenderem que a facilidade de acesso às mais variadas informações não é suficiente para que eles possam internalizá-las e transformá-las em conhecimento (GUIMARÃES, 2017). No panorama geral, a internet provoca diferentes tipos de discussões, principalmente quando está relacionada à educação, por isso, muitas vezes, é preciso analisar os prós e os contras para utilizá-la, além de refletir sobre a dimensão, a nossa capacidade de abstração e percepção. Essas considerações estão visíveis quando olhamos para os alunos e as possíveis aulas que podem ser planejadas em cima destas circunstâncias, na qual os professores precisaram criar meios de usar a internet como uma ferramenta de apoio acadêmico.

## 2.2 DIÁLOGOS E REFLEXÕES SOBRE LETRAMENTO

A noção de letramento trata as questões da linguagem relacionadas à atividade cognitiva, heterogênea, social, histórica e, por conseguinte, adaptável às demandas comunicativas que vão abrigar a amplitude linguística e social de um indivíduo. Há discussões diversas sobre as formas de letramento. Nos últimos anos, estudiosos formularam alguns conceitos sobre o letramento, os quais têm colaborado para um entendimento plausível do conceito dentro do contexto educacional. No entanto, a necessidade de discutir e fazer reflexões ainda é pertinente neste tema, já que esse assunto não possui um fim em si mesmo – ainda mais quando novas realidades se apresentam, como é o caso da realidade da comunicação digital, da chamada cibercultura.

O termo letramento pode ser considerado bastante atual no campo da educação brasileira. Conforme Soares (2009, p. 33), esse termo parece ter sido usado pela primeira vez no país no ano de 1986 por Mary Kato, no livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”. Como parte do título do livro, o termo apareceu no ano de 1995 nos livros “Os significados do letramento”, organizado por Ângela Kleiman e “Alfabetização e Letramento”, de Leda V. Tfouni (2010). Assim, no contexto desta temática, para Soares (2009) compreende-se por *letramento*

[...] dificuldades e impossibilidades devem-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de *letramento* envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição (SOARES, 2009, p.

65).

De acordo com o exposto, é possível perceber que o letramento vai além de decifrar palavras, tornando-as compreensíveis para a participação em práticas sociais, que envolvem a língua escrita. Há outras exigências nessa competência, de maneira que saber utilizar a leitura e a escrita, parte do pressuposto de atender às contínuas demandas da linguagem, as quais priorizam as inferências, intervenções e adequações nos contextos onde se estão inseridas.

No decorrer das leituras sobre letramento, é possível verificar que muitos autores convergem para o mesmo sentido, ou seja, a maioria enxerga o letramento como uma competência que faz do indivíduo um ser capaz de usar o código escrito da língua como meio de participação social e como instrumento de ascensão social, sabendo interpretar e agir na realidade que está inserido.

Para reforçar o pensamento posto acima, é importante destacar alguns desses conceitos sobre letramento, baseado em alguns autores pioneiros. Kleiman (1995, p. 18) pontua que “[...] podemos definir hoje o *letramento* como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita”, mas a autora diz que essa significação é díspare em relação ao conceito escolar, pois não separa os indivíduos entre escolarizados e não escolarizados, entre analfabetos e alfabetizados, mas “(...) examina as condições de contato com a escrita nas diversas esferas sociais, de maneira que, o que pode determinar o grau ou nível de *letramento* são as formas como se utiliza o conhecimento sobre a escrita” (KLEIMAN, 1995, p. 19).

Com base principalmente em Street (1984, 1993), a autora Kleiman (1995) apresenta duas concepções de letramento: o modelo autônomo e o modelo ideológico. O primeiro modelo diz respeito às práticas de uso da escrita da escola. Esta concepção pressupõe que “[...] há apenas uma maneira de o *letramento* ser desenvolvido, sendo que essa forma está associada quase que causalmente com o progresso, a civilização, a mobilidade social” (KLEIMAN, 1995, p. 21).

Contra-pondo-se ao o modelo autônomo, o modelo ideológico pressupõe que há práticas de *letramento*, no plural, que são social e culturalmente determinadas, “[...] e, como tal, os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem dos contextos e instituições em que ela foi adquirida” (KLEIMAN, 1995, p. 22).

Street (2014) traz uma abordagem sobre o letramento que tem sido

particularmente influenciada pela perspectiva etnográfica. Ele declara sobre a dicotomia entre o modelo ideológico e autônomo, apresentando argumentos consistentes e exemplos reais, a fim de consolidar o *letramento* como resultado de práticas sociais de leitura e escrita, tal concepção é caracterizada o modelo ideológico. Para ele, esse “modelo ideológico” relaciona-se às experiências de vida, de leitura e escrita de cada pessoa, pois é concebido no âmbito de acontecimentos históricos e aspectos transculturais. Mas, ao pensar nas questões escolares, Street denomina modelo autônomo de *letramento* àquele praticado nas escolas, o qual acaba se revelando um padrão reducionista, concebendo a escrita um produto completo em si mesmo, desvinculada de um contexto.

Street (2007) também traz uma nova dimensão sobre o uso e os significados de *letramento* no artigo “Perspectivas interculturais sobre o *letramento*”, a partir de relatos e uma discussão contemporânea. Segundo o autor, quando contemplamos práticas de *letramento* em contextos tão diversificados, passamos a situar as ações de *letramento* no âmbito do poder e da ideologia.

Para o referido autor, as práticas de *letramento* são constitutivas da identidade e da personalidade (*personhood*), de modo que, quaisquer que sejam as formas de leitura e escrita que aprendemos e usamos, elas são associadas a determinadas identidades e expectativas sociais acerca de modelos de comportamento e papéis a desempenhar. O *letramento* está constitutivamente relacionado com a personalidade, e esta, por sua vez, se insere dentro da variedade linguística evidenciando que cada pessoa tem seu modo de construir a linguagem.

Assim, é possível perceber que dentro do campo da linguística existe uma grande variedade de línguas e num dado momento é estabelecido o padrão. Daí, é que vem a expressão, “língua dominante”. Assim, a noção de *letramento dominante* é a extensão como o *letramento* é tratado, visto que o padrão é apenas uma variedade entre muitos e que a questão de como ele se tornou o padrão é igualmente uma questão de poder.

Além das considerações trazidas por Kleiman (1995) e Street (2007), Soares (2002) declara que o *letramento* são as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade. Assim,

Indivíduos ou grupos sociais que dominam o uso da leitura e da

escrita e, portanto, têm habilidades e atitudes necessárias para uma participação viva e competente em situações em que práticas de leitura e/ou escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição em uma sociedade letrada (SOARES, 2002, p. 146).

Outra contribuição é o conceito de Marcuschi (2004), que afirma: “[...] letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz uso formal da escrita”. Outrossim, a concepção de *letramentos*, no plural, compreende também a complexidade de estabelecimento de conceitos e o reconhecimento de que os letramentos são múltiplos, estão em constante mudança, uma vez que a sociedade atual se utiliza das mais variadas formas de uso da escrita para se comunicar, dentro do curso das relações sociais (ROJO, 2009). Ao observar esse letramento multifacetado conceituado por Rojo (2009), é possível também visualizar a comunicação intercultural, envolvendo a questão do letramento, podendo constatar que

O letramento é um diálogo produtivo e crítico entre os saberes da oralidade e da cultura escrita. É nesse sentido que o letramento não é somente o que o saber escolar faz com os alunos, mas também o que os alunos podem fazer com o saber escolar, visando ao seu fortalecimento na luta contra a exclusão social (SANTOS, 2008, p. 92).

Para ratificar esse pensamento acima, o antropólogo Street (2014, p. 67) afirma que o “futuro do letramento” baseia-se na questão da sensibilização para com as culturas locais e o reconhecimento do processo dinâmico e da interação. Ademais, evitar a imposição de um modelo único, uniforme e “autônomo” sobre a prática local, pois, no campo do letramento, nem a teoria nem a prática podem se divorciar de suas raízes ideológicas, uma vez que, deve-se considerar o caráter múltiplo das práticas letradas, pois são produtos da cultura, da história e do discurso.

Fazer essas reflexões também revela que os processos de letramento não podem ser entendidos simplesmente em termos pedagógicos e de escolarização: eles são parte de instituições e concepções sociais mais abrangentes. Dessa maneira, na compreensão de Oliveira (2010)

Enxergar o letramento como algo ‘singular’ é esquecer que a vida

social é permeada por linguagem de múltiplas formas e destinada a diferentes usos. Nela, são veiculados gêneros diversos que são praticados por diferentes pessoas nas mais diversas atividades sociais, orientadas a partir de propósitos, funções, interesses e necessidades comunicativas específicas, não obstante a compreensão de que alguns textos são considerados canônicos e, por isso, mais legitimados que outros, socialmente. E é exatamente porque se constitui como algo 'plural' que vale a pena problematizar, examinando as diversas facetas que o constituem e as razões por que esse fenômeno tem se tornado um verdadeiro 'campo de batalha' (OLIVEIRA, 2010, p. 329).

A partir dos conceitos trazidos aqui, podemos dizer que o letramento é produto da aprendizagem dos usos da escrita e da leitura. Para Grando (2012), a escola é visualizada como uma agência de letramento que promove o letramento escolar, que se diferencia do letramento social. No entanto, o entendimento sobre o letramento e escolarização são imprescindíveis para que alcance uma contribuição na construção de uma sociedade melhor. Logo, viver em um contexto rico de situações que exijam e estimulem a leitura e a escrita promoverão alguém suficientemente letrado. Desse modo, antes de constituir em um conjunto de habilidades individuais, o *letramento* é

Uma prática cultural, sócio e historicamente estabelecida, que possibilita ao indivíduo apoderar-se das suas vantagens e assim participar efetivamente e decidir, enquanto cidadão, os destinos da comunidade a qual pertence e/ou com a qual se identifica. A capacidade de enxergar além dos limites do código, fazer ilações extratextuais, interdiscursivas e vinculá-las à sua realidade histórica, social e política é o que caracterizaria um *indivíduo plenamente letrado* (BARTON, 1994, p. 14).

Por fim, a abordagem conceitual de Barton contempla o letramento com vários tipos de conhecimentos, que interagem nos processos interpretativos: conhecimento linguístico textual, conhecimento prévio de mundo, de práticas sociais gerais e discursivas; ou seja, é preciso ver o processo de leitura e escrita na sua abrangência social e na dimensão cognitiva.

### 2.3 LETRAMENTO DIGITAL

Ao permitir que o sujeito interprete, sistematize, confronte, documente, informe, oriente-se, reivindique, e, faça, enfim, efetivo uso da leitura/ escrita, o

letramento garante-lhe uma condição diferenciada na sua relação com o mundo, um estado não necessariamente conquistado por aquele que apenas domina o código.

Essa realidade também está presente no uso das tecnologias digitais, ou seja, o letramento digital é fruto de novas demandas e possibilidades. Vilaça e Araújo (2016, p. 149) pontuam que “[...] o letramento é necessário na realização de práticas sociais para que o indivíduo seja capaz de compreender o que lê e para que possa se expressar em diferentes contextos por meio de linguagem adequada, inclusive no contexto digital”.

Assim, tendo em vista esse cenário da cultura digital, é possível perceber

(...) que tem sido uma tarefa complexa e ampla determinar quem é letrado no campo das tecnologias digitais, haja vista que o letramento digital não inclui apenas o conhecimento técnico sobre o uso das *Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação*<sup>4</sup> (TDIC), mas também um conhecimento crítico e consciente desse uso (SOUZA, 2007, p. 62).

Assim, o letramento digital deve ser compreendido, como habilidade prática de lidar e manipular softwares específicos em computadores, saber abrir e fechar um programa, baixar, receber, enviar e manipular arquivos, enviar e receber mensagens, operar aplicativos de celulares para compor, gravar e editar coerentemente textos, imagens e sons nas respectivas e distintas linguagens; e, além dessas capacidades funcionais de uso das TDIC, sejam competências para o progresso cognitivo nestes espaços digitais.

Assim, o letramento digital se constitui como uma das modalidades de acesso ao conhecimento no mundo contemporâneo, de modo que é necessário trazer algumas abordagens sobre o seu uso e como ele se caracteriza, enquanto construtor do conhecimento. A cultura digital caracteriza-se por um espaço de interação onde se faz o uso da leitura e da escrita através da rede. Esses espaços de interações envolvem diversas possibilidades comunicativas (e-mail, Twitter, Facebook, YouTube, chat, fórum de discussão, blog, além do texto, o áudio e o vídeo), e provocam constantes trocas simbólicas nas maneiras de pensar e conviver na sociedade.

A comunicação da cultura digital dá-se através de nós, de conexões e desmaterialização do espaço e do tempo, deslocando não somente objetos e

---

<sup>4</sup> Grifo meu.

corpos, mas também pensamentos e fluxos comunicativos em rede. Levando em conta essa discussão sobre o letramento digital e a realidade da comunicação que ocorre através dele, é possível dizer que

O letramento digital parece mesmo ser um imperativo social e cognitivo proposto por esta nova ordem mundial tecnologizante que vem reconfigurando o papel das instituições na sociedade em todos os setores: da economia à cultura, atingindo até as formas de lazer. Resta, explicitar especificamente quais são as competências e as habilidades linguísticas e cognitivas que o tipo de letramento digital requer de seus usuários: mais um desafio que se coloca para linguistas e educadores (XAVIER, 2002, p. 63).

Segundo Lévy (1996, p. 40), “[...] a digitalização e as novas formas de apresentação do texto só nos interessam porque dão acesso a outras maneiras de ler e de compreender”. Depois de praticamente uma década, a afirmação de Lévy (1996) é retomada por Xavier (2005), ao esclarecer que:

[...] o letramento digital implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital (XAVIER, 2005, p. 134).

Nesse sentido, novas práticas sociais envolvendo a escrita foram criadas, com um crescente aparato de ferramentas tecnológicas que demandam do indivíduo o conhecimento de comportamentos e raciocínios específicos, ou seja, letramentos diferenciados daqueles requeridos pelas práticas escritas no papel. Dessa forma, o letramento digital na educação produz um novo sentido na relação do estudante com o ensino e a aprendizagem, e, modifica o papel do professor que antes tinha como função exclusiva transmitir aos alunos o fluxo de conhecimentos contidos em livros.

O letramento digital tornou-se uma necessidade social, de modo que as práticas pedagógicas precisam trabalhar novas maneiras de ler, de escrever por meio desses artefatos digitais, englobando os textos e saberes multimodais. Além dessas construções através de variados gêneros textuais, é necessário incluir outras habilidades como as de localização, de seleção, de avaliação, e de produção crítica de informações disponibilizadas na rede.

Corroborando com essa ideia, Marcuschi e Xavier (2010) dizem que

[...] parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir em um só meio formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados (MARCUSCHI; XAVIER, 2010, p. 16).

De acordo com o exposto, é possível afirmar que a presença e o uso das tecnologias digitais na sociedade contemporânea contemplam novas linguagens e competências, como por exemplo, a destreza em operar o aparelho, entender o padrão linguístico da informática e a operacionalização da Internet. A par disso, a rapidez da veiculação e sua flexibilidade linguística aceleram a penetração entre as demais práticas sociais. Essas novas linguagens, somadas e associadas dentro do contexto social, resultantes da utilização dessas ferramentas tecnológicas, geram um novo tipo de cultura, a qual tem evidenciado seu poder e influência dentro da sociedade.

A escola, integralizada a essa realidade, está totalmente exposta nesse cenário sociocultural digital, já que as novas ferramentas digitais têm contribuições significativas nas mudanças que ocorrem na língua, na educação e na sociedade. Não há dúvidas de que a maior manifestação da linguagem digital enquanto tecnologia de informação e comunicação hoje é a internet. Ela proporciona às pessoas novas oportunidades para o contato linguístico.

As evoluções tecnológicas em cada época representaram também uma evolução social, pois de modo involuntário afetou o comportamento humano, criando e reconstruindo o sentido de grupo entre os indivíduos, gerando culturas específicas capazes de produzir novas tecnologias (KENSKI, 2007). De maneira particular, essa cultura digital adentrou no âmbito educacional mediante expansão tecnológica digital, de modo que a geração de adolescentes e jovens de hoje é movida pela conexão informatizada em rede. Para quase tudo basta um *click*.

Esse tipo de expressão de vida é explicado por Semprini (1999, p. 47), quando ele diz que o hibridismo cultural é “[...] resultante de um contínuo processo de transculturação, e a identidade híbrida derivada não é mais nenhuma das identidades originais, embora guarde traços das culturas que a originaram”. Tal hibridismo cultural é um fenômeno sociocultural que tem promovido deslocamentos e contatos com diferentes grupos.

Atrelado a esse contexto, está a complexidade de habilidades e a capacidade de se desenvolver com as tecnologias digitais, algo que requer um domínio dos letramentos digitais. Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 17) consideram que letramento digital é a habilidade individual e social necessária para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficaz no âmbito crescente dos canais de comunicação digital.

Sobre esse aspecto, Oliveira (2012) também afirma que são habilidades para construir sentido a partir de textos multimodais, isto é, textos que mesclam palavras, elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície. É a competência de manusear naturalmente e com agilidade as regras da comunicação em ambiente digital.

Ainda consolidando e ampliando a temática em questão, para Araújo e Vilaça (2017, p. 130), “[...] o letramento digital implica na apropriação da tecnologia, tanto como práticas de leitura e escrita no ambiente digital, como no uso dos dispositivos tecnológicos para este fim”. Segundo Santos e Lacerda (2017, p. 33), “[...] o letramento digital é uma subdivisão do letramento, que se realiza nos “novos” suportes de mídia tecnológica, como computadores, celulares, etc.”. Na visão de Santos e Lacerda (2017), o letramento digital é um termo empregado na contemporaneidade, conotando a interação, a atitude, a definição que se dá às novas tecnologias de letramento.

Letramento digital é o resultado da dinamicidade da língua, ou seja, a dinâmica da adaptação da leitura e escrita aos novos suportes que surgem. A partir do processo de interação do homem com o mundo, com a sociedade, e ou na interação com as novas formas de comunicar-se com o outro. O que resulta na dinâmica da língua e com a forma como se apresenta a leitura e a escrita (habilidades exigidas) em cada suporte desses (SANTOS; LACERDA, 2017, p. 35).

Nessa perspectiva, os letramentos digitais tanto afetam as culturas e os contextos nos quais são introduzidos, quanto por eles são afetados, de modo que seus efeitos sociais e cognitivos variarão em função dos contextos socioculturais e finalidades envolvidos na sua apropriação. Em vista disso, é importante entender que o letramento digital inclui a habilidade de manipulação das tecnologias, bem como o domínio da leitura e da escrita (competências interpretativas), mediadas pelos dispositivos digitais.

Posto isso, faz-se necessário saber que existem graus ou classificações de letramento digital, os quais serão explicados a seguir. É importante lembrar que nesse contexto da cultura digital, os alunos possuem conhecimentos, o que os torna capazes de estabelecer determinado nível de letramento digital, pois todos eles de uma forma ou de outra convivem com os recursos tecnológicos e executam tarefas, mesmo que não reflitam nas operações que realizam. Ao olhar o cenário educacional, é possível perceber que as escolas têm se equipado de recursos tecnológicos para se adequar ao processo ensino-aprendizagem, no entanto, isso por si só não é a resolução de todos os obstáculos encontrados na educação.

Para Santos e Lacerda (2017, p. 81), “[...] o processo de letramento digital traz nova forma de interação entre os planos na comunicação: do emissor, do receptor e da mensagem”, pois com o advento dessas novas mídias, as TDIC’s, a escola contemporânea muda, e conseqüentemente as relações do processo de comunicação. As novas mídias não mudam os planos (emissor-mensagem-receptor), mas mudam a forma de interação entre estes, e esta mudança se apresenta como um novo desafio.

Considerando as demandas impostas pela sociedade que exige práticas múltiplas de letramento, especialmente as digitais; ressalta-se que,

A popularização das tecnologias de informação e comunicação, principalmente da Internet, cada vez mais há práticas sociais envolvendo a leitura e escrita mediadas pelo meio digital. No entanto, é preciso considerar as transformações que as formas textuais sofrem ao passar para a tela do computador. Afinal, estas transformações textuais acabam por exigir novas competências do leitor contemporâneo. Cabe à escola, portanto, ao preparar o aluno para ocupar seu lugar nesta sociedade moderna, trabalhar os textos presentes nas práticas sociais que fazem parte do cotidiano desta sociedade (ARAÚJO; VILAÇA, 2017, p. 77).

Sob a égide dos autores acima mencionados, convém levar em consideração o texto de acordo com espaço de circulação, as linguagens envolvidas, o contexto histórico e social e, claro, o próprio conhecimento de mundo do leitor. A dimensão mais básica do letramento digital engloba desde a possibilidade de acesso à tecnologia ao aprendizado de conhecimentos mais elementares e operacionais, envolvendo também competências técnicas, como saber ligar e desligar um dispositivo digital. Acrescido a isso, a capacidade de criar arquivos, fazer pesquisas, estabelecer interações via internet, entre outras ações, que depois de aprendidas

são executadas de forma automática e sem reflexão. Tais operações se enquadram em um determinado nível de letramento, o qual é explorado logo a seguir.

O fato é que o letramento digital passou a ser consumido como uma forma de possibilidades às novas demandas dessa geração de jovens do século XXI. Mesmo que eles não compreendam a totalidade do que seja esse letramento digital, a utilização ocorre de maneira automática. Com a expansão das TDIC's é crucial compreender as atividades de escrita e linguagem *online*. Assim, é possível ver na figura 1, que Dudeney, Hockly e Pegrum (2016) estabelecem como se dá a classificação e o nível de complexidade dos tipos de letramentos digitais.

Figura 1- Classificatório sobre os Letramentos digitais.

	Primeiro foco: Linguagem	Segundo foco: Informação	Terceiro foco: Conexões	Quarto foco: (Re)desenho
Complexidade crescente ↓	Letramento impresso			
	Letramento em SMS			
	Letramento em hipertexto	Letramento classificatório		
		Letramento em pesquisa	<b>Letramento pessoal</b>	
	Letramento em multimídia	Letramento em informação	Letramento em rede	
		Letramento em filtragem	Letramento participativo	
	<b>Letramento em jogos</b>			
	<b>Letramento móvel</b>		Letramento intercultural	
	Letramento em codificação			<b>Letramento remix</b>

Fonte: Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 21).

Por meio do exposto acima, percebe-se que Dudeney Hockly e Pegrum (2016) trouxeram dezesseis tipos de letramentos digitais, com complexidade crescente, podendo ser visualizada através da quantidade de estrelas do lado esquerdo da figura 1. E classificando em quatro focos diferentes. Esses tipos de letramentos dizem respeito às competências primordiais que os discentes

necessitam obter para a sua plena participação no mundo além da sala de aula, mas também podem melhorar sua aprendizagem dentro da sala de aula. Segundo Dudeney Hockly e Pegrum (2016, p. 21), muitos desses letramentos envolvem componentes de outros letramentos, ou seja, juntam-se e formam os macroletramentos, os quais podem ser vistos em negrito na figura 1. “Independentemente de ensinar aos alunos letramentos ou macroletramentos, nossa tarefa é ajudá-los a desenvolver estratégias para lidar com cada área-chave, de modo a fazerem o máximo com as possibilidades das mídias digitais” (DUDENEY, HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 21).

Nesse sentido, a apresentação sucinta dos conceitos de cada um deles é relevante para um maior esclarecimento. Por isso, o quadro nº 1 faz menção às classificações e definições acerca dos letramentos digitais:

Quadro 1- Classificação e definição dos letramentos digitais.

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>DEFINIÇÃO</b>
<b>Letramento Impresso</b> (1º foco)	Habilidade de compreender e criar uma variedade de textos escritos que abrange o conhecimento de gramática, vocabulário e características do discurso simultaneamente com as competências da leitura e da escrita.
<b>Letramento em SMS</b> (1º foco)	Habilidade de se comunicar eficientemente em internetês.
<b>Letramento em hipertexto</b> (1º foco)	Habilidade de processar hiperlinks apropriados e de usá-los para incrementar com eficiência um documento ou artefato.
<b>Letramento multimídia</b> (1º foco)	Habilidade de interpretar e de criar efetivamente textos em múltiplas mídias, especialmente usando imagens, sons e vídeo
<b>Letramento em jogos</b> (1º foco)	Habilidade de navegar e interagir eficientemente nos ambientes de jogos e de alcançar objetivos no interior deles.
<b>Letramentos móveis</b> (1º foco)	Habilidade de navegar, interpretar informação, contribuir com informação e se comunicar por meio da internet móvel [...]
<b>Letramento em codificação</b> (1º foco)	Habilidade de ler, escrever, criticar e modificar códigos de computador em vista de criar ou confeccionar softwares e canais de mídia.
<b>Letramento classificatório</b> (2º foco)	Habilidade de interpretar e de criar folksonomias eficientes (índices de recursos online gerados pelo usuário visualmente representados como nuvens de tags).
<b>Letramento em pesquisa</b> (2º foco)	Habilidade de fazer uso eficiente de ampla gama de motores e de serviços de busca, incluindo a familiaridade com sua funcionalidade plena, bem como com suas limitações.
<b>Letramento (crítico) em informação</b> (2º foco)	Habilidade de avaliar documentos e artefatos fazendo perguntas críticas, avaliando a credibilidade, comparando fontes e rastreando as origens da informação.
<b>Letramento em filtragem</b> (2º foco)	Uma inflexão do <i>letramento em rede</i> , ou seja, a habilidade de reduzir a sobrecarga de informação usando redes profissionais e sociais online como mecanismos de triagem
<b>Letramento pessoal</b>	Habilidade de usar ferramentas digitais para formatar e projetar a

(3º foco)	identidade online desejada
<b>Letramento em rede</b> (3º foco)	Habilidade de organizar redes online profissionais e sociais par filtrar e obter informação; se comunicar e informar outros; construir colaboração e apoio; desenvolver uma reputação e exercer uma influência.
<b>Letramento participativo</b> (3º foco)	Habilidade de contribuir para a inteligência coletiva das redes digitais e de alavancar a inteligência coletiva das redes mantidas a serviço de metas pessoais e/ou coletivas.
<b>Letramento intercultural</b> (3º foco)	Habilidade de interpretar documentos e artefatos provenientes de uma gama de contextos culturais, bem como comunicar mensagens eficientemente e interagir construtivamente com interlocutores pertencentes a diferentes contextos culturais.
<b>Letramento remix</b> (4º foco)	Habilidade de criar sentidos ao samplear, modificar e/ou combinar textos e artefatos preexistentes, bem como de fazer circular, interpretar, responder e construir sobre outras remixagens no interior das redes digitais.

Fonte: Elaborado pela autora - a partir de Dudeney; Hockly; Pegrum, 2016, p. 23-55.

Cada letramento apresentado está dentro de um foco, o qual pode ser melhor visualizado na figura 1; sendo assim, o primeiro foco **Linguagem** tem a ver com os “letramentos-chave, que os estudantes precisam ter e ligam-se amplamente com a comunicação de sentidos através da linguagem, incluindo os muitos canais que complementam” (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 22). O segundo foco **Informação** diz respeito “[...] à disponibilidade das informações, graças, em parte, à internet móvel. Assim, memorizar o conteúdo vem se tornando menos importante que as habilidades de acessar, avaliar e administrar” (DUDENEY, HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 35). O terceiro foco **Conexões** refere-se a uma “[...] era digitalmente conectada, de modo que comunicar sentido e gerenciar informação são coisas intimamente vinculadas à alimentação de conexões” (DUDENEY, HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 44). Por fim, o quarto foco **(Re)desenho** corresponde à contribuição com “[...] a própria significação para uma atmosfera de conhecimento cada vez mais fluida, muitas vezes baseando-se em textos de outros e construindo a própria crítica à medida que se faz” (DUDENEY, HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 54).

Diante da dinamicidade e interatividade que cada aluno possui com a cultura digital, boa parte desses letramentos já fazem parte do dia a dia deles, desse modo, eles utilizam sem que haja a percepção dos comandos e letramentos realizados. Daí a importância dos educadores continuarem a se aperfeiçoar na temática letramentos digitais, no intuito de promover discentes mais conscientes das suas práticas letradas, com focos determinados, a saber: a linguagem, a informação, as conexões e o (re)desenho.

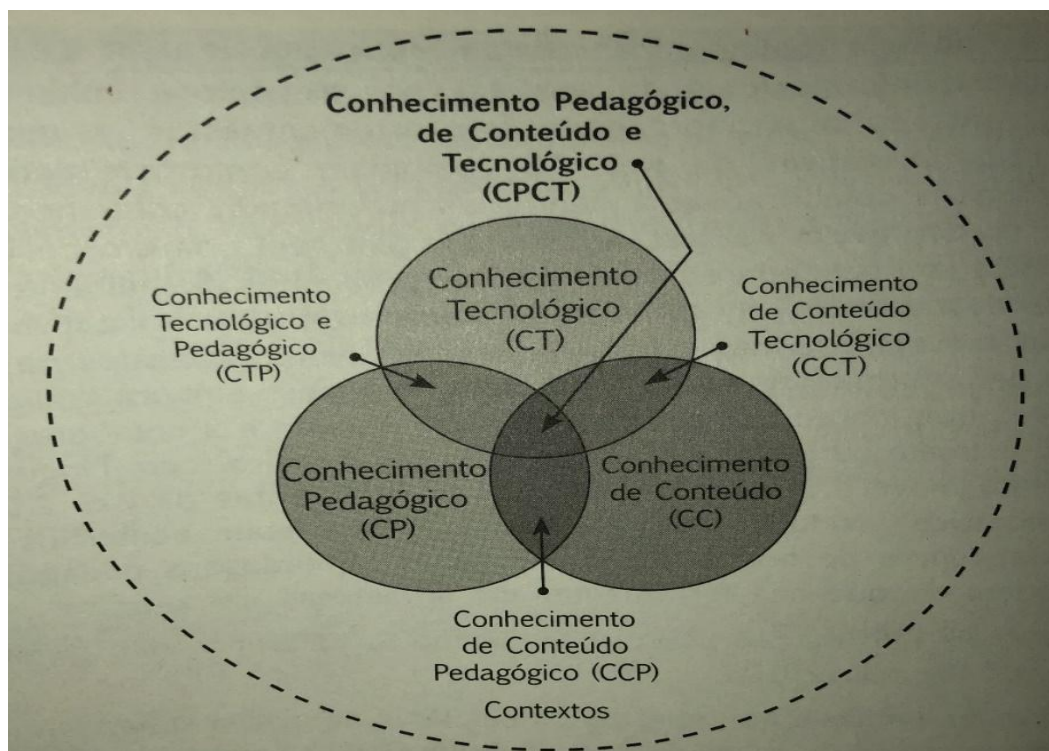
## 2.4 EDUCAÇÃO ESCOLAR E TDIC'S NA CIBERCULTURALIDADE

A presença das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's) na educação tem alterado visivelmente o sistema ensino-aprendizagem, bem como a forma de nos comunicarmos. A questão fundamental no processo educacional é saber como prover o conhecimento, de modo que ele possa ser interpretado pelo aprendiz que passa a entender quais ações ele deve realizar, para que a informação seja convertida em aprendizagem. Fomentar essas condições de construção certamente é uma revolução na formação do educando.

Do ponto de vista da contemporaneidade digital, as TDIC's constituem-se um dos meios mais corpulentos na troca de informação e de ações cooperativas, seja no modo *off-line* ou *online*. Nesse sentido, é possível entrar em contato com pessoas e dividir ideias socialmente, ou obter ajuda na solução de problemas ou mesmo cooperar com um grupo de indivíduos na elaboração de uma tarefa complexa. Destarte, a interação que pode ocorrer entre alunos e educadores é uma das formas mais interessantes de uso e facilidades trazidas pelas TDIC's.

Entretanto, se tais tecnologias não forem compreendidas com um foco educacional, não será, simplesmente, o seu manuseio que irá auxiliar o aprendiz na construção do conhecimento. Assim, é importante enfatizar que não é apenas o fato de utilizar o artefato digital em sala de aula ou ter aulas de informática que garantirá que o ensino será eficiente, moderno e adequado às transformações sociais que a sociedade vem vivendo. Segundo Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), o modelo mais conhecido para a incorporação das novas tecnologias ao ensino, provavelmente é a figura CPCT de Mishra e Koehler (2006 *apud* DUDENEY, HOCKLY; PEGRUM, 2006, p. 64) que descreve o *Conhecimento Pedagógico, de Conteúdo e Tecnológico*, apresentada logo abaixo.

Figura 2- Sobre a Estrutura CPCT para a integração do uso da tecnologia.



Fonte: (MISHRA; KOEHLER 2006 *apud* DUDENEY, HOCKLY; PEGRUM, 2006, p. 64).

Talvez a mensagem mais importante da figura CPCT seja que os professores permaneçam como especialistas em conteúdo e em pedagogia. A especialização tecnológica é uma dimensão adicional que complementa, sem substituir ou anular o conhecimento existente e a base de competências (DUDENEY, HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 63).

A figura 2 reforça a realidade das TDIC's e como elas estão totalmente interligadas aos processos educacionais, de modo que elas podem se consolidar instrutivamente, conforme a integração dos conhecimentos de conteúdo, pedagógico e tecnológico, por parte dos professores. Tais saberes devem continuar a serem desenvolvidos pelos docentes, pelo fato das tecnologias emergentes serem constantemente cambiantes. Nesse sentido, uma visão contextualizada da educação versus a tecnologia, periodicamente, faz-se necessária.

A exposição da figura 2 remete a uma análise do papel do professor e do aluno no processo de construção do conhecimento. Nessa perspectiva, o professor passa a ser pesquisador e mediador, o aluno passa ser ativo construtor de seu conhecimento. O grande volume de informações contidas na rede e as práticas exigidas na transmissão de saberes, também faz com que o currículo escolar seja

flexível, contemplando a dinâmica da sociedade moderna, com destaque para o computador e a Internet, que passam a ser elementos catalisadores do processo ensino-aprendizagem.

Nesse contexto, o professor passa a ter o papel de incentivar o seu aluno a refletir sobre as novas informações encontradas no ambiente digital, ajudando-o a depurá-las. Ambos podem ajudar-se mutuamente, buscando diversas formas de aprender dentro desse novo espaço do saber, muito mais dinâmico e que a tecnologia pode propiciar. Desse modo, é salutar entender que

A entrada do computador na escola não assegura uma mudança de paradigma, isto é, podem manter o velho ensino tradicional camuflando e escondendo o papel da escola enquanto transmissora de informações numa aparente revolução tecnológica. De nada adianta ter uma escola informatizada se não existirem professores capazes de entender o grande desafio de pensar e agir sobre uma nova lógica. O professor assume um papel de grande importância em todo o contexto escolar, pois cabe a ele resgatar o prazer de ensinar e aprender através da resignificação de sua prática pedagógica (ALVES; SILVA, 2009, p. 60-61).

À luz da citação acima, consideremos alguns pontos, a saber: 1- Não restam dúvidas de que a educação está imbricada com a tecnologia; 2- é relevante que essa conectividade (educação + tecnologia) leve em conta a metodologia de transmissão dos conhecimentos; 3- a qualificação dos docentes nessa cultura digital é fundamental para que o processo ensino-aprendizagem atinja os objetivos educacionais, os quais são elencados nos próprios planos de aula. Todas essas observações têm a sua importância no contexto escolar e podem auxiliar no desenvolvimento institucional. No entanto, também podemos ver paradoxos no uso das TDIC's no âmbito educacional, já que

As tecnologias digitais estão influenciando o comportamento da sociedade contemporânea e transformando o mundo em que vivemos. Contudo, a certeza é que elas desconectadas de um projeto pedagógico, não podem ser responsáveis pela reconstrução da educação no país, já que por mais contraditório que possa parecer, a mesma tecnologia que viabiliza o progresso e as novas formas de organização social também têm um grande potencial para alargar as distâncias existentes entre os mundos dos incluídos e dos excluídos (SILVA, 2011, p. 539).

Tomando como ponto de partida as influências que a sociedade tem acarretado pelo uso dos artefatos digitais, existe uma demanda da vida, que é exterior à escola, onde ocorrem outras formações (culturais, cognitivas, emocionais), e paralelo a “esse mundo” existe a realidade da escola, com as exigências que lhe são específicas -(como, por exemplo, a construção linguística/letramento) - tentando equilibrar como uma realidade atravessa à outra, levando em conta esse cenário cibercultural.

Indubitavelmente essas alterações estão presentes no dia a dia de cada indivíduo, assim, Heinsfeld e Pischetola (2017) postulam que é necessário encarar as tecnologias como veículo, produção e transformação de cultura. Isso é ainda mais evidente ao pensarmos nas jovens gerações, que crescem imersas nesse panorama. O espaço educacional tem a missão de desenvolver um projeto pedagógico que utilize os recursos tecnológicos, no intuito de favorecer a criticidade dos educandos. Com isso,

Urge a necessidade de a escola também reconhecer os impactos culturais que as novas tecnologias trazem para a sociedade contemporânea. Pois é a partir desse reconhecimento que a educação pode repensar seus métodos, seus objetivos, suas relações e formas de organização, e propor práticas pedagógicas capazes de dar conta desses desafios (HEINSFELD; PISCHETOLA, 2017, p. 1358-1359).

De acordo com as proposições acima mencionadas, o processo de ensino-aprendizagem está vinculado ao contexto social, a partir das demandas de vida dos discentes, na perspectiva de diálogo contínuo. As TDIC's e o seu uso podem potencializar as reflexões sobre a prática pedagógica, de maneira que a presença delas nas ações formativas, destacam-se na inter-relação com os processos de mediação.

Nesse contexto, cada docente e gestor escolar pode realizar um percurso para (re)pensar as formas como têm se apropriado das TDIC's, de modo que analise os processos vivenciados com a inclusão destas na escolarização. Certamente, há muito o que percorrer nesse cenário, tendo em vista as multiformas dos aparatos digitais.

Outrossim, programas voltados para a inclusão das tecnologias nas escolas têm surgido, no entanto, cabe acompanhá-los a fim de perceber através dos objetivos definidos, se alcançam os indicadores de aprendizagem. Em contrapartida,

Passos e Aguiar (2013) afirmam que à medida que o docente introduz as tecnologias na sala aula vai promovendo diferentes formas de socialização e proposição de conteúdos, a questão, entretanto, esbarra no “como fazer”. A dinâmica e as potencialidades com projetos que envolvem os sujeitos em propostas que dialogam com suas realidades, demonstram que tornam-se possibilidades em potencial de transformação e descortinam duas vertentes: a do professor que já não é mais o detentor e transmissor do saber, e a expectativa da abertura do espaço de aulas com proposições mais “atrativas e interativas”, onde o diálogo e o compartilhamento de informações, saberes e conhecimentos estejam presentes.

Nesse movimento, a escola tem sido convocada constantemente a se reinventar, tentando mostrar como uma realidade perpassa pela outra, produzindo novas existências e paradoxos. O professor é descentrado, ao mesmo tempo se espera que ele aumente seu capital de saber; a escola é descentrada, ao mesmo tempo se exige que ela aumente seu capital de saber; os alunos estão sendo “letrados” de diversas formas, mas cobra-se da escola e do professor que lhes deem uma formação, para que eles “não caiam nas armadilhas digitais”.

São armadilhas, portanto, aquilo que tem a ver direta ou indiretamente com a comunicação homem-máquina, como por exemplo, o estímulo desleal ao consumismo desenfreado; as propagandas enganosas; disseminação de notícias falsas (Fake News); imagem maquiada da vida transmitida pelas redes sociais; banalização e inversão de valores em programas ou redes de grande audiência, transações financeiras comprometedoras, etc.

Obviamente, a mídia não é a responsável pelas mazelas sociais, mas ela informa e forma opinião. Incorpora os anseios sociais, as dificuldades do cotidiano do povo, refletindo interesses presentes nos diversos setores do mundo moderno. Entretanto, é tão grande o poder que lhe tem sido dado, que influi na criação e modificação dos valores morais e estéticos das pessoas e – até mais do que a família e a escola, em muitos casos – na formação dos jovens. Ela produz sentidos.

Essa trajetória midiaticizada apresenta paradoxos, pois assim como há possibilidades educativas, também há probabilidade de acontecer reveses no meio de toda essa interação, já que existe a insuficiência na formação continuada quanto ao uso das TDIC's, por parte de todos os agentes diretos da comunidade escolar, sendo eles professores, coordenadores, diretores, alunos.

Pensando nas possibilidades, novos desdobramentos de aprendizagens e ressignificações de conteúdos podem ocorrer, se os processos de mediação tiverem o intuito de construir outros possíveis caminhos complementares, como afirma Kenski (2011)

O uso criativo das tecnologias pode auxiliar os professores a transformar o isolamento, a indiferença e a alienação com que costumeiramente os alunos frequentam as salas de aula, em interesse e colaboração, por meio dos quais eles aprendam a aprender, a respeitar, a aceitar, a serem pessoas melhores e cidadãos participativos (KENSKI, 2011, p. 103).

Sob o olhar da referida autora, as metodologias que envolvem o digital podem desenvolver o dialogismo crítico com as aprendizagens ativas dos sujeitos, de sorte que potencialize as capacidades de “aprender a aprender”, ou seja, de tornar-se um aprendiz autônomo, cujas ações também envolvem a autodidaxia<sup>5</sup>, uma vez que não estamos nos referindo apenas às proposições que partem do currículo, mas às interações que partem das demandas dos contextos e a utilização das TDIC's. Então, vale considerar que, segundo Coscarelli (2016) as práticas pedagógicas de orientação construtivista e sociointeracionista definem e defendem um ensino mais centrado no sujeito, sua realidade e construtos, apoiado numa perspectiva crítica de currículo, com a centralidade da interação, do diálogo e da colaboração.

Entre os “exageros” e “confusões” sobre o que é real ou não, o fato é que a escola é instigada constantemente a (re)pensar e (re)desenhar a prática pedagógica e os currículos, incluindo em suas etapas e ambientes as tecnologias, bem como as influências nas formações educacionais.

Nessa conjuntura cibercultural, as explanações realizadas até aqui, apontam que as TDIC's também assumem o papel de poder mediar e promover interações na sala de aula, lugar que, com toda a sua dinâmica, notamos os diferentes perfis dentro do processo escolar, onde a tecnologia surge como “desafio” ao “aprender a aprender” em um contexto midiaticizado e acelerado. Desse modo,

A cultura digital é a cultura em rede, a cibercultura que sintetiza a relação entre sociedade contemporânea e Tecnologias da Informação (TI's). Ao mesmo tempo que a cultura digital abriga pequenas totalidades e seus significados, mantém-se desprovida de fluxos, de conhecimentos e de criações, que dá corpo e identidade

---

<sup>5</sup> Aprendizado feito sem mestre. (<https://www.dicio.com.br/>).

às organizações que delas se constituem (HOFFMANN; FAGUNDES, 2008, p. 1).

Levando em consideração a cultura e as ferramentas digitais, Cavalcante (2012) afirma que trabalhar com as tecnologias de forma interativa nas salas de aula requer a responsabilidade de aperfeiçoar a compreensão de alunos sobre o mundo natural e cultural em que vivem.

Ainda debatendo a temática em questão, Santaella (2003) pontua que cibercultura, tanto quanto quaisquer outros tipos de cultura, são criações humanas. Não há uma separação entre uma forma de cultura e o ser humano, são construtos e processos inventivos destes. Nós somos essas culturas. Nesse sentido, a cultura digital envolve a existência de interatividade, interconexão e inter-relação entre homens, informações e máquinas.

A comunicação dominada pelas tecnologias digitais tornou possível a emergência da expressão cultura digital, porque se trata de algo que nos envolve como a atmosfera, algo no qual participamos como produtores, consumidores, disseminadores e que, por isso, tem integrado a vida cotidiana, invadido as casas e interferido nas relações que estabelecemos com o mundo, tanto material quanto simbólico, que nos rodeia.

Inevitavelmente os indivíduos que estão inseridos nessa cultura ocupam uma posição de inserção, imbricamento e por vezes até de “dependência” dos meios digitais, pois eles tornaram-se novos transmissores de agregação social. As TDIC's têm promovido através, de seus dispositivos móveis e conectados, mecanismos de compartilhamento entre os sujeitos ao redor do mundo (instantaneamente), modos que ampliam o ambiente cultural, misturando-se ao tecnológico e com isso, criando e fazendo emergir outros estilos de vida.

Ademais, percebe-se que no contexto do capitalismo, do consumo e da amplitude que o mercado promove para que a maioria tenha acesso e “deseje” as últimas invenções tecnológicas, a sociedade contemporânea tem sido um terreno fértil para o desenvolvimento da cibercultura. Estamos inseridos num contexto em que a multimídia são expressões claras de conexões planetárias, onde o ser humano tem disponível grande parte do conhecimento por meio de um único

aparelho tecnológico. Assim, a forma “ciber”, ligada à dimensão das tecnologias<sup>6</sup> microeletrônicas digitais, vai manter uma relação complexa com os conteúdos da vida social. Daí, surge o termo “cibersocialidade” que é a sinergia entre a socialidade contemporânea e as novas tecnologias do ciberespaço (LEMOS, 2004).

Lévy (1996, p. 15) define cibercultura como “[...] o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores, que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. O referido autor ainda afirma que a cibercultura traz uma *mutação da relação com o saber*. Para este autor (idem, p. 157), “[...] o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas”.

Ainda considerando essa discussão, cibercultura pode ser entendida como a “(...) forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70” (LEMOS, 2003, p. 11). Na continuidade da abordagem de Lemos (2004), ele relata que é impossível compreender a cibercultura sem uma compreensão global do fenômeno técnico, já que faz parte de um processo mais amplo da relação entre a técnica e a sociedade. Desse modo, Lemos (2004) afirma que,

O fenômeno técnico nasce com a aparição do homem, depois será enquadrado pelo discurso filosófico e a noção de *tekhnê* (arte, os saberes práticos) para, enfim, entrar no processo de cientificação com o surgimento da tecnociência, ou o que chamamos hoje de tecnologia. [...] O surgimento da cibercultura não é só fruto de um projeto técnico, mas de uma relação estreita com a sociedade e a cultura contemporâneas (LEMOS, 2004, p. 26).

Nesse contexto, é visível que os recursos tecnológicos impõem ao tempo a velocidade do movimento. Tal mobilidade constitui-se como uma potente ferramenta de poder e dominação na sociedade. Esse conjunto de características das tecnologias digitais possibilitam a hibridação de meios, linguagens e textualidades, afeta a produção de textos, sua leitura e participação do leitor.

---

<sup>6</sup> Uma discussão maior foi feita no artigo “Midiatização e tecnologias digitais no contexto da escola”, apresentado no EPEPE, com coautoria de Edilane Carvalho Teles. Publicado nos anais do evento, podendo ser lido na íntegra no endereço: [http://epepe.info/arquivos/EPEPE\\_ANAIS.pdf](http://epepe.info/arquivos/EPEPE_ANAIS.pdf)

Sob esse olhar, Soares (2002) aborda que, a tela também instalou-se como novo lugar de escrita, trazendo significativas transformações nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. Assim, tais mudanças têm repercussões sociais, cognitivas e discursivas, de forma que exigem do indivíduo a capacidade de compreender o que lê, para que possa se expressar em diferentes contextos digitais, adequando a linguagem em cada situação específica.

Encerram-se neste capítulo os estudos bibliográficos da presente dissertação, estudos estes responsáveis por formar o referencial teórico. A elaboração do questionário, da entrevista semiestruturada, as análises dos dados e os resultados da pesquisa são ancorados neste referencial. No próximo capítulo é apresentada a metodologia da pesquisa e suas etapas.

### 3 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

*[Eu] Pensava que nós seguíamos caminhos já feitos, mas parece que não os há. O nosso ir faz o caminho.*

C. S. Lewis.

Neste capítulo constam os principais conceitos que fundamentaram a pesquisa, bem como a abordagem adotada. Neste mesmo espaço é possível conhecer os objetivos, os instrumentos, a descrição do lócus, dos participantes e o percurso traçado para as questões investigadas.

#### 3.1 A NATUREZA EPISTEMOLÓGICA DA PESQUISA

Segundo Neves (2015), ler, analisar e pesquisar são três unidades que fazem ou pelo menos deveriam fazer parte do cotidiano de qualquer professor, principalmente, quando se fala em pesquisa.

Assim, investigar é aprender num processo que avança em diversos caminhos. À medida que evolui o conhecimento humano sobre seu próprio viver, e, tudo aquilo que sobre ele interfere, também aumenta a competência humana de intervir sobre a vida individual, coletiva e planetária e, portanto, maior é a necessidade de formas de atuação social e ética sobre os produtos e as atividades da ciência, ou seja, sobre tudo o que se pratica em nome da ciência e de seus desdobramentos tecnológicos.

Um dos principais enfoques da educação é o de preparar o aluno para a vida, de forma que, a partir dos conhecimentos que ele construa, consiga relacioná-los com o contexto científico-tecnológico e social no qual está inserido. Para tanto, o redesenho educacional exige um novo olhar sobre as dimensões da ciência, tecnologia e seus impactos nessa sociedade em constante transformação.

Partindo do princípio de que a pesquisa pode contribuir para a melhoria educacional, é importante levar em consideração determinados elementos, como por exemplo, “(...) o tipo de pesquisa que se pretende fazer, por que fazê-la, para quem, com que objetivo e determinar qual o problema a ser investigado” (NEVES, 2015).

Nessa perspectiva e para dar seguimento a este trabalho, foi realizada a abordagem da pesquisa qualitativa, a qual pode ser definida como

(...) é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as gravações e os lembretes (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Esse tipo de pesquisa tem o propósito de fulgurar as ações que permeiam o não só o cotidiano escolar, identificando processos que, muitas vezes, devido ao fato de se tornarem parte da rotina de uma determinada realidade educacional, passam despercebidos pelos próprios envolvidos na pesquisa.

No bojo dessa discussão, Tuzzo e Braga (2016) afirmam que a pesquisa qualitativa é analítica, explicativa, ou seja, ela é regida pelos dados que gerarão conclusões e reflexões, baseados na complexidade da sociedade onde a pesquisa é gerada. Souza (2017) também ratifica dizendo que os dados e métodos qualitativos são considerados significativos e reais, pois são obtidos através de uma relação que estabelece vínculos. Desse modo,

Entende-se que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigorosamente estruturada, permitindo que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques, sugere que a pesquisa qualitativa oferece ao pesquisador um vasto campo de possibilidades investigativas que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos (TUZZO; BRAGA, 2016, p. 146).

Levando em consideração a descrição das situações da vida, especialmente dos adolescentes, buscou-se compreender os fenômenos eminentemente humanos e sócio-históricos, em relação à formação linguística e uso dos recursos digitais desses jovens. O mundo social sofreu alterações com a globalização e o advento das tecnologias digitais, prova disso foi a maior abertura e interação dos povos, de forma particular os adolescentes, nativos dessa cultura digital.

Dessa maneira, esta pesquisa procurou um diálogo e um aprofundamento entre a teoria e os dados empíricos, logo, a primeira etapa concentrou-se na revisão de literatura referente às categorias delineadas na pesquisa como: formação linguística digital, modos de leitura e subjetividade; diálogos e reflexões sobre letramento; letramento digital; educação escolar, Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's), cibercultura. Assim, teóricos como Lévy (1999), Soares

(2002), Lemos (2004), Kenski (2007), Xavier (2010), entre outros, deram contribuições valiosas para elaboração desta pesquisa, de maneira que analisou-se as implicações da linguagem digital na formação linguística dos adolescentes, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (CNSA), em Petrolina-PE<sup>7</sup>.

Os estudos desta pesquisa também tiveram como objetivos específicos três pontos, a saber: 1- Estudar o uso da linguagem digital na formação linguística dos adolescentes na contemporaneidade; 2- Investigar a prática discursiva dos adolescentes na cultura digital e suas implicações no desempenho escolar do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora; e 3- Identificar os principais elementos presentes no uso da linguagem digital entre os adolescentes.

### 3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA: ESTUDO DE CASO

Para atender às demandas, o percurso desta pesquisa foi guiado em forma de um Estudo de Caso no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (CNSA), pois, segundo Yin (2013 *apud* GIL, 2017, p. 34), esse caminho promove um delineamento mais adequado para a investigação em profundidade de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto onde se pretende explorar situações da vida real, cujos limites não estão claramente definidos.

Chizzotti (2006) também corrobora com o conceito de Estudo de Caso quando o define como uma estratégia de pesquisa bastante comum em diferentes áreas do conhecimento que “(...) é dado ao profissional para que reúna informações sobre um determinado produto, evento, fato ou fenômeno social contemporâneo complexo, situado em seu contexto específico” (CHIZZOTTI, 2006, p. 135).

Gil (2017), afirma que o Estudo de Caso é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências sociais. Ou seja, consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos casos, de modo que permita seu amplo e detalhado conhecimento. O referido autor também pontua que os propósitos do Estudo de Caso não são os de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados.

Dessa forma, é necessário olhar o objeto de estudo em ângulos variados, por

---

<sup>7</sup> Para mais informações sobre o município de Petrolina-PE ver: <http://petrolina.pe.gov.br/historia/>.

isso é pertinente a adoção desses conceitos teóricos, pois eles servem como construtos de análises neste trabalho. Portanto, a opção pelo uso do Estudo de Caso e a abordagem qualitativa, justificam-se pelo fato de aproximar-se mais com a questão investigada (educação e tecnologias digitais), no espaço CNSA, com ênfase na formação linguística dos alunos adolescentes desta escola, as práticas discursivas que cobrem esta realidade e o desempenho escolar dos alunos, frente à realidade de interação digital.

### 3.3 INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS

Em toda e qualquer pesquisa é necessário fazer escolhas e seguir caminhos que auxiliem no trajeto, na coleta de informações, de conhecimentos; assim, os mecanismos utilizados neste trabalho partiram de um olhar da realidade, a qual mostrava qual percurso e meios eram mais adequados trilhar, tendo em vista os aspectos da investigação que me propus a fazer.

A coleta de dados deste trabalho utilizou-se dos meios que atendia melhor os objetivos desta pesquisa, sendo a observação, o questionário misto (com 8 questões fechadas e 2 abertas), a entrevista semiestruturada e o grupo focal.

No que concerne à observação, ela é o acesso primeiro e primordial, direto e intensivo, do pesquisador com seu objeto e com o campo de seu objeto, transitando entre a observação sistemática e a espontânea. Segundo Gil (2009, p. 71), a observação sistemática é adequada para estudos de caso descritivos. Nesta modalidade de estudos, o pesquisador sabe quais aspectos do grupo são significativos para alcançar os objetivos pretendidos. Quanto à observação espontânea, podemos compreendê-la como “(...) aquela em que o pesquisador permanece alheio ao grupo ou situação que pretende estudar, observando de maneira natural e espontânea os fatos que ocorrem. O pesquisador é muito mais um espectador que um ator” (GIL, 2009, p. 72).

Segundo Lakatos e Marconi (2017, p. 109), “[...] a observação utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, não consiste apenas em ler, olhar e ouvir, mas também em examinar fatos e fenômenos que se deseja estudar”. Logo, foi nessa perspectiva que a observação foi amplamente utilizada neste trabalho. No entanto, pelo fato de ser professora na escola onde realizo a

pesquisa, é impossível não transitar entre a observação sistemática, estruturada, e a observação espontânea.

Quanto ao questionário misto, foi aplicado somente aos alunos. Sampiere et al. (2006, p. 327) afirma que o “[...] questionário fechado possui categorias de respostas que são definidas *a priori* pelo pesquisador e são apresentadas ao respondente”, que deve escolher a opção que descreva mais adequadamente sua resposta. Há também a flexibilidade do respondente poder selecionar mais de uma categoria de resposta, porém não se excluem as demais opções. Já em se tratando do questionário aberto, o mesmo autor (2006, p. 330) diz que “[...] serve em situações nas quais queiramos aprofundar uma opinião ou os motivos de um comportamento”.

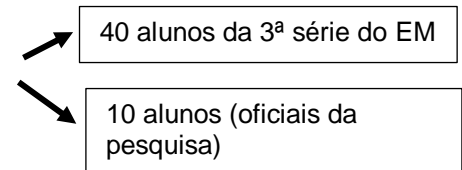
Ainda segundo Sampiere et al. (2006), cada questionário obedece a diferentes necessidades e problemas de pesquisa, o que faz que, em cada caso, o tipo de questão seja diferente. Assim, o que denominamos aqui de “questionário misto” funde aspectos do “questionário fechado” e do “questionário aberto” caracterizados por Sampiere et al (2006).

Dessa maneira, a opção de aplicar o questionário misto teve o intuito de aprofundar uma caracterização dos discentes e extrair maiores dados da realidade digital dos adolescentes, já que esse mecanismo permite delimitar algumas informações, as quais considere importante para entender esse cenário da era digital na vida dos jovens alunos.

Assim, o questionário misto foi aplicado em dois momentos distintos. O primeiro foi em uma aula com alunos da 3ª série do Ensino Médio (EM), pois tive a oportunidade de mediar um diálogo. O referido diálogo com a turma consistiu em uma discussão sobre as práticas vigentes da linguagem, leitura e escrita, através do dispositivo digital, o uso do Material Didático Digital (MDD); e, ainda um breve debate sobre o letramento no contexto dessa cultura digital. O propósito de estender o questionário a esses discentes foi o de captar mais dados sobre o dia a dia dos adolescentes e o uso das tecnologias digitais. Esse mecanismo foi importante, porque favoreceu critérios iniciais que auxiliaram na formulação das perguntas da entrevista semiestruturada. Por essa razão, o questionário misto foi aplicado a quarenta discentes da 3ª série do EM.

Já o segundo momento foi realizado com dez alunos (os participantes oficiais da pesquisa). Assim, totalizou 50 estudantes que responderam ao questionário.

**Quadro 2** - Guia dos instrumentos utilizados e participantes.

INSTRUMENTO	PARTICIPANTES
<b>Questionário Misto</b> (8 perguntas fechadas e 2 abertas)	<b>50 alunos</b>  <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: inline-block; margin: 5px;">40 alunos da 3ª série do EM</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: inline-block; margin: 5px;">10 alunos (oficiais da pesquisa)</div>
<b>Entrevista Semiestruturada</b>	<b>2 Coordenadoras</b> (8 perguntas) <b>4 Professoras</b> (8 perguntas) <b>10 Alunos</b> (7 perguntas)
<b>Grupo focal</b>	<b>10 alunos</b> (interações via grupo no WhatsApp e 3 reuniões pré-estabelecidas)
<b>Observação</b>	<b>(Coordenadoras, professoras, alunos e realidade)</b> , ou seja, situação ou grupo que o pesquisador pretende estudar, observando de maneira natural e espontânea os fatos que ocorrem. (GIL, 2009, p. 72).

Fonte: elaboração da autora.

Tendo como base o quadro 2, como meio de maior esclarecimento, segue o enredo de como cada instrumento foi desenvolvido.

Após aplicar o questionário misto com os alunos da 3ª série do EM, foi a vez de empregar o questionário com os dez alunos (oficiais da pesquisa). Com eles, realizei na primeira reunião (nesse caso, referente ao grupo focal), a qual aconteceu nas dependências do CNSA, especificamente, na biblioteca. Nesse sentido, a escolha por tal mecanismo e a aplicação estendida aos educandos da 3ª série do EM foram relevantes no acréscimo de informações. Ademais, tal instrumento é bastante utilizado na abordagem qualitativa.

No que concerne à entrevista semiestruturada, ela foi realizada por meio de uma delimitação que podemos definir como “amostragem”, a qual foi estabelecida entre os participantes da pesquisa, a saber: coordenadoras, professoras e alunos. Para Triviños (1987, p. 146), “[...] a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa”.

Os questionamentos dão frutos a possíveis elucidações que surgem a partir das respostas dos informantes. O foco principal é colocado pelo investigador-entrevistador. Triviños (1987, p. 152) complementa, afirmando que a entrevista

semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”. Além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

Assim, as entrevistas aplicadas aos alunos, professoras e coordenadoras buscaram informações que pudessem esclarecer sobre o processo de formação linguística dos alunos adolescentes, tendo em vista o uso da linguagem digital. Além disso, foi investigado a prática discursiva dos jovens na cultura digital e suas implicações no desempenho escolar, bem como os elementos mais presentes na linguagem digital utilizada por eles.

As entrevistas aconteceram em momentos distintos, com cada grupo de participante. A primeira ocorreu com as quatro professoras, no entanto, em dias e horários diferentes, pois a dinâmica das suas aulas não permitiu que eu realizasse em um único dia. Após agendar previamente via mensagem no WhatsApp, pude encontrar-me com cada uma delas, e interagir com oito perguntas do roteiro de entrevista, de modo que suas respostas renderam outros achados pertinentes à pesquisa.

Na sequência, o segundo momento foi com os dez alunos. Com eles, todo o contato e combinação era feito através do grupo criado no WhatsApp. Assim, pude marcar dia e horário específicos para aplicar a entrevista e conversar sobre outras questões que envolvem a realidade digital, trazendo mais dados para esta pesquisa. Com este grupo tive a oportunidade de fazer sete questionamentos (referente ao roteiro de entrevista), mas devido às atividades extracurriculares deles, não consegui realizar a entrevista com todos os integrantes no mesmo dia.

Por último, a terceira entrevista foi com as duas coordenadoras. Também não pude realizar as oito perguntas (roteiro de entrevista) no mesmo dia com elas, pois as demandas das suas ocupações não permitiram essa comodidade para mim. Assim, tive que agendar em dias e horários distintos para obter as informações que eram necessárias.

Por fim, foi criado o grupo focal com os dez alunos participantes desta pesquisa. Os discentes se envolveram em três reuniões/rodas de conversa (descritas mais adiante), qualificando assim como grupo focal. Esse mecanismo foi respaldado no artigo de Gondim (2003, p. 151), o qual revelou que o grupo focal é “[...] uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao

se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador”. Para Veiga e Gondim (2001) também pode ser caracterizado como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos.

Os grupos focais podem servir a diversos propósitos, e segundo Fern (*apud* VEIGA; GONDIM, 2001) há duas orientações: a primeira visa a confirmação de hipóteses e a avaliação da teoria, mais comumente adotada por acadêmicos. A segunda, por sua vez, dirige-se para as aplicações práticas, ou seja, o uso dos achados em contextos particulares. O grupo focal se estabelece como uma proposta multimétodos qualitativos, que integra em sua realização a observação, a escuta e a entrevista em profundidade.

Portanto, a criação e opção pelo grupo focal teve a finalidade de interagir com os adolescentes, dialogando sobre temas diversos, na perspectiva de compreender a linguagem vigente nessa era digital; quais elementos eram mais comuns na comunicação; o que eles pensavam sobre determinados assuntos contemporâneos; como se estabeleciam os discursos, bem como, a profundidade dos argumentos. As constatações sobre o que foi coletado no convívio com os adolescentes estão descritas no próximo capítulo.

Paralelo ao grupo focal, os estudantes também fizeram parte de um grupo no WhatsApp, meio pelo qual mantínhamos contato e estabelecíamos informações e conversas. Essa interação via grupo de WhatsApp serviu para enxergar mais de perto como os alunos lidam com o uso frequente dos recursos digitais, como se processam os seus discursos, a linguagem utilizada e os elementos mais presentes nela. Ademais, deu para mensurar uma parcela das competências do letramento desses jovens frente ao digital. Dessa forma, o grupo no WhatsApp “andou de mãos dadas” com o grupo focal, cumprindo o papel de concretude, pois o dados revelados puderam ser visíveis; e os mesmos estão descritos no capítulo posterior.

### 3.4 *LOCUS* DA PESQUISA

O *locus* deste trabalho foi o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora<sup>8</sup> (CNSA). Uma instituição privada, que atua há 93 anos, na cidade de Petrolina-PE, atendendo

---

<sup>8</sup> Fonte: <http://www.auxiliadorapetrolina.com.br/Institucional>.

mais 2.500 alunos por ano. Devido a esse tempo de atuação, a referida escola possui uma tradição valorizada pela sociedade petrolinense. Outro destaque é que a população dessa cidade é beneficiada por uma infraestrutura satisfatória, e não só isso; o CNSA tem procurado acompanhar as transformações educacionais, implantando um sistema de ensino através do Material Didático Digital (MDD). No próximo capítulo há uma descrição mais detalhada, trazendo mais informações sobre a história, espaço e funcionamento desse *locus*.

### 3.5 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

O número de integrantes desta pesquisa correspondeu a dezesseis pessoas, mas não de forma direta, pois, não foi estabelecida nenhuma restrição para as conversas informais e as demais convivências, com indivíduos que puderam trazer acréscimos à questão de pesquisa. Assim, o quadro 3 apresenta a distribuição dos envolvidos diretos na pesquisa, e no próximo capítulo, constam pormenores sobre cada grupo de participantes.

Quadro 3- Participantes e quantidade.

<b>GRUPOS DE PARTICIPANTES</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Alunos 9º ano – Ensino Fundamental II (EFII)	5
Alunas 2ª série – Ensino Médio (EM)	5
Professora Língua Portuguesa 9º ano EFII – Redação	1
Professora Língua Portuguesa 9º ano EFII – Gramática	1
Professora Língua Portuguesa 2ª série EM – Redação	1
Professora Língua Portuguesa 2ª série EM – Gramática	1
Coordenadora EFII	1
Coordenadora EM	1

Fonte: elaborado pela autora.

#### 3.5.1 - Alunos

É importante ressaltar que esta pesquisa não teve a pretensão de analisar todo o universo de alunos existentes no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, o que significaria trabalhar com um número maior que 350 de alunos(a) das séries em

análise. Logo, foi feito um recorte com os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II (EFII) e estudantes da 2ª série do Ensino Médio (EM), seguindo a distribuição: cinco alunos do 9º ano (EFII) e cinco alunas da 2ª série (EM). Assim, considere que eles foram peças-chaves neste estudo, já que fizeram parte de um grupo focal e de um grupo no WhatsApp.

A opção por essas séries deu-se em razão delas constituírem as fases finais do ensino Fundamental e Médio. Apesar da 2ª série não ser a finalização do (EM), ela foi escolhida porque era necessário a disponibilidade de tempo dos alunos no contra turno, e a 3ª série do (EM) não poderia favorecer isso, visto que o ritmo de estudos e aulas são mais intensos.

Outro motivo importante das escolhas pelas séries 9º ano (EFII) e 2ª série (EM) deu-se pelo período de transição da psique dos adolescentes. Nessa faixa etária, que compreende idades entre 14 e 16 anos, os adolescentes atravessam uma fase conflituosa por não serem mais crianças e nem adultos e por uma série de transformações. Não há autonomia para tudo e o fato desses jovens estarem ainda em formação física e psicológica levou-me a querer compreender sobre o desenvolvimento e a consistência linguística / letramento desses jovens, tendo em vista à cultura digital.

### **3.5.2 Professoras**

São participantes desta pesquisa quatro professoras de Língua Portuguesa. Sendo duas do Ensino Fundamental II (EFII) e duas do Ensino Médio (EM). Dentro desses segmentos, as docentes assumem ensinamentos separados; assim, uma transmite o conteúdo gramatical da Língua e a outra trabalha com a Produção Textual (Redação).

A escolha por estas integrantes neste estudo deu-se pelo fato de que elas são profissionais que lidam diretamente com a formação linguística dos alunos adolescentes por meio do ensino. Elas reconhecem e acompanham o nível de conhecimento e desempenho dos jovens discentes. Ademais, encaram todos os dias os diversos conflitos do adolescente no campo emocional, intelectual, e não só isso, também tentam administrar a relação da construção linguística com a tecnologia digital. Esse último fator foi preponderante no respaldo e na contribuição significativa dos questionamentos deste trabalho.

### 3.5.3 Coordenadoras

Também participaram do processo desta pesquisa duas coordenadoras pedagógicas, uma do Ensino Fundamental (EFII) e outra do Ensino Médio (EM). A razão da inserção delas deu-se porque são profissionais conhecedoras de toda a dinâmica do fazer pedagógico, da rotina das aulas, como também do colégio, das atividades extras e por acompanhar os discentes.

Entre a coordenação e os alunos existe uma via de comunicação que vai além dos problemas de sala de aula. As coordenadoras pedagógicas também conhecem os conflitos externos que acontecem com os adolescentes, os quais englobam o campo emocional, cognitivo e até mesmo o uso (inadequado) dos recursos digitais, quando estes trazem prejuízos escolares, afetando também a vida particular. Há uma interação dialógica, pois existem orientações e intervenções. Por isso, elas apresentam contribuições sobre as competências linguísticas dos adolescentes diante dessa cultura digital.

### 3.6 PASSOS DA AQUIESCÊNCIA E NOMEAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Este trabalho priorizou os aspectos éticos referentes à uma pesquisa de campo e o acesso à escola, e aos seus sujeitos foi todo coberto por autorizações assinadas. Cada participante, ao se disponibilizar para a pesquisa recebeu um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e só foi integrado à pesquisa após conhecer tais termos e assiná-los.

Os modelos desses termos constam no final deste trabalho, porém sem assinaturas, para resguardar a identidade dos participantes. Outro dado que deve ser mencionado é em relação ao título inicial deste trabalho, pois o ele não permaneceu o mesmo, já que no decorrer da pesquisa percebeu-se a necessidade de ajustar o título ao conteúdo deste estudo; desta forma, esses termos encontram-se nos anexos com o título alterado.

Partindo da perspectiva da seriedade de uma pesquisa e no intuito de promover a identidade resguardada dos participantes, os nomes escolhidos para representar as vozes dos integrantes foram letras e números. Assim, o quadro nº 4 serviu para identificar os sujeitos, por meio de códigos.

Quadro 4- Identificação dos participantes.

<b>PARTICIPANTES</b>	<b>CÓDIGO</b>
Professora de Gramática EFII	PG1
Professora de Redação EFII	PR1
Professora de Gramática EM	PG2
Professora de Redação EM	PR2
Coordenadora EFII	C1
Coordenadora EM	C2
Aluno 1 do EFII	AF1
Aluno 2 do EFII	AF2
Aluno 3 do EFII	AF3
Aluno 4 do EFII	AF4
Aluno 5 do EFII	AF5
Aluno 1 do EM	AM1
Aluno 2 do EM	AM2
Aluno 3 do EM	AM3
Aluno 4 do EM	AM4
Aluno 5 do EM	AM5

Fonte: elaborado pela autora.

Os códigos utilizados indicam os sujeitos no capítulo seguinte, onde apresenta-se as análises e resultados. Quanto ao estabelecimento da concisão deste texto, foi necessário adotar em alguns momentos análises baseadas nos reflexos mais evidentes das falas dos envolvidos.

### 3.7 RECURSO NO TRATAMENTO DOS DADOS

Sem dúvida, todo o processo de diálogos orais ou através das mídias digitais com os participantes da pesquisa e todos os instrumentos adotados foram suportes e somaram dados para as devidas análises. No entanto, foi necessário aplicar técnicas específicas para entender o fenômeno em estudo. Dessa forma, compreendendo a relevância do tratamento, sistematização e interpretação dos dados, foi escolhida a opção da triangulação das diferentes fontes de pesquisa.

Assim, foram fontes de pesquisa os integrantes, sendo eles: as professoras de Língua Portuguesa, coordenadoras pedagógicas e alunos; tendo como recursos de produção de dados as entrevistas semiestruturadas, o questionário misto e as observações. Nesse sentido, ter uma visão múltipla significa triangular, ou seja, fazer

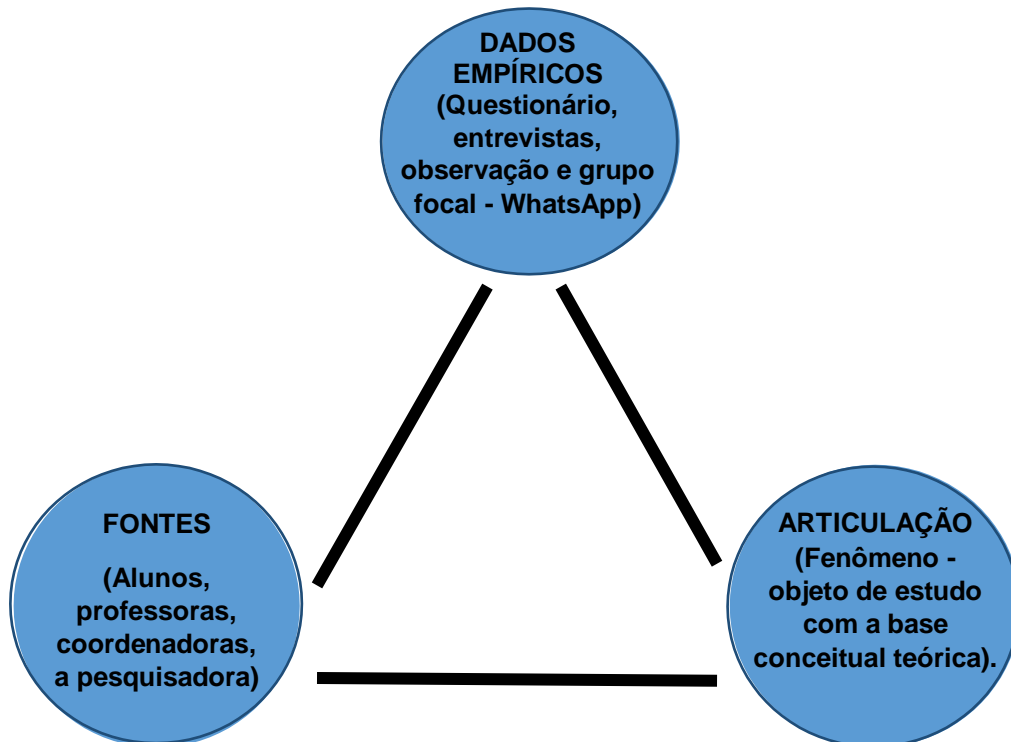
o cruzamento do objeto de estudo com os resultados coletados. As respostas dos participantes foram subsídios para estabelecer o confronto e perceber onde havia concordância ou divergência.

Nesse contexto, foi importante investigar sob o olhar dos diferentes ângulos. Observar de maneira multifacetada os ângulos que compuseram o processo, de modo que o contraste entre as respostas fez parte desta análise. Cada ângulo é complexo em si mesmo, no entanto, eles integraram o todo. O conceito de triangulação solidifica-se por meio do olhar contrastivo das informações. Assim, é salutar um cruzamento das respostas à luz do fenômeno estudado e com isso promover a sustentação do eixo qualitativo desta pesquisa, pois, o todo e as partes são focos determinantes neste modelo. Além de a triangulação ser

(...) reconhecida como a mais importante estratégia adotada na análise e interpretação dos resultados do Estudo de Caso. Consiste basicamente em confrontar a informação obtida por uma fonte com outras, com vistas a corroborar os resultados da pesquisa. A triangulação está na essência do Estudo de Caso (GIL, 2009, p. 114).

Tuzzo (2016) colabora dizendo que este é um trabalho complexo pela multiplicidade de agentes sociais envolvidos para se pensar em suas respostas. Vergara (2006) afirma que a triangulação pode ser vista a partir de duas óticas: a *estratégia* que contribui com a validade de uma pesquisa; e como uma *alternativa* para a obtenção de novos conhecimentos, através de *novos pontos de vista*. Sendo assim, os dados empíricos coletados fizeram parte da reflexão e percepção de como os sujeitos estabeleceram o pensamento sobre a realidade cibercultural e de que forma esse panorama respondeu a questão sobre as implicações na formação linguística dos adolescentes, tendo em vista o uso da linguagem digital. Ademais, também buscou-se delinear o desempenho escolar, bem como as práticas discursivas. Posto isso, é válido exemplificar através da figura 3:

Figura 3- Análise por triangulação.



Fonte: Elaborado pela autora, maio/2019.

O momento de sistematização foi um movimento constante em várias direções: do objeto em estudo para a realidade, desta para as fontes e os respectivos dados, se repetindo e entrecruzando até que a análise atingisse pontos de "desenho significativo de um quadro", multifacetado sim, mas totalmente compreensível. Também foi levado em consideração a abordagem conceitual diante dos dados, a ideia era compreender as particularidades da situação.

## 4 REVELANDO DADOS, ANÁLISES E RESULTADOS

O sentido, acho, é a entidade mais misteriosa do universo.  
 Relação, não coisa, entre a consciência, a vivência e as coisas e os eventos.  
 O sentido dos gestos. O sentido dos produtos. O sentido do ato de existir.  
 Me recuso (sic) a viver num mundo sem sentido. Estes anseios/ensaios são incursões em busca do sentido.  
 Por isso o próprio da natureza do sentido: ele não existe nas coisas, tem que ser buscado, numa busca que é sua própria fundação.  
 Só buscar o sentido faz, realmente, sentido.  
 Tirando isso, não tem sentido.  
**Paulo Leminski**

Este capítulo consiste em descrever os achados da pesquisa, realizada no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (CNSA), no intuito de revelar as implicações da formação linguística dos alunos adolescentes frente à cultura digital. Além disso, identificar como regem as práticas discursivas e o desempenho escolar correlacionados ao uso das tecnologias digitais. Foi uma busca que teve um olhar na perspectiva de compreender como os estudantes constroem a sua *formação cognitiva* (vide pág. 30), tendo em vista o tempo envolvido com as mídias digitais. Atrelado a esse contexto, para os nativos digitais<sup>9</sup>, o smartphone (aparelho mais usado) representa uma peça muito importante, já que o conhecimento pode ser obtido na “palma da mão”.

### 4.1 DESCORTINANDO O CAMPO E OS INTEGRANTES DA PESQUISA

#### 4.1.1 CNSA: Reduto formativo, localização, história e atuação

Falar de escola é puxar do baú várias memórias, sejam elas boas ou ruins, mas todas elas somaram na formação do nosso ser. As lembranças e aprendizagens adquiridas na vida estudantil, certamente contribuíram para o amadurecimento cognitivo e convívio social. Assim, a escola é um espaço

---

<sup>9</sup> Prensky (2001) nos explica que as crianças - nativas digitais - apresentam uma intimidade com os meios digitais e possuem a habilidade e competência de realizar múltiplas tarefas ao mesmo tempo.

sociocultural que significa

**Escola é**

... o lugar que se faz amigos.  
 Não se trata só de prédios, salas, quadros,  
 Programas, horários, conceitos...  
 Escola é sobretudo, gente.  
 Gente que trabalha, que estuda  
 Que alegra, se conhece, se estima.

O Diretor é gente,  
 O coordenador é gente,  
 O professor é gente,  
 O aluno é gente,  
 Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor  
 Na medida em que cada um se comporte  
 Como colega, amigo, irmão.  
 Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”  
 Nada de conviver com as pessoas e depois,  
 Descobrir que não tem amizade a ninguém.  
 Nada de ser como tijolo que forma a parede, Indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,  
 É também criar laços de amizade, É criar ambiente de  
 camaradagem,  
 É conviver, é se “amarrar nela”!

Ora é lógico...  
 Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,  
 Fazer amigos, educar-se, ser feliz.  
 É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

Seguindo esse pensamento poético, da autoria de Paulo Freire, sobre esse efeito sociocultural da escola, e recordando da sua representação na construção de cada ser; Dayrell (1996) também corrobora dizendo que compreende a escola na

Ótica da cultura, sob o olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição (DAYRELL, 1996, p. 136).

Essa visão do espaço educacional estimula os profissionais da área e faz seguir em busca de possibilidades e histórias que fizeram/fazem a diferença no processo ensino-aprendizagem dos discentes. Nessa perspectiva, prossigamos no conhecimento da trajetória do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (CNSA) e a missão que ele carrega ao longo dos anos.

A referida instituição localiza-se à Av. Joaquim Nabuco, 380, Centro, área nobre da cidade de Petrolina-PE. Possui uma extensão territorial de 20.122m<sup>2</sup> e uma área construída de 11.970m<sup>2</sup>. Esse espaço ocupado o faz estar posicionado em lugar privilegiado, podendo até dizer: no “coração da cidade”. O CNSA é dirigido pelas Irmãs Salesianas e foi fundado no dia 25 de fevereiro de 1926.

Seis Irmãs vindas do sul do Brasil e da Europa chegaram ao sertão pernambucano a convite do 1º bispo de Petrolina Dom Antonio Maria Malan. O grande bispo salesiano quis construir ao lado da Catedral da Fé, uma “Catedral da Educação”: o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. O início foi difícil e cheio de desafios, mas vencendo todos os obstáculos, as corajosas missionárias divulgadoras da ciência e da fé, iniciaram o curso fundamental de 1ª à 4ª série no casarão da diocese e logo depois o Ginásio e o Curso Normal. Por algum tempo a escola favoreceu educação somente ao público feminino, e só depois de alguns anos é que se inseriu o público masculino.

A árvore cresceu e deu frutos e em 1938, o Colégio passou a funcionar em prédio próprio. Hoje a referida instituição atende mais de 2.500 crianças, adolescentes e jovens nos cursos de educação infantil, ensino fundamental e médio, gerando emprego para mais de 180 funcionários, dentre eles, a maioria encontra-se na função de professor(a) e são do sexo feminino.

Para atender à população petrolinense e regiões circunvizinhas, o colégio conta com uma infraestrutura ampla e agradável, podendo ser conhecida pelo quadro nº 5 a seguir:

Quadro 5- Especificação do ambiente escolar.

<b>ESPAÇO</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Salas de aulas climatizadas	55
Salas de balé climatizadas	2
Sala de xadrez	1
Sala de Judô	1

Laboratório de informática climatizado	1
Laboratório de ciências climatizado	1
Bibliotecas	2 (Uma delas é climatizada)
Banheiros	35
Quadras poliesportivas	3
Piscinas	2
Cantina	1
Cozinhas	3
Refeitório	1
Sala de música	1
Portarias com catracas eletrônicas	3
Recepção com acesso digital	1
Auditório climatizado para eventos e atos	1
Capela climatizada para as acolhidas, orações e celebrações eucarísticas	1
Chácara Madre Mazzarello (lugar para recreação e jornadas de formação)	1
Segurança e Monitoramento por câmeras diariamente	

Fonte: elaborado pela autora.

A partir das imagens de 1 a 4, é possível mensurar o território ocupado do CNSA, bem como formular melhor a estrutura arquitetônica do imóvel. A instituição ao longo dos anos tem ampliado a área construída, a fim de suprir às necessidades de espaço físico, proporcionando maior conforto e recursos à comunidade educativa.

Imagem 1 - Entrada principal do CNSA, que fica em frente à Praça Maria Auxiliadora.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Imagem 2- Continuação da entrada principal do CNSA e estacionamento, em frente à Praça Maria Auxiliadora.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Imagem 3- Lateral do CNSA, lado da Av. Guararapes.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Outro detalhe que vale a pena mencionar sobre a história do CNSA é que ele foi projetado em um modelo Ecletismo<sup>10</sup>; o pátio com fonte central, a fachada e a lateral da instituição remetem a esse modelo arquitetônico, conforme as imagens de 1 a 4, visualizadas.

---

<sup>10</sup> Fonte: Tal estilo é a mistura de elementos da arquitetura clássica, gótica, barroca e neoclássica, o qual teve início no Brasil ao final do século XIX e perdurou até as primeiras décadas do século XX, e que chegou ao auge com a proliferação de grandes construções públicas e privadas em todo o país, incluindo palácios de governo, teatros, colégios. Ver: <https://archiinbrazil.wordpress.com/arquitetura-ecletica/>.

Imagem 4- Pátio do CNSA com fonte central.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Já em relação à formação do indivíduo, segue quadro de nº 6, especificando cada parte que o colégio se propõe a desenvolver:

Quadro 6- Sobre a formação educacional do indivíduo.

<b>Intelectual</b>	A instituição faz uso de Material Didático Digital (MDD) próprio; Educadores e alunos conectados com a tecnologia;
<b>Moral</b>	Serviço de Orientação e Psicologia Educacional;
<b>Espiritual</b>	Acompanhamento pedagógico-pastoral; Preparação para os Sacramentos da Reconciliação; Primeira Eucaristia e Crisma; Jornadas de formação cristã salesiana; Grupos da Infância e Adolescência Missionária; Formação de grupos juvenis pertencentes a Articulação da Juventude Salesiana.

Fonte: elaborado pela autora.

No que tange à prática esportiva, cultura e arte, o colégio oferece a Escolinha de Esporte, cultura e arte: Futsal – Basquete – Vôlei - Judô - Karatê – Natação - Ginástica Rítmica – Balé - Piano - Violão – Xadrez – Coral – Música.

O CNSA também tem fomentado nos alunos as competições esportivas com o Festival de esportes e Jogos interclasses; bem como o incentivo à exposição das

habilidades com o Festival de Arte e Cultura. Em decorrência desse estímulo, a escola reserva um espaço na entrada/recepção para expor os troféus referentes às conquistas obtidas ao longo dos anos no âmbito esportivo. As imagens de 5 a 7 representam o cenário e parte da dedicação dos docentes/discentes nesse quesito.

Imagem 5- Mostruário de premiações olímpicas 1.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Imagem 6- Mostruário de premiações olímpicas 2.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Imagem 7- Mostruário de premiações olímpicas 3.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

A instituição também preza em manter os laços afetivos estabelecidos ao longo do tempo através de Grupos pertencentes à Família Salesiana: Grupo de Ex-alunos (as), ADMA (Associação de Maria Auxiliadora), Salesianos Cooperadores.

Outra particularidade que vale destacar é que o CNSA faz parte da Rede Salesiana Brasil de Escolas (RSB-Escolas)<sup>11</sup>, recebendo o respaldo de que necessita para reafirmar o compromisso das escolas salesianas em 128 países: preparar seus alunos para a vida, para o vestibular e para o mercado de trabalho.

A (RSB-Escolas) foi iniciada em 2002 e ao longo desses 17 anos de caminhada, a Rede Salesiana Brasil de Escolas investiu no desenvolvimento de soluções educacionais inovadoras, na construção de um material didático impresso e digital próprio, no desenvolvimento de uma plataforma digital compatível com as necessidades educacionais de hoje e na formação continuada de gestores e educadores, dentre outras iniciativas.

O CNSA foi o primeiro colégio, na cidade de Petrolina-PE, a adotar materiais didáticos digitais. O aluno é levado a adquirir um aparelho digital (*smartphone, tablet, notebooks*), para ter acesso ao conteúdo disponibilizado nas mídias digitais pela plataforma Edebê. O intuito é proporcionar processos de ensino e aprendizagem adaptados à nova realidade digital. O Grupo e editora Edebê administra essa

---

<sup>11</sup> Informações sobre RSB – Escolas disponível em <https://escolas.rsb.org.br/Rsb-escola>.

plataforma digital, que disponibiliza conteúdos midiáticos. Tal plataforma diz respeito ao Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), que segundo Kenski (2012) é caracterizado por

Espaço que oferece condições para a interação (síncrona e assíncrona) permanente entre os seus usuários. A hipertextualidade – funcionando como sequências de textos articulados e interligados, entre si e com outras mídias, sons, fotos, vídeos etc – facilita a propagação de atitudes de cooperação entre os participantes, para fins de aprendizagem. [...] Essas três características – interatividade, hipertextualidade e conectividade – já garantem o diferencial dos ambientes virtuais para a aprendizagem individual e grupal (KENSKI, 2012, p. 95).

Além de favorecer o AVA, o CNSA, possui uma estrutura religiosa, de forma que é considerado hoje como a RSB-Escolas, ou seja, a maior rede católica de educação das Américas: congrega cerca de 5 mil educadores e 85 mil alunos, da educação infantil ao ensino médio, em mais de cem escolas. Tendo em vista esse contexto, a RSB-Escolas está presente em quase todos os estados<sup>12</sup> do Brasil.

Essa dimensão demonstra que o colégio conquistou confiança ao longo do tempo e está sob um viés religioso, baseado nos ensinamentos de Dom Bosco (Sistema Preventivo<sup>13</sup>). Segundo Pelegrine (2008), essa maneira de ensinar baseia-se nas palavras do apóstolo Paulo: “*Caritas patiens est, benigna est... omnia suffert, amnia sperat, amnia sustinet*”. A caridade é benigna e paciente, tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo. O sistema de prevenção trata-se de uma proposta original de evangelizar e educar, integralmente, que se apoia em três pilares: razão, religião e amor – “amorevolleza” (PELEGRINE, 2008). Além de ser uma metodologia de ensino, é um caminho espiritual.

Em relação às perspectivas educacionais, o CNSA está sintonizado com os desafios e programas educacionais do Brasil, a RSE segue as orientações da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ministério da Educação e Cultura (MEC), em permanente diálogo com o carisma e a missão salesiana.

Quanto ao projeto pedagógico<sup>14</sup>, a RSB-Escolas objetiva uma educação

---

<sup>12</sup> Para saber sobre as unidades em cada estado, ver <https://escolas.rsb.org.br/Onde-estamos>.

<sup>13</sup> Ver: [http://edbbrasil.org.br/literatura-salesiana/files/O\\_Sist\\_Prev\\_Hoje\\_Baixa.pdf](http://edbbrasil.org.br/literatura-salesiana/files/O_Sist_Prev_Hoje_Baixa.pdf).

<sup>14</sup> Para saber mais sobre o projeto pedagógico

[http://www.salesiano.org.br/assets/nsv/imgs/projeto\\_pedagogico\\_rse.pdf](http://www.salesiano.org.br/assets/nsv/imgs/projeto_pedagogico_rse.pdf)

salesiana que está a serviço da formação integral da pessoa. Sua missão é fornecer razões de vida e de esperança às novas gerações, mediante um saber e uma cultura elaborados, criticamente, com base na concepção da pessoa e da vida inspirada nos valores evangélicos.

Assim, o Colégio Auxiliadora alcança 93 anos de tradição, mas também é uma escola inovadora em Petrolina-PE. Mesmo sendo tradicional na cidade, o CNSA foi a primeira instituição a investir em ferramentas tecnológicas, como o livro didático digital (MDD), o qual reúne o conteúdo do livro didático impresso em recursos multimidiáticos.

A proposta do material digital é acompanhar o desenvolvimento tecnológico que inevitavelmente adentrou nos espaços educacionais, e não só isso, mas também contemplar o processo ensino–aprendizagem com recursos que abrem maior possibilidade na absorção dos conteúdos. Isso prova que o colégio está sempre atento às exigências dos novos tempos, mas ao mesmo tempo sabe que os desafios dessa era digital são complexos.

Ao longo dos anos, para gerenciar e manter toda essa tradição da instituição, o CNSA contou com dezessete diretoras na administração, conforme é possível ver pela imagem 8 abaixo.

Imagem 8 - Diretoras do CNSA



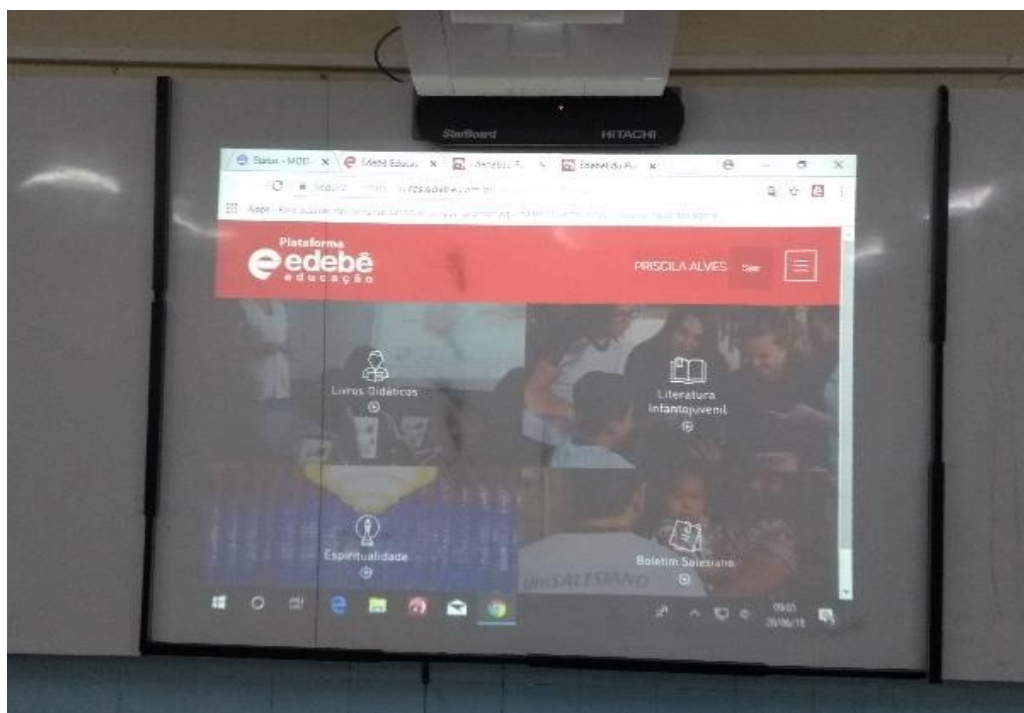
Fonte: Arquivo da autora, 2019.

---

As contribuições dessas diretoras fizeram com que o colégio continuasse se expandindo não só em número de alunos, infraestrutura, mas também com os recursos tecnológicos digitais implantados. Atualmente, o CNSA conta com a diretora Irmã Júlia Maria de Oliveira e a vice-diretora Irmã Margarida Padilha da Luz, no prosseguimento e propagação da educação.

O colégio pertence à rede privada de escolas e atende às classes mais privilegiadas da região (classes médias, emergentes), razão maior que reúne condições de se modernizar em termos tecnológicos, tendo que equilibrar a evolução tecnológica com a orientação moral- pedagógica. O CNSA faz uso de Material Didático Digital (MDD), da Editora Edebê<sup>15</sup> Brasil, que se caracteriza pelo formato interativo e multimeios digitais em prol de uma aprendizagem mais contextualizada com a realidade do século XXI. A imagem 9 pode caracterizar melhor o que já foi explicitado.

Imagem 9 - Mostra o início da plataforma, disponibiliza a opção que o professor quer seleccionar, se é abrir o livro didático, literatura infanto-juvenil, boletim salesiano, entre outros.



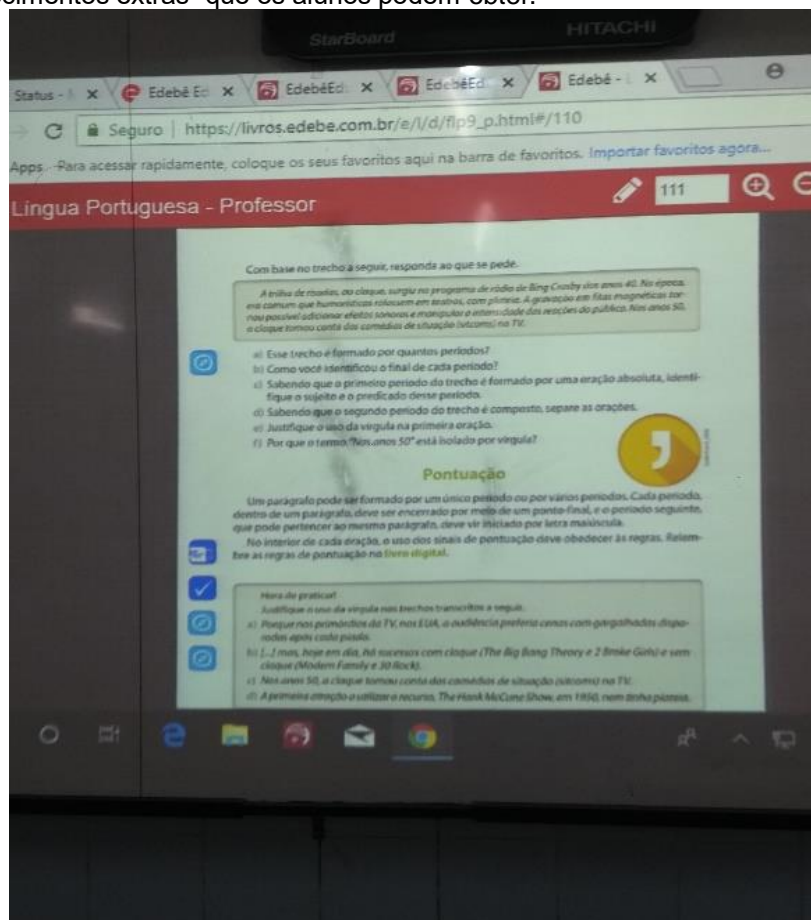
Fonte: Arquivo da autora, 2019.

A editora Edebê tem o MDD disponível para as séries do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. O livro digital traz conteúdos pertinentes a sua respectiva série e também dispõe de vídeos relacionados aos conteúdos, glossários com as palavras

<sup>15</sup> Ver: <https://www.edebe.com.br/>.

incomuns ao contexto dos adolescentes, informações extras, breves biografias, mapas, atividades, entre outros. Tudo isso por meio de acesso *online* ou *offline*. O uso desse recurso tem estimulado o entendimento dos alunos(a) sobre a realidade, pois a exposição de textos, visualização de lugares, mapas, glossários têm favorecido a maior compreensão dos assuntos. A imagem 10 revela o funcionamento do livro digital da disciplina Língua Portuguesa, pois a partir dos ícones, os discentes têm acesso aos conteúdos extras.

Imagem 10 - Página interna do livro de Língua Portuguesa. Exibe ícones na lateral esquerda revelando os “conhecimentos extras” que os alunos podem obter.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Segundo Tapscott (1999, p. 3), “[...] a interatividade é a base da Geração Net”. Diferentemente da televisão, as novas mídias exigem de seus usuários a interação. Estes já não são meros receptores, mas precisam fazer uso dos diversos recursos, ora lendo e interpretando, ora escrevendo. Paralelo a isso, necessitam decidir, escolher e analisar.

Ao falar do MDD é importante ressaltar que ele foi adotado pela referida

instituição educativa desde 2014; desde de então, o colégio tem capacitado os docentes para a utilização desse material e envolvido os alunos(as) para a devida apropriação do mesmo. Além do livro digital, a instituição possui artefatos computacionais e *data show* nas salas do Ensino Fundamental e Médio, bem como laboratório de informática – o que facilita o manejo dos diversos recursos tecnológicos disponíveis na escola.

Ao decidir fazer parte da RSB-Escolas, através da matrícula na instituição, o(a) aluno(a) recebe a orientação da compra de um dispositivo móvel, que pode ser o *smartphone*, *tablet* ou *notebook* com capacidade para o uso do material digital. Ao acessar o site da Edebê, tem-se a opção de adquirir o combo: livros impressos e digitais ou somente o material digital; variando o preço de acordo com o pacote escolhido. Com o fortalecimento das práticas digitais no campo educacional, a editora Edebê tem apresentado alguns conteúdos só no formato digital, ou seja, os discentes e professores são levados ao manuseio e aperfeiçoamento dos recursos digitais como forma didática na aprendizagem.

Diante dessa realidade, o CNSA tem buscado por meio de capacitações estar preparado para lidar com os obstáculos no campo digital. Mesmo trabalhando com o material didático digital e disponibilizando a internet para os alunos, existem algumas restrições, como forma de manter a seguridade social/emocional dos discentes. Uma das formas que tem feito isso é bloqueando sites de redes sociais e outros sites que comprometam de alguma forma os alunos.

Essa iniciativa visa assegurar a maior concentração no período escolar e manter certo controle sobre atitudes/comportamentos que possam vir a prejudicar a ordem da escola. Além disso, a equipe de tecnologia educacional do CNSA tem conhecimento do número de acesso dos discentes de determinados sites, com isso a instituição tem respaldo para intervir com o(a) aluno(a), e se necessário, com os pais ou responsáveis. Tal sistema contribui para uma maior segurança no uso das tecnologias digitais, pois a escola tem ciência dos benefícios e riscos decorrentes desses artefatos.

## 4.2 O RECRUTAMENTO E CONTATO COM OS DISCENTES

Quanto aos alunos adolescentes, peças chaves neste estudo, o primeiro contato aconteceu em 10/04/19 por meio da minha entrada em sala, explicando

sobre o propósito da pesquisa e solicitando o voluntariado, para que pudessem participar da mesma. Entrei em quatro salas do 9º ano do (EFII) e quatro salas da 2ª do (EM), do turno matutino. Houve motivação quase que generalizada por parte dos discentes em contribuir com o estudo. A inscrição de dez alunos (quantitativo delimitado para este trabalho) aconteceu no mesmo dia que entrei nas salas (10/04/19), e deu-se de forma voluntária e aleatória, para evitar qualquer tipo de acusação de parcialidade.

Dando seguimento ao recrutamento de voluntários, vale mencionar que em duas salas (uma do EFII e outra do EM) não houve alunos interessados. Nas demais salas houve muitos inscritos, então, optei por fazer sorteio, a fim de manter sempre a imparcialidade. Outro fato relevante foi que nas salas do (EM) só houve interesse por parte do público feminino e não se pode definir ao certo a razão disso acontecer. Quanto às salas do (EFII) teve a inscrição de dois alunos e alunas.

Outra questão que precisei considerar foi a disposição dos adolescentes na prestação das informações, pois eram necessários alguns encontros no contra turno, para o recolhimento dos dados. Acrescido a isso, os alunos ficaram cientes que para colaborar na pesquisa, necessitavam da autorização dos pais/responsáveis e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). E não só isso, mas também os próprios discentes teriam que assinar o Termo de Assentimento do Menor. Todos esses trâmites foram aceitos e realizados.

Na sequência da pesquisa, solicitei o número do WhatsApp dos alunos, para montar um grupo na rede social já citada. Esse mesmo ajuntamento compôs o grupo focal. Entretanto, é importante dizer que só recolhi o contato dos discentes após a comunicação da coordenação do colégio com os pais/responsáveis desses alunos(a), a fim de que ficasse tudo esclarecido e autorizado.

Após todas as formalizações, as interações com os alunos foram ocorrendo mais no grupo do WhatsApp, e a formação dessa comunidade foi algo ligado ao grupo focal. O propósito era trazer subsídios quanto à linguagem utilizada na referida rede social, bem como possibilitar o agendamento dos encontros com os discentes, no contra turno. A pesquisa percorreu colhendo dados no grupo de WhatsApp, onde tivemos conversas, indicações de vídeos, questionamentos, etc.

Além desse agrupamento virtual, também foram estabelecidas reuniões presenciais (com os dez alunos – grupo focal), no intuito de recolher mais dados. A finalidade foi gerar debates, por meio de rodas de conversa sobre os aspectos deste

estudo. Através desse ajuntamento foi possível estabelecer uma conversação sobre o contexto da linguagem e cultura digitais; com o objetivo de compreender sobre a formação linguística dos educandos.

Durante o período da pesquisa de campo, tivemos três reuniões com o grupo focal; sendo a primeira em 26 de abril de 2019; a segunda em 23 de maio de 2019 e a terceira em 13 de setembro de 2019. O motivo de ter um espaçamento maior entre a segunda e a terceira reunião foi devido ao período de avaliações dos educandos, pois a escola trabalha com o sistema de avaliação trimestral, e atrelado a isso, as férias dos alunos foram outro fator no distanciamento das datas.

Quadro 7 - Encontros e atividades realizadas no recolhimento de dados (Grupo focal).

Local	Quantidade de encontros	Data	Atividade realizada	Participantes
Biblioteca CNSA	1º	26/04/2019	Roda de conversa sobre a temática da cultura digital, bem como a leitura do Termo de Assentimento do Menor para os discentes. O termo é um documento que valida a seriedade do processo da pesquisa e traz respaldo à pesquisadora. Após a leitura, os alunos assinaram e em seguida, os educandos receberam outro termo (TCLE), para levarem aos seus pais/ responsáveis e obter a assinatura deles, já que os discentes participantes eram de menor. Nesse mesmo dia, os alunos também participaram do questionário misto (contendo 8 perguntas fechadas e 2 abertas), de modo que as respostas do questionário produziram subsídios para uma conversa mais específica à realidade deles. O feedback que os educandos me deram com o questionário foi muito útil, tendo em vista à escolha dos temas para os próximos encontros e à elaboração de perguntas mais singulares para a composição da entrevista, a qual estava planejada para ser aplicada no segundo encontro.	10 alunos
Biblioteca CNSA	2º	23/05/2019	Nessa ocasião, pude aplicar a entrevista semiestrutura, contendo sete perguntas, de modo que a mesma trouxe mais elementos elucidativos para este estudo, e além disso, fomentou uma conversa sobre os conteúdos viabilizados pela internet / aparelhos digitais. Por exemplo, foi possível dialogar sobre séries da Netflix, modos de leitura, e ainda discutimos sobre um vídeo	7 alunos

			intitulado: “O que é cultura digital?”, o qual está disponível no endereço: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=VrqbRQultWQ">https://www.youtube.com/watch?v=VrqbRQultWQ</a> . O objetivo na transmissão do vídeo foi instigar os educandos sobre o conceito da cultura digital. A partir do vídeo, alguns alunos puderam perceber que muitas vezes eles executam ações no digital e estão inseridos nessa cultura, mas não se dão conta de que tudo isso têm implicações, sejam elas boas ou ruins. Os discentes também passaram a conhecer nomes de alguns pesquisadores que estão mapeando todo esse cenário cultura digital, no intuito de apresentar conceitos e esclarecer a realidade em questão. Segundo os discentes, foi um momento de aprendizado e conhecimento. Também acrescentaram que era importante saber sobre as pessoas que estudam a cultura digital, já que eles estão inseridos nesse contexto.	
Biblioteca CNSA	3º	13/09/2019	Por fim, tivemos a última reunião, e naquela oportunidade, foi conversado sobre os aspectos mais particulares do dia a dia dos discentes, como: benefícios e malefícios no uso dos recursos digitais, quais leituras mais buscavam na internet, sobre postagens, cyberbullying, cidadania, enfim, assuntos que acrescentaram na construção deste trabalho. Desse modo, permitiu-me perceber como os discentes posicionam-se sobre vários assuntos contemporâneos. As falas dos alunos somaram muito e auxiliaram na eliminação de alguns equívocos pré-estabelecidos por mim, enquanto pesquisadora. Ademais, serviu também para a contrastação com dados apresentados pelas vezes das professoras e coordenadoras.	8 alunos

Fonte: elaborado pela autora.

Conforme já mencionado, as três reuniões com o grupo focal, com dez alunos ocorreram na biblioteca do colégio, no entanto, não houve a presença de todos os discentes nos encontros, fato que me fez buscar alternativas para sanar esse obstáculo. Para resolver a questão da ausência, marquei mais três encontros somente com os alunos faltosos, no horário do intervalo deles, ou seja, no turno matutino, onde estabelecemos pontos que faltavam para somar neste estudo.

Quanto às observações, elas foram parte constante na compilação deste

trabalho, visto que deram o respaldo empírico para as questões aqui investigadas. Os encontros com os alunos foram também oportunidade de observar, escutar, conversar, sentir.

### 4.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

#### 4.3.1 Alunos Adolescentes

Optei por evidenciar a identificação desses integrantes, inicialmente, em forma de versos; com o intuito de que cada leitor(a) deste trabalho construa ou reforce a ideia de como essa geração de adolescentes situa-se nesta era digital.

*Adolescentes são seres em construção  
Boa parte do tempo é preenchido pela conexão  
Querem tudo rápido e com facilidade  
Informações em tempo real, na palma da mão*

*Eles têm muita diversidade: jogos, músicas, filmes, imagens, textos,  
conhecimento*

*Mas ainda lhes falta bastante discernimento  
Pois ficar demasiadamente entretido na tela, é viver sob influências  
E as atitudes comportamentais carecem de mais eficiência*

*A exibição pessoal tomou forma de essencial  
Mas há assunto que é confidencial  
No tempo ocioso, os adolescentes só querem a internet  
Imaginam uma vida perfeita, cheia de fantasias  
Porém, tudo isso não passa de pura idolatria*

*A comunicação mudou, criou-se uma linguagem digital entre os jovens  
As postagens e a memetização são as preferências dessa juventude  
Difilmente eles pensam nas vantagens e desvantagens  
Redes sociais e variedade de conteúdo midiático têm minado a concentração  
Pra família e escola isso tem causado preocupação.*

Fonte: Elaboração da autora, 2019.

Inegavelmente, os adolescentes estão imersos nessa cultura digital e ao mesmo tempo estão em processo de formação moral, intelectual e emocional, logo,

é necessário equilibrar a realidade de estar na era digital paralelo à formação do ser. Embora a tecnologia digital proporcione muita facilidade informacional aos jovens; eles estão cada vez sabendo menos, devido ao longo período de conexão em redes sociais, *Netflix*, entre outros. Dados revelaram que eles ficam conectados mais de sete horas por dia, conforme as respostas coletadas no questionário, e que podem ser visualizadas mais adiante. Além disso, encontram-se mais isolados, vivendo conectados e ao mesmo tempo desconectados<sup>16</sup>. Para essa juventude tudo é urgente e os adiamentos são aparentemente irracionais, pois com o surgimento e a rápida difusão da internet houve uma verdadeira revolução na vida desses adolescentes, de modo que aconteceu um rompimento dos conceitos tradicionais de espaço e tempo no dia a dia deles.

O extenso tempo de acesso à internet tem formado uma mentalidade ilusória nos jovens, ou seja, a ideia de estarem sempre acompanhados, de ter uma infinidade de “amigos” (TURKLE, 2012 *apud* OLIVEIRA, 2017) diz que esses jovens têm-se deixado levar pelos atrativos da tecnologia digital, criando uma impressão de escuta permanente e de proteção contra a solidão e o desamparo, com três falsas certezas: a de que se pode colocar a atenção no que quiser; a de que sempre é ouvido; e a de que nunca ficará só. Isso tem levado os adolescentes a dizerem que, para se comunicar, é preferível o digital. Frente a essa realidade, AF2 *“mencionou que no seu dia a dia usa mais o meio digital para interagir com as pessoas, pois encurta distâncias, além de ser muito prático. Se quiser ver a pessoa, só é fazer chamada de vídeo”*.

A maioria dos adolescentes desta pesquisa pertence à classe média, cujas famílias, geralmente, têm condições não apenas de bancar uma escola particular, como o Colégio em questão, mas também provém a inserção tecnológica dos filhos, brindando-os com computadores, celulares, equipamentos de jogos eletrônicos, etc. Logo, são jovens que já nasceram em um ambiente totalmente digital e esse contexto social revela o posicionamento sociocultural e pode evidenciar a competência linguística, levando em consideração o acréscimo tecnológico.

Uma juventude marcada pelo entretenimento digital, sem um olhar contemplativo para as coisas simples do cotidiano; caracterizada, entre outras coisas, pela fragilidade dos laços afetivos; dado levantado por meio das

---

<sup>16</sup> Aqui refere-se à desconexão com a realidade, com o que estar à volta do adolescente, por exemplo a família. Dificilmente o jovem tem pensado que a internet tem ditado uma nova forma de viver.

observações, questionário e entrevista, e que pode ser visto nas próximas páginas. Além disso, o imediatismo e a impaciência em relação às demoras e esperas, típicas desse estágio de desenvolvimento, parecem mais acentuadas.

Para eles, há certa confusão entre o real e o virtual. Oliveira (2017) retrata que eles falam de sensações como “transportar-se para outra dimensão”, “perder a noção do tempo”, “vivenciar a liberdade total”. Diante dessa realidade há uma dependência em estar conectado, priorizando assuntos secundários, o que gera vulnerabilidade na aquisição dos conhecimentos escolares, já que parte do tempo deles é investido em interesses periféricos.

#### **4.3.2 Professoras**

No que tange à caracterização delas, cabe mencionar que são quatro educadoras com faixa etária entre 38 a 40 anos, e duas delas trabalham no CNSA há mais dez anos. As outras duas lecionam há sete anos em outras instituições, porém no Colégio Auxiliadora há um ano. Essa quantidade de tempo no exercício da docência dá margem para conjecturar, que existe certo domínio na função educativa, levando em conta as experiências *sui generis* e múltiplas vivências. São graduadas/pós-graduadas e atuam nas áreas de conhecimento das suas formações, a saber, Língua portuguesa e metodologia da Língua Portuguesa. Suas graduações acadêmicas datam mais de oito anos e são profissionais que se deslocam para mais de uma escola para o desempenho do ensino.

A atuação em escolas diferentes projeta certo desgaste às educadoras, já que precisam atender à propostas educacionais diferentes. No entanto, elas encaram isso diariamente como desafios transponíveis. Um dos obstáculos mais contundente em sala de aula, segundo elas, é o contexto digital, pois existe uma competição diária implícita e explícita entre os recursos tecnológicos digitais e a concentração do aluno(a), para aquilo que realmente é pertinente na aula. A voz da *PG2* ratifica essa situação mencionada quando ela disse: *“Ao propormos uma atividade em sala através da ferramenta digital do(a) aluno(a), não temos como ter a certeza ou domínio de que todos estão realizando, já que o aparelho via internet dá possibilidade para acessar outras páginas, o que gera distrações diversas”*.

As educadoras participam mensalmente de reuniões pedagógicas, a fim de planejarem suas aulas em consonância com outras disciplinas, no intuito de

promover a interdisciplinaridade. Os conteúdos transmitidos por elas seguem uma ementa pré-definida no início de cada ano letivo, podendo haver flexibilidade, de acordo com a necessidade. O fato de lidarem constantemente com o ensino da língua / linguagem, valida o que buscou-se nesta pesquisa, já que elas têm dados concretos e empíricos sobre a formação linguística dos adolescentes frente à realidade digital.

O modo que as docentes avaliam o aluno é diversificado, podendo ser por: avaliações escritas, trabalhos individuais ou em grupos, confecção de algum material pertinente ao conteúdo, etc., tudo isso é realizado trimestralmente. No interior da sala, ou seja, no decorrer da aula, o Material Didático Digital (MDD), da plataforma Edebê - é um recurso totalmente utilizado por elas. Nessa plataforma, elas ministram o ensino usando essa ferramenta, e também disponibilizam (quando possível) materiais extras para os alunos, como: links, slides, roteiros de trabalhos, atividades interativas, entre outros. Assim, elas vão exercendo a docência, interagindo e inserindo os artefatos digitais nas aulas, e tentando encontrar mecanismos de minimizar as distrações que o dispositivo apresenta para os alunos.

### **4.3.3 Coordenadoras**

São profissionais graduadas e pós-graduadas na área de Pedagogia, logo, fazem jus a função que desempenham. As duas coordenadoras participantes possuem faixa etária entre 43 a 49 anos, e estão bem engajadas na conjuntura educacional da RSB - Escolas, pois recebem formação e orientações periódicas.

No intuito de promover um melhor andamento das atividades escolares, concedem dedicação exclusiva ao cargo que ocupam. Suas formações acadêmicas e atuação na escola datam mais de dez anos. Durante esse tempo já desempenharam outras funções; já estiveram em sala de aula como docente e também foram coordenadoras de disciplina. Suas experiências validam seus posicionamentos diante dos vários desafios da tríade: professor(a), aluno(a) e pais.

Após a inserção das tecnologias digitais no colégio, tiveram que se apropriar das particularidades do próprio sistema, a fim de conduzir os professores no dia a dia com o MDD; apresentar “possibilidades” e “soluções” no uso do MDD; como também direcionar ou sanar possíveis inadequações na utilização do material digital pelos discentes.

Em se tratando da realidade digital que o CNSA vivencia, elas buscam aperfeiçoamento no tratamento das questões/ “impasses” do mundo virtual, pois com frequência surgem desafios com a comunidade educativa. Nessa perspectiva, C1 afirmou que *“semanalmente chega ao meu conhecimento situações que envolvem o não funcionamento do MDD no aparelho dos educandos, postagens indevidas pelos discentes, as quais ocasionam constrangimento a outros alunos; enfim, uma realidade digital que precisamos constantemente estar estudando, a fim de nos preparar para solucionar esses obstáculos”*.

Quanto às suas funções, englobam o cumprimento do calendário escolar, a administração das atividades pedagógicas que o colégio elenca, como: reuniões com pais, professores, resolução de conflitos dos alunos, verificação das avaliações, entre outras demandas. No dia a dia, a interação com os professores e alunos tem o objetivo de promover o bom andamento do ensino e da aprendizagem. Por isso, nas reuniões pedagógicas, há sempre um momento de escutar os docentes, a fim de conhecer as principais dificuldades existentes em sala de aula.

Diariamente, elas recebem alunos em suas salas, relatando problemas de classe, com outros alunos e/ ou professores. Logo, o cotidiano das coordenadoras é permeado pela próxima convivência com os educandos, de forma que elas acompanham a fragilidade ou desenvolvimento de cada discente, no que tange à construção cognitiva<sup>17</sup>. Portanto, vejo que a fala delas foram representações importantes na busca por respostas quanto ao objeto de estudo desta pesquisa.

#### 4.4 ABRINDO O CONTATO COM AS DOCENTES E COORDENADORAS

Os primeiros contatos com as educadoras aconteceram via WhatsApp, com o objetivo de explicar sobre a pesquisa e solicitar a colaboração delas para responder a entrevista semiestruturada, a qual tinha oito perguntas. Através dessa rede social tentamos marcar dia e horário convenientes para realização da entrevista. Com o passar de alguns dias, conseguimos agendar e pude encontrar com elas para a efetivação da assinatura do TCLE e entrevista. Por conta da dinâmica de trabalho das professoras não foi possível entrevistar as quatro em um único dia. Então, só pude cumprir essa etapa da pesquisa em três encontros.

---

<sup>17</sup> (Vide pág.30).

Por parte das docentes, não houve objeção em nenhum momento em transmitir as informações necessárias, sempre demonstraram total presteza. No decorrer do processo e questionamentos, percebi que elas eram bem articuladas em seus posicionamentos quanto às questões da entrevista. Em nossas conversas sobre os aparatos digitais, como recursos nas aulas, foi unânime a ideia de que tais ferramentas favorecem muito o processo de ensino-aprendizagem e que a escola está bem equipada com a tecnologia digital, para atender essa juventude inserida na cibercultura. *PG1* comentou que “*não falta aos alunos o acesso ao conhecimento via internet e outros recursos de materiais digitais, já que eles têm isso disponibilizado pela escola, como também pelo seu próprio 4G*”.

Em contrapartida, foi possível ouvir delas que a formação linguística dos adolescentes tem sido influenciada e até comprometida por conta do excesso de informações através das mídias digitais, nesse sentido, *PR2* pode mencionar que “*existe uma falsa ideia nos alunos de que eles estão dominando os conteúdos. O fato dos discentes terem acesso irrestrito aos mais variados assuntos através da internet, torna-se muito fácil realizar trabalhos sem uma pesquisa criteriosa, pois normalmente eles não se detêm à leitura, o que fragiliza a construção de argumentos/conceitos*”.

Essa e outras situações tem feito com que os discentes deixem de lado a leitura linear. Ou seja, a estrutura do texto através do artefato digital não é linear, pois a sequência de conteúdos é decidida pelo usuário, já que ele pode determinar as páginas virtuais que ele visita e lê. Assim, a atual realidade não é ditada pela arbitrariedade do autor de um livro, registrado no suporte impresso e obrigatoriamente linear. Outro aspecto mencionado pelas educadoras foi a distração dos alunos, já que eles priorizam demais os dispositivos digitais, de maneira que a interação pessoal chega a ser um dado preocupante. Segundo as docentes, a problemática consiste na falta de equilíbrio e discernimento dos educandos no uso da internet via aparelho digital.

O CNSA disponibiliza a internet para conteúdos pertinentes à aula e coíbe o uso para as redes sociais, jogos e sites inapropriados; entretanto, os alunos estão munidos da internet pessoal (*4G*) favorecida pelos pais, e que, muitas vezes não é estabelecido limites, levando o discente ter acesso a muitos conteúdos, incluindo os inadequados. Essa questão é um ponto conflitante, já que a escola não tem domínio para restringir uma internet particular. A fácil e rápida conexão, e o livre trânsito à

diversidade de assuntos que a internet proporciona, tem fomentado o desinteresse nas tarefas propostas em aula, segundo as educadoras.

Na sequência, também foram entrevistadas duas coordenadoras pedagógicas, sendo uma do Ensino Fundamental II (EFII) e outra do Ensino Médio (EM). Apesar de já ter justificado a presença das coordenadoras neste trabalho, é importante reforçar que a participação delas deu-se devido à posição de orientadoras educacionais dos alunos adolescentes. Elas trabalham pelo bom andamento no processo de ensino, do respeito às normas, da disciplina, o apoio às dificuldades existentes no espaço educacional, o gerenciamento das atividades pedagógicas, a administração dos conflitos existentes no uso inadequado das ferramentas digitais, entre outros serviços.

A coordenação desses segmentos possui uma interação contínua com os discentes, especialmente no acompanhamento no histórico e desempenho escolar. Desse modo, trouxe elementos informativos que ajudaram no estudo sobre a utilização dos recursos tecnológicos pelos adolescentes e a suas implicações na formação linguística.

Apesar de ter vínculo empregatício com a escola, dependi da agenda das coordenadoras para passar informações concernentes à pesquisa. Ao entrar em contato pessoalmente com elas, pude obter a confirmação de que iriam participar da entrevista e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Dessa maneira, não tive barreiras no acesso às coordenadoras, porém devido à dinâmica intensa de atividades que elas conduzem no colégio, tive que esperar alguns dias para realizar a entrevista semiestruturada, a qual continha oito perguntas. Outro detalhe é que a entrevista foi empregada às duas coordenadoras em dias distintos, por causa dos seus muitos afazeres no interior do colégio.

Após executar a entrevista com elas e à luz das informações obtidas foi possível acrescentar e mapear o cenário dos alunos adolescentes frente à tecnologia digital. Ainda que o panorama não representasse o todo, as coordenadoras relataram que os recursos tecnológicos têm promovido maior abertura na aprendizagem, pois o cotidiano dos discentes adolescentes é conviver com essas ferramentas digitais. Segundo C1, *“por meio das tecnologias digitais é possível despertar a curiosidade, a materialização de imagens que auxiliarão na educação no sentido de apresentar ao aluno como o mundo é na realidade. A*

*escola, enquanto instituição social é convocada a atender de modo satisfatório as exigências da modernidade”.*

C1 ainda acrescentou que *“o acentuado acesso aos avanços tecnológicos, que hoje presencia-se nas escolas, torna-se difícil para os professores competir apenas com o livro didático, pois as tecnologias utilizam-se de formas envolventes para chamar a atenção dos jovens”.*

Por outro lado, segundo as coordenadoras, a facilidade de acesso a diversos conteúdos na internet desencadeou alunos mais pragmáticos, poucas elaborações nas argumentações pelo fato de encontrarem as coisas prontas. Isso tem gerado indivíduos vulneráveis, ou seja, sem preocupações para refletir sobre a sua realidade. Além disso, falta o discernimento dos alunos, pois eles tentam manobrar o professor nas propostas de trabalho desenvolvidas em sala, no intuito de navegar pela internet, beneficiando-se de conteúdo do seu próprio interesse. Nesse sentido, falta realmente um maior entendimento por parte do aluno adolescente de usar a ferramenta como recurso didático, no âmbito de sala de aula, atendendo os objetivos daquela aprendizagem.

Na visão de C2, *“o grande acesso à informação não lhes garante o conhecimento ou a aprendizagem, pois para que isso aconteça seria necessária uma reflexão e uma criticidade das informações recebidas, o que muitas vezes não acontece, devido à ansiedade em obter informações e não em apreendê-las”.* Esses fatores fragilizam os conhecimentos e competências linguísticas.

De acordo com as coordenadoras, essa atual sociedade da informação tem encarado a internet como uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento na linguagem. A rapidez da veiculação e sua flexibilidade linguística aceleram a inserção de outras práticas sociais, como a rarefação vocabular. O impacto das tecnologias digitais na vida contemporânea está mostrando com força suficiente que tem enorme poder para construir como para devastar.

Outrossim, as discussões e resultados obtidos através da participação dos integrantes, bem como os instrumentos empregados durante a pesquisa podem ser visualizados mais adiante.

#### 4.5 EMBARCANDO NOS “ACHADOS” E CAMINHOS QUE A PESQUISA APRESENTOU

Assumir a posição de professora-pesquisadora me fez sair da zona de conforto, pois, no dia a dia da escola passamos a viver muitas situações no automático, e, por vezes, não nos atentamos para as práticas pedagógicas e o retorno que elas nos fornecem. Desse modo, isso provocou/provoca estranheza e senso de impotência diante dos inúmeros desafios que o sistema educativo apresentou/apresenta.

Saber administrar a realidade digital que atualmente vivenciamos com o processo ensino-aprendizagem de qualidade, sem dúvidas é um verdadeiro transcender; pois, necessitamos lidar com diferentes graus de distrações dos discentes, e, além disso, precisa-se saber a real efetividade do uso da tecnologia digital nas aulas.

O fato do colégio adotar o Material Didático Digital (MDD) não descartou o olhar para o passado, para as ações tradicionais, pois elas tiveram/têm funções distintas em ocasiões específicas. Assim, observar as dificuldades e benefícios que os recursos tecnológicos digitais traçam na formação, bem como, nas competências linguísticas dos discentes adolescentes significou estar aberta a ouvir várias vozes, buscando não fazer julgamentos, para que os objetivos deste estudo fossem alcançados da maneira mais próxima possível da realidade.

Por isso, todo o percurso foi trabalhoso, pois lidar com aspectos empíricos requer um distanciamento dos próprios conceitos pré-estabelecidos. E não só isso, pois no caminho da pesquisa, fui descobrindo outros paradigmas, os quais foram adquiridos por meio de leituras, conversas, orientações, observações, e tudo isso englobou este estudo investigativo.

Postas essas palavras, ressalto que houve total receptividade por parte da escola e dos participantes envolvidos no desdobramento desta pesquisa, de modo que todos os dias foram momentos de oportunidades e construção. Nesse sentido, foi importante a aplicação do questionário misto aos 50 alunos adolescentes (1º instrumento utilizado), pois ajudou a caracterizá-los melhor, como também mensurar o cenário das mídias digitais na vida deles.

O questionário foi recolhido no mesmo dia, conforme os seus respectivos momentos de aplicação. Por meio desse instrumento foi possível traçar a quantidade de tempo no uso do artefato digital; a quantidade de grupos no WhatsApp; mídias que os alunos adolescentes mais se detinham quando estavam conectados; quantos aparelhos digitais possuíam; tempo que eles não conseguiam ficar sem conexão,

entre outros. Todos esses dados (que serão apresentados a seguir) delinearam um quadro que posteriormente se ajustou na elaboração das perguntas da entrevista semiestruturada.

Já em relação à entrevista com os alunos, a mesma foi aplicada especificamente ao grupo focal na segunda reunião, em: 23 de maio de 2019. No tocante às professoras e coordenadoras, o processo de entrevistas ocorreu entre os meses de abril e maio/19. Sendo que, o primeiro grupo entrevistado foi o das professoras; desse modo, suas falas contribuíram e representaram parte dos achados deste trabalho.

No que se refere às observações, feitas por mim enquanto pesquisadora, nos momentos de reuniões com o grupo focal, pude notar um conjunto de elementos que delineou as minhas conceituações. Durante o percurso (idas ao campo e a própria experiência na docência); e através de conversas que estabeleci com os adolescentes sem intencionalidades definidas; percebi que eles desempenhavam muitas funções no smartphone, podendo serem classificados como nativos digitais<sup>18</sup>. No entanto, no que diz respeito à intertextualidade e argumentações, a partir de leituras no próprio meio digital, faltava-lhes posicionamentos consistentes no que se refere à leitura de mundo (leitura que analisa o contexto global e que é capaz de fazer processos de intertextualidade, bem como inferências).

Isso colaborou para eu pensar que: por mais que os alunos tenham acesso a diversos hipertextos e gêneros digitais; a formação do letramento<sup>19</sup> não tem sido algo tão concreto no dia a dia deles, pelo fato de sentirem determinadas dificuldades em refletir sobre a realidade e conteúdos que os cerca, isso por causa da minimização da leitura no cotidiano.

Nessa perspectiva, chamou-me a atenção o embaraço dos alunos em falar sobre temas comuns, como por exemplo: a repercussão do digital na vida deles e da sociedade, cidadania, valores, entre outros. Ao serem interpelados, os discentes ficavam em silêncio ou questionavam antes de responder. Isso levou-me a considerar que essa faixa etária não tem o hábito de refletir sobre a sua própria realidade diante do global e vice-versa.

Assim, o letramento na sua totalidade, por vezes não tem sido vivenciado por alguns educandos, já que o “ser letrado”, segundo Soares (2009), não é apenas

---

<sup>18</sup> (Vide pág. 68)

<sup>19</sup> Aqui não se trata do letramento digital.

aquele que tem a capacidade de ler e escrever, (apesar de incluir também essa habilidade), mas envolve a competência de saber interpretar, avaliar e intervir na sociedade, a qual que está inserido(a).

Além das conversas, visualizei e ratifiquei inúmeras distrações em sala de aula por conta do smartphone. Claro que não é o aparelho em si, o causador de todas as dispersões, mas, prioritariamente, a falta de maturidade, de conscientização e de equilíbrio no uso do recurso digital. As aulas podem ser sim potencializadas com o aparelho digital, entretanto, antes é importante uma abordagem diferenciada com o alunado, mostrando os objetivos da utilização do recurso e o que se espera alcançar em relação à construção do conhecimento.

Outro dado observado nas conversas e contatos com os adolescentes (grupo focal) foi o pouco controle das famílias, em relação aos limites de uso (tempo) do artefato digital. Pude perceber que isso tem afetado boa parte dos discentes na concentração, bem como na sua formação como um todo, inclusive na construção de identidade. (*Vide pág. 98*)

Dessa maneira, pude considerar que todas as observações e reuniões (grupo focal) trouxeram contribuições valiosas. Dentro de cada um de nós é inato o despertamento na exploração das coisas ao nosso redor; no entanto, muitas vezes olhamos sem objetivos definidos, razão pela qual não nos atentamos para às belezas ou defeitos existentes. Assim, o período de percepções da realidade cibercultural dos adolescentes com foco na formação linguística foi desafiador, pois tive que deixar alguns pensamentos próprios, e isso exigiu de mim um exercício de maturação.

Conforme já mencionado, o questionário misto aplicado aos alunos adolescentes do CNSA foi relevante para traçar algumas características específicas, como também mensurar a dimensão no uso dos recursos digitais deles. À vista disso, nota-se que ao longo dos anos, a humanidade foi marcada por intensas transformações e que a contemporaneidade vivencia uma dependência virtual jamais vista, especialmente em relação à juventude.

Para essa mocidade, a série de metamorfoses é ainda maior, pois eles já nasceram/nascem nesse contexto do ciberespaço. Por conseguinte, é pertinente evidenciar aspectos dessa geração, de modo que as descrições aqui feitas se aplicam a boa parte da juventude, entretanto, foquemos nos adolescentes do CNSA.

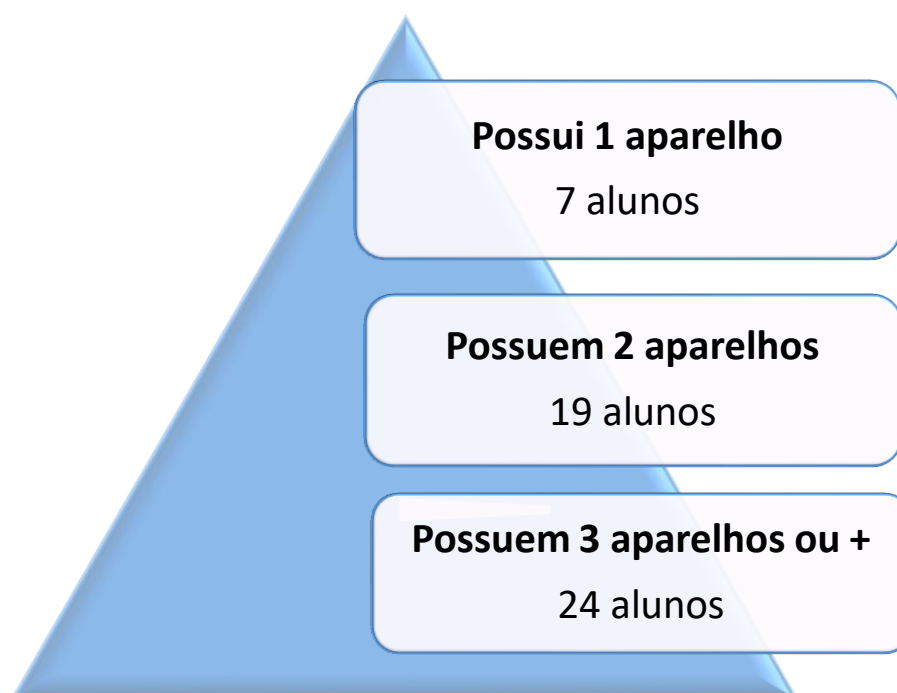
Mas, como são esses jovens? São indivíduos marcados pela diversidade, ou

seja, carregam um conjunto de crenças, valores, visões de mundo que foram/são definidos de acordo com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. Inegavelmente, esse processo formativo sofreu impactos por meio do conteúdo midiático disponível facilmente a eles, de maneira que, para esses jovens a conexão virtual tornou-se como algo vital. Assim, todas as interações que ocorreram/ocorrem sendo virtuais ou não, no contexto dentro e paralelo à escola, acrescentaram/acrescentam-se à formação deles.

Esses adolescentes têm acesso fácil a variados artefatos tecnológicos, pois os pais/responsáveis desfrutam de uma condição financeira favorável, a qual fomentou/fomenta o desenvolvimento de uma geração dependente das telas. Por apresentar recursos monetários satisfatórios, a maioria dos alunos são oportunizados com uma vida mais confortável, como, por exemplo, morar em condomínios fechados, viajar para outros países, possuir dois ou mais aparelhos tecnológicos, entre outros. A realidade social desses adolescentes é estarem inseridos nas classes média/alta, o que oportuniza regalias e acesso a uma série de informações e experiências. Certamente, toda essa vivência influencia na forma como se portam no panorama cibercultural.

Para ratificar esse dado mencionado sobre a quantidade de recursos tecnológicos, trago a constatação do questionário aplicado. Dos 50 alunos participantes, a maior parte beneficia-se com a pluralidade de aparelhos tecnológicos, e, os mais apontados como constituintes do dia a dia desses adolescentes foram o smartphone, tablet e notebook. Assim, a figura 4 abaixo esclarece melhor a distribuição quanto à quantidade de dispositivos que eles possuem e confirma que a conjuntura econômica e social dos mesmos é diferenciada e o acesso às mídias digitais é amplo.

Figura 4- Quantidade de dispositivos digitais que os adolescentes possuem.



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes.

Embora cada jovem tenha essas possibilidades tecnológicas, cada um tem a sua historicidade, com escalas de alvos (objetivos de vida), emoções, comportamentos e hábitos diferentes, logo, os adolescentes possuem um acúmulo de experiências, conforme os estímulos e oportunidades que tiveram. Desse modo, não se pode tratá-los de forma homogênea, pois certamente incorreria no erro de minimizar o valor das experiências e espaços sociais que desfrutaram.

Dessa maneira, foi possível perceber que o grupo investigado de discentes é formado por indivíduos que vivenciam a multiplicidade dos recursos tecnológicos, com amplo acesso, de modo que formação cognitiva, emocional e social deles foi/é inevitavelmente influenciada por esse cenário digital.

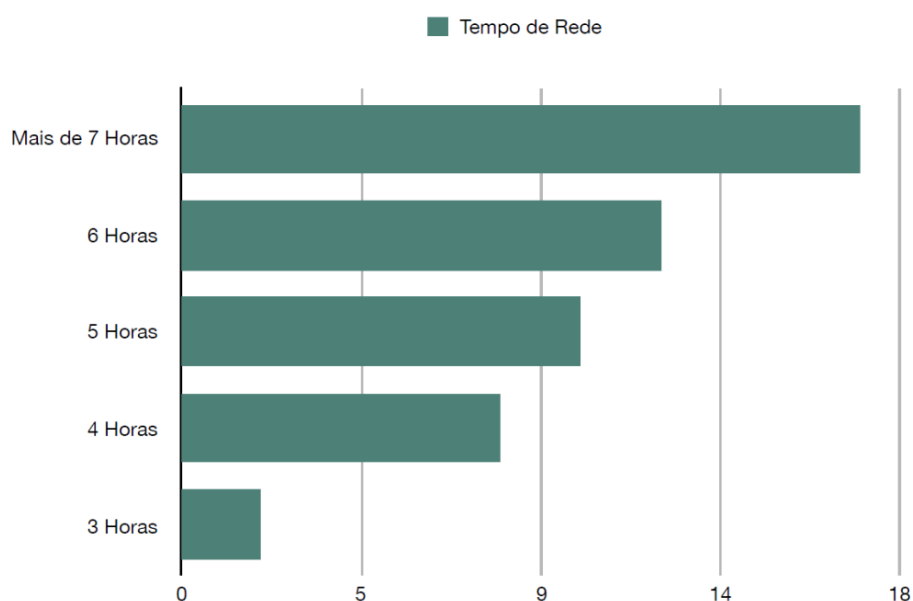
#### 4.6 FORMAÇÃO LINGUÍSTICA DOS ADOLESCENTES: LAÇOS E EMBARAÇOS NA CONTEMPORANEIDADE DIGITAL

Ao serem indagados (os adolescentes), através do questionário misto, quanto à realidade digital, ou seja, sobre a frequência do uso das tecnologias digitais e o que isso significava para eles; foi praticamente unânime a fala de que simbolizava facilidade, velocidade e diversidade de informações que poderiam obter. Assim, não

seria demasiado dizer que é uma geração “fast know”. Essa expressão pode ser entendida como pessoas que “vivem em função de obter o conhecimento e a comunicação de forma rápida e em tempo real. Nesse sentido, o conceito de dromocracia também colabora na compreensão dessa ideia exibida, pois o mesmo é representado como “A velocidade técnica e tecnológica equivale a um macrovetor dinâmico exponencial de organização/desorganização e reescalonamento permanente de relações e valores sociais, políticos e culturais na atualidade” (TRIVINHO, 2005, p. 70).

O acesso imediato a um conjunto de interesses na internet fomentou, nos adolescentes, a percepção de que a ferramenta digital é indispensável, pois a quantidade de horas que eles ficam envolvidos nos mais variados conteúdos que a mídia oferece, foi constatado pelos dados do questionário, podendo ser melhor compreendido no gráfico 1.

Gráfico 1- Percepção dos estudantes adolescentes sobre a quantidade de horas na internet.



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes.

O levantamento desse dado foi um tanto alarmante, pois o tempo em rede apresentou-se bem elevado, tendo em vista as outras atividades diárias que devem ser desempenhadas por esses adolescentes. Tal constatação desencadeou outro questionamento, que levou-me a querer saber como eles lidavam com o processamento paralelo de tarefas, como por exemplo: resolver atividades escolares, pesquisas, estudo para as avaliações, mas, ao mesmo tempo, estarem

com outras mídias tão próximas, apenas a um click.

Ao conversar com os discentes, e ver os dados coletados sobre esse panorama do tempo envolvido nas mídias digitais, pude verificar que há dois lados de uma mesma questão, segundo as falas dos educandos. O quadro 8 revela elementos discrepantes entre o que se fala e o que se vive pelos adolescentes, o qual foi elaborado a partir das suas falas.

Quadro 8- Vozes dos alunos evidenciadas nas rodas de conversa (grupo focal).

Realidade idealizada	Realidade vivida
Os dispositivos digitais auxiliam muito nos estudos, por meio das pesquisas, e através deles é possível compreender melhor os assuntos.	O dispositivo apresenta muitas possibilidades de distrações, então, o tempo de estudo acaba sendo prejudicado, já que existe o desejo de ver o que está “rolando” nas redes sociais. E isso acaba sendo mais forte do que o senso de responsabilidade em cumprir as tarefas. Também há dificuldade de concentração em um conteúdo importante, após sair da conexão daquele que não era.

Fonte: elaborado pela autora.

Esses dados mostraram que o mergulho dos adolescentes no mundo virtual e o acesso ao novo mundo oferecido pela internet têm afetado a relação com o tempo, diminuindo o interesse pelos conhecimentos considerados primordiais na fase escolar; e não só isso, mas também o uso demasiado das tecnologias digitais tem estimulado a ficção e uma certa passividade, deixando em segundo plano a maravilhosa capacidade humana de criar.

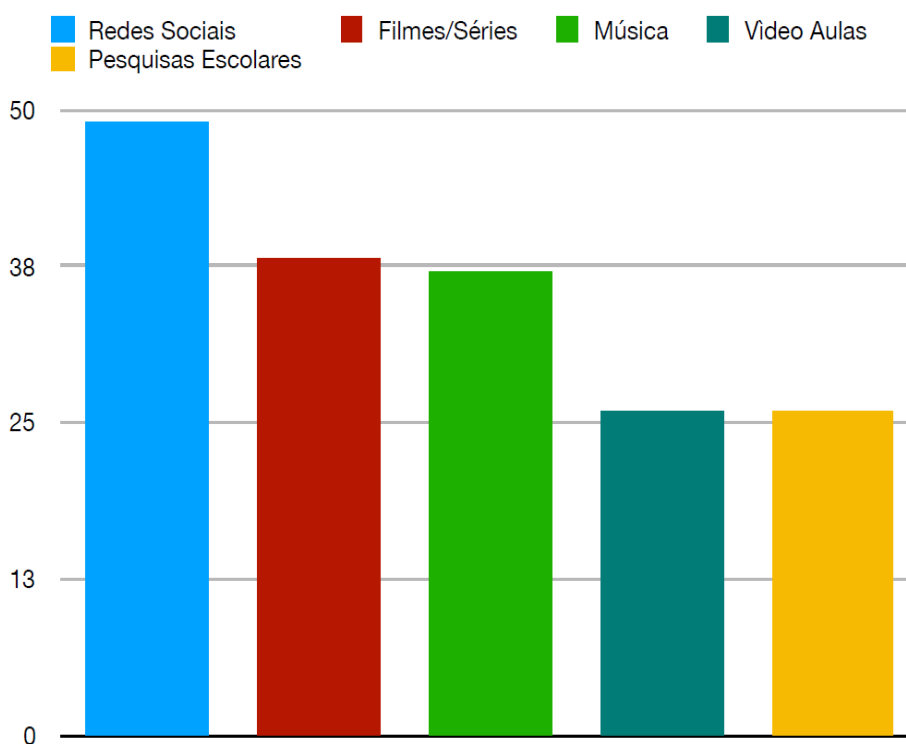
Desse modo, surge a pergunta: Como lidar com uma geração que utiliza tanto tempo na internet? Para responder a essa questão é preciso “(...) reavaliar os objetivos da educação midiática, para que os jovens possam se ver como produtores culturais e participantes, e não simplesmente como consumidores, críticos ou não” (JENKINS, 2009, p. 259 *apud* OLIVEIRA, 2017).

Os jovens têm tido cada vez mais acesso às tecnologias digitais, no entanto, paralelo a essa inserção, tem provocado uma formação adequada para eles, no intuito de desenvolver nos adolescentes habilidades e conhecimentos que irão prepará-los para a plena participação no mundo.

Esses dados também puderam ser comprovados com o gráfico 2, o qual foi elaborado para mostrar que o foco maior das distrações são as redes sociais, ou

seja, embora haja um discurso de que o dispositivo é um grande facilitador, contudo, há uma pré-disposição em se concentrar em conteúdos secundários.

Gráfico 2- Mídias mais acessadas pelos adolescentes.

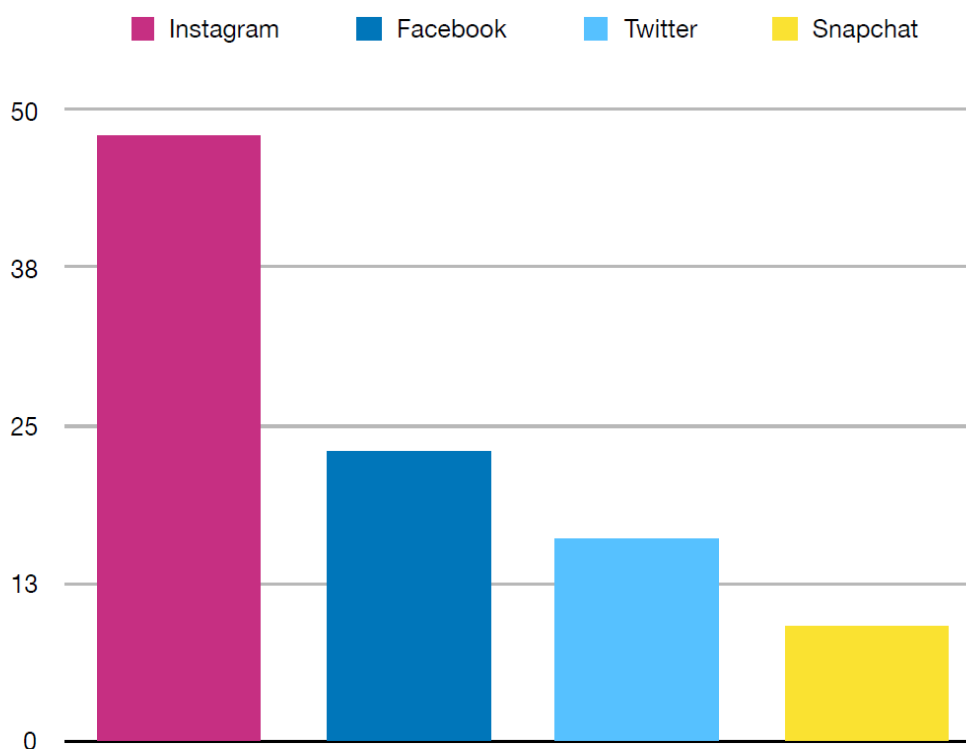


Fonte: Questionário aplicado aos estudantes.

O gráfico 2 apontou que é uma geração hiperconectada. Isso significa que não existe mais um caminho de retorno para a época pré-internet. Entretanto, é importante encontrar caminhos para que a relação dos alunos adolescentes com a tecnologia e mídias digitais favoreçam a criatividade e o desenvolvimento do potencial humano, principalmente quanto à formação educacional.

Ao observar os dados, notei que as vídeo-aulas e pesquisas escolares são os últimos conteúdos a serem procurados, de acordo com o gráfico 2. Ao analisar o tempo de uso da internet e onde esse tempo é mais utilizado, ficou evidente que os adolescentes têm dificuldades de discernir (nível de maturidade), para executar ações formativas (cognitiva/linguística) a partir do digital, pois o período envolvido na conexão virtual demonstrou mais interesses pessoais, tendo em vista que a atração maior ficou por conta da rede social Instagram, como se pode ver no gráfico 3.

Gráfico 3- Rede(s) Social(is) de maior interesse dos adolescentes.



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes.

Existe uma enorme motivação para o entretenimento e pelo “*fast know*” (Vide *pág. 98*), ou seja, para essa juventude, o fascinante é não demandar esforço, mas “passear” por diversos perfis. A finalidade é estar por dentro do que se passa na vida dos outros, desenvolvendo assim algumas fantasias quanto ao estilo de vida, conforme relatos de algumas alunas.

De acordo com as minhas observações, conversas e visitação no perfil da rede social *Instagram* (dos alunos da pesquisa), pude avaliar que, principalmente, as garotas têm uma necessidade de fazer exposição pessoal, pois o que mais postam são imagens de si mesmas; enquanto os garotos são mais reservados. Também pude detectar que os envolvidos na pesquisa (adolescentes) interessam-se mais por seguir famosos e contemplar conteúdos fora do campo educacional. Há uma forte tendência de buscar o que é engraçado, de modo que isso é perpassado na oralidade, ficando também registrado nas conversas do WhatsApp (esses dados estão expostos mais adiante)

Nesse contexto, o grande “porém” da mídia é o fato do(a) adolescente ainda ser inexperiente para absorver de maneira crítica o que é transmitido. Eles ainda

estão em processo formativo, logo, não tem a habilidade de avaliar o conteúdo e os efeitos das mensagens, passando a reproduzir comportamentos referentes aos perfis visitados.

Uma das formas que percebi a inoperância em examinar os conteúdos foi o fato de ouvir dos próprios alunos que “deslizavam o dedo pela tela” sem olhar todas as informações, mas curtiam porque já estavam acostumados a agir assim. Quando eram questionados pela curtida, devido alguma exposição inapropriada, diziam que não sabiam que o assunto “era aquilo”. Isso reforçou/reforça que existe a falta de leitura e criticidade em relação ao que é exposto na internet.

Em vista disso, a mídia não determina, mas pode influenciar os valores, os modos de agir, vestir, consumir e até no padrão de beleza vigente. À proporção que passam mais tempo nas mídias sociais acabam sendo regidos por elas, inclusive na linguagem. Nesse sentido, ao olhar para o cenário linguístico dentro do que a internet proporciona, percebe-se a criação de uma linguagem informal, a qual é percebida não só na oralidade, mas também no próprio comportamento, pois a expressão corporal também é um retrato daquilo que pensamos e falamos. Em face disso,

A Linguagem não é um produto acabado, mas um permanente processo de produções sígnicas; entendendo, aqui, por Signo, qualquer coisa - um sentimento, uma emoção, uma sensação sonora, táctil, etc, um gesto, um traço, uma palavra, um ritmo... - que represente outra coisa, para alguém, sob certos aspectos e de alguma maneira. O signo implica uma relação de re-(a) apresentação, quer dizer, de substituição de uma coisa por outra (SILVA; SANT'AGOSTINO, 2005, p. 4).

Assim, a interação social e a linguagem são representadas por gestos/signos espontâneos, mas eles não nascem de uma tábula rasa. Toda essa receptividade midiática implica na produção de signos, de maneira que os conhecimentos antigos reestruturam-se sob/sobre as novas experiências, especialmente a linguagem através do digital. A comunicação vai se moldando à nova realidade, não deixando de fazer um link com outras expressividades já existentes.

O avanço da internet fomenta que as conversas sejam amplamente empregadas nas redes sociais, pois o que está em voga é o caráter instantâneo. Tal comunicação é muito utilizada principalmente pelos jovens. No entanto, não é o ideal que eles tenham somente a mídia digital como fonte formativa no aspecto cognitivo,

afetivo e social, conforme já mencionado.

Ainda contextualizando sobre os dados do questionário, outra constatação contundente foi a quantidade de grupos no WhatsApp que esses alunos adolescentes participam. Isso certamente ocupa boa parte do tempo, prejudicando assim o desenvolvimento de outras habilidades, seja na área das artes, música, esportes e na própria evolução do conhecimento. Ao se dedicarem a tantas interações da rede social WhatsApp, o(a) adolescente abre espaço para maiores distrações, o que prejudica o seu desenvolvimento e avanço de conhecimento nas disciplinas estudadas. O quadro 9 apresenta e confirma isso.

Quadro 9- Participação em grupos de rede social.

GRUPOS NO WHATSAPP	QUANTIDADE DE ALUNOS
Mais de 7 <sup>20</sup>	39
5 Grupos	5
4 Grupos	4
3 Grupos	2

Fonte: Questionário aplicado aos estudantes.

Nesse contexto de interações e comunicações estabelecidas pelas redes sociais (WhatsApp e Instagram), a pesquisa apontou que a linguagem também foi alterada devido à rapidez do que se quer dizer. O uso de figurinhas, memes, abreviações e a possibilidade de enviar áudios tornou a linguagem com aspectos tipicamente do campo digital, ou seja, a mensagem transmitida ganhou outro formato. Desse modo,

A tecnologia digital rompe com as formas narrativas circulares e repetidas da oralidade e como o encaminhamento contínuo e sequencial da escrita e se apresenta como um fenômeno descontínuo, fragmentado e, ao mesmo tempo, dinâmico, aberto e veloz. Deixa de lado a estrutura serial e hierárquica na articulação dos conhecimentos e se abre para o estabelecimento de novas relações entre conteúdos, espaços, tempos e pessoas diferentes (KENSKI, 2012, p. 32).

<sup>20</sup> Mais de 7 – Expressão usada no questionário, porém não evidencia uma quantidade específica. Nas conversas com os alunos ficou claro que eles possuem muito mais de 7 grupos no WhatsApp.

O ciberespaço apresenta-se como rico e amplo, entretanto não pode ser visto apenas como um depósito de informação. É um lugar que proporciona mudanças constantes e que permite uma nova forma de apropriação de conhecimentos. Nesse sentido, é válido mencionar determinadas impressões visualizadas, de acordo com o quadro 10.

Quadro 10- Aspectos dos ambientes virtuais, segundo as professoras/coordenadoras e observações.

PRÓS	CONTRAS
Versatilidade	A versatilidade, por vezes, provoca a falta de enraizamento nos vínculos entre as pessoas.
A internet/redes sociais apresentam a proposta de estreitar os relacionamentos.	À medida que cresce a conversação nos moldes virtuais, o impacto na linguagem e vida social, têm-se mostrado como algo superficial e escasso
Comunicação intensa e rápida	Os diálogos estabelecidos pela leitura de papel e os orais (entre as pessoas, entre familiares e amigos) têm sido afetados, pois a prioridade é o pragmático, e nem sempre o que mais prático, significa a melhor escolha.
As ações comunicativas realizam-se e são justificadas pela presença do som, imagens, vídeos, e, principalmente, pelo uso de figurinhas e memes; o que, na visão dos internautas, facilita muito a vida.	Esse tipo de comunicação tem contribuído para conhecimentos fragmentados, bem como a fragilização das argumentações e relações interpessoais.
Leitura multimodal <sup>21</sup> , uso da linguagem e letramento digitais	Apesar dos adolescentes lerem através dos dispositivos digitais, utilizarem várias funções e aderirem a uma conversação própria por meio da internet, configurando-se essas ações em letramento digital; ao serem questionados sobre o termo, eles não tinham o entendimento da expressão. Muitos adolescentes realizam práticas digitais dentro da cibercultura, no entanto, na maioria das vezes, não refletem sobre as ações executadas.
Conhecimento fácil por meio da expansão tecnológica	Essa realidade adentrou na vida e no âmbito educacional, mas não houve um processo de esclarecimento e maturação suficientes, desse fenômeno sociocultural.
O uso da tecnologia digital pode potencializar as competências cognitivas ( <i>vide</i> pág. 30) dos discentes	Todavia, para isso ocorrer é necessário que o educador(a) tenha objetivos claros; saber em que ponto o educando está, e, só então traçar o percurso e a posição que o estudante alcance. O fato é que os alunos têm tido pouco esclarecimento sobre a real finalidade dos artefatos digitais no âmbito escolar e fora dele; e

<sup>21</sup> Texto multimodal que Rojo (2012, p. 19) define como “[...] textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses)” e que, portanto, exigem “multiletramentos” para a sua compreensão, ou seja, “exigem capacidades e práticas de compreensão e produção para significar”.

	a consequência disso é o enfraquecimento no esforço próprio de criar e de encontrar respostas, sem buscar no <i>Google</i> .
--	--

Em se tratando das ações realizadas através do artefato digital (leituras e comunicações escrita ou por meio de áudio), Vilaça e Araujo (2016, p. 130) esclarecem que “[...] o letramento digital tem sido amplamente definido de duas formas diferentes: a) como letramento discursivo em contextos digitais e; b) como competências de uso de tecnologias digitais (como um letramento tecnológico)”. Nesse sentido, o exposto pelos autores traça uma relação com o que tem sido abordado neste tópico, pois os adolescentes possuem habilidades no manuseio dos dispositivos.

O fato deles não temerem “o novo” denota muitas vezes um manejo satisfatório nas muitas funções que aparelho possui. Apesar de serem mais ousados no uso da ferramenta digital, ainda necessitam de orientações para determinadas ações, como, por exemplo, conhecer critérios fidedignos para a pesquisa. Não basta apresentar competências nos dispositivos digitais, é preciso desenvolver e tirar proveito da aprendizagem por meio desse recurso, tanto no âmbito individual, como no coletivo.

No que se refere à formação linguística dos alunos e o uso da tecnologia digital; esse objetivo foi melhor explorado por meio da aplicação de entrevistas com os alunos (grupo focal), professoras e coordenadoras. Desse modo, esse enredo tomou forma com a continuação e contribuição de mecanismos auxiliares, no intuito de produzir análises mais autênticas. Assim, os envolvidos nesta pesquisa foram representados por código (letra e número), vide quadro 4, no capítulo anterior.

No andamento deste estudo, os participantes foram questionados se consideravam que *o uso das mídias digitais e suas linguagens impactava na formação linguística dos adolescentes*. A resposta quanto a essa pergunta desdobrou algumas reflexões. Nesse contexto, foi possível detectar através da fala dos discentes que a coloquialidade, o uso de figurinhas, memes e a agilidade são fatores que têm interferido na construção dos conhecimentos e funcionamento da linguagem. Os trechos abaixo validam essa assertiva trazida pelo(a) aluno(a) AM1.

*Através dos meios de comunicação, mediados pelas ferramentas digitais, há uma tendência da gente passar a utilizar mais a*

*linguagem coloquial e isso nos deixa muito reféns, isso acaba descaracterizando o processo educacional que temos da norma culta. Temos uma desregularização do aprendizado, e paralelo a isso há um prejuízo nos exames, pois é quando somos cobrados sobre o nosso conhecimento e coerência sobre a língua e linguagem.*

*Por mais que seja importante e muito útil ter acesso às redes sociais e ter a internet como fonte de propagação do conhecimento, é preciso em contraposição a isso, não perdemos o contato com a aprendizagem tradicional, porque ela também nos favorece e nos habilita a construir de forma mais consistente o conhecimento (AM1, informação verbal, 2019).*

O depoimento do(a) estudante trouxe à tona um ponto de vista pouco comum no discurso da juventude, pois o fato de valorizarem muito a modernidade, os dispositivos digitais e a internet, conforme apontado pelo questionário, normalmente, há uma tendência deles não verem prejuízos/problemas no uso dessas ferramentas. Na visão do(a) aluno(a) AM2, a resposta seguiu um pensamento similar ao de AM3, quando declarou que

*Acho importante o uso da tecnologia digital na educação, entre os alunos e professores, porém está existindo uma banalização, pois as pessoas falam cada vez mais abreviado, utilizam muitas figurinhas e isso faz com que se perca mais a linguagem argumentativa.*

*Tenho visto que a formação linguística tem se alterado mais entre os adolescentes, pois certas abreviações estão se tornando como se fosse mesmo a palavra, chega ao ponto de não sabermos mais diferenciar. No geral, vejo como positivo o uso das mídias digitais na formação do conhecimento, porém, é necessário repensar estratégias para que a construção linguística seja menos afetada (AM2, informação verbal, 2019).*

Importante notar que o(a) estudante reconheceu que há um impacto negativo na formação linguística do adolescente quando se usa inadequadamente as tecnologias digitais. Esse diagnóstico apontado pelo(a) discente pode ser explicado por Lajolo e Zilberman (2009, p. 31) quando mencionam que “[...] transplantada para a tela, a escrita, que sempre procurou acompanhar a fala, oferece novas possibilidades de reproduzir a oralidade, infringindo normas cristalizadas dessa representação”.

Sob o olhar da propagação instantânea das informações, não é de agora que o homem busca atingir seus objetivos/sonhos de maneira fácil e rápida. Ao longo do

tempo, houve várias investidas nos mais diversos setores para que atingisse esse alvo. Nesse quesito, a criação da internet certamente foi um marco na sociedade, haja vista à abertura e a possibilidade de realizar atividades e/ou tarefas velozmente. Seja na comunicação (escrita e oral), na procura por conhecimento, no estabelecimento de relacionamentos, nos negócios, na política, na educação, enfim, esse acesso desejado e facilitado trouxe consigo circunstâncias que precisam ser reconfiguradas e redirecionadas.

A declaração, do(a) discente AM4 complementa quando ele(a) disse que

*O crescente uso, o acesso fácil e rápido das redes de informação e comunicação, como o Youtube, por exemplo, acaba deixando o jovem mais acomodado, o que nos faz não buscar o conhecimento através dos livros. Quando assistimos a um vídeo sobre determinado assunto que nos esclarece o conteúdo em três minutos, isso já nos deixa “satisfeitos”, em vez de ler um livro onde gastaríamos uns trinta minutos. Isso acarreta alguns pontos negativos, pois por mais que se tenha aquele conhecimento rápido, mas é um saber a “grosso modo”, superficial. Falta conhecer de forma específica e internalizada. Dessa maneira, há impactos na formação linguística do aluno adolescente, quando o processo de conhecimento é enfraquecido (AM4, informação verbal, 2019).*

Frente à amplitude de alcance informacional promovido pelo ciberespaço, é preciso considerar que o volume desses conteúdos (temáticos, quantitativos, qualitativos) são agregadores, todavia a emissão de diferentes vozes pode se tornar um grande oponente na precisão e validação ao se buscar determinado conhecimento. Desse modo, há certa tendência da formação linguística tornar-se precária, devido ao pouco escrutínio dos adolescentes nas práticas virtualizadas durante os processos de buscas e pesquisas.

Além dessas explanações, as observações em campo, bem como as vozes das demais participantes reforçaram esse dado. Assim, sob o olhar das professoras quando confrontadas em relação ao que veem no dia a dia e na prática com os educandos sobre a temática em questão, elas apresentaram respostas semelhantes, no entanto, uma agregava à outra.

Nessa sequência, é relevante evidenciar as concepções das educadoras ainda que sejam parecidas, já que os relatos convergiram para uma mesma análise. PR2 (informação verbal, 2019) apontou que “[...] uma parte dos alunos acaba tendo mais dificuldade de se moldar à norma-padrão da Língua Portuguesa, uma vez que estão mais acostumados a uma linguagem prática e rápida, cheia de vícios e

*particularidades*”. A colaboração de PG2 acrescentou dizendo que:

*Eles vivem uma falsa impressão de que estão sendo leitores, mas na prática eles estão menos críticos. A quantidade de informações existentes faz com eles não acompanhem todas as leituras, e portanto, cria-se uma cultura do compartilhamento, baseado no Ctrl + C e Ctrl +V. Os alunos desconhecem na prática a profundidade e valor da construção linguística e cognitiva, pois eles fazem uso das mídias digitais aleatoriamente (PG2, informação verbal, 2019).*

O fato é que os modelos de comunicação desta era digital afetam as práticas dialógicas em diferentes áreas e proporções. Destarte, ao abordar a competência linguística no contexto digital, é crucial ter em mente não apenas a utilização da linguagem apropriada para o ambiente, mas também as características e elementos que o texto deve possuir, assim como sua formatação e acessibilidade.

Na continuidade dos discursos, PG1 afirmou que

*Na verdade, o que dificulta o jovem a atingir as competências linguísticas previstas, é a falta do hábito de ler, que não se restringe somente ao uso excessivo da cultura digital, pois parte dos jovens vê na leitura uma prática chata e enfadonha. A formação linguística dos adolescentes implica na formação de conceitos que são estruturados através de vários momentos educativos; sejam eles na sala de aula ou não, e essa prática incide na necessidade de o aluno ser o protagonista do processo de ensino-aprendizagem, bem como ser facilitador do seu autoconhecimento, o que nem sempre acontece, diante de uma realidade discrepante (PG1, informação verbal, 2019).*

Os depoimentos das educadoras convergiram para uma reflexão sobre a real efetividade do uso dos dispositivos digitais pelos alunos adolescentes. Embora elas sejam a favor da tecnologia digital e reconheçam que a inserção dessas ferramentas é inerente ao contexto educacional, conforme conversas que tivemos; há uma inquietação no processo ensino-aprendizagem, pois, existe a necessidade de formações continuadas do(a) educador(a), no intuito de lidar melhor com essa realidade cibercultural, especialmente com os adolescentes. Por outro lado, os educandos precisam apresentar níveis de compreensão, quanto à mudança de determinadas atitudes, de modo que lhes façam entender, descrever e discriminar o que lhe é relevante ou não no ambiente virtual.

Essa discussão já acontece há um certo tempo, mas continua chamando a atenção devido aos efeitos que têm provocado. A revista *Veja* (19 dez/2012) trouxe na sua capa a manchete LER E ESCREVER NA ERA DIGITAL: *A revolução da*

*internet e dos tablets mudou a maneira como usamos a linguagem – e está afetando nosso modo de pensar.* A matéria escrita por André Petry (2012) traz à tona pensamentos que colaboram com o debate em questão, de sorte que ele declara

[...] Os estudiosos do nosso tempo estão preocupados com o impacto do mundo digital na cultura. Uma dos primeiros a chamar atenção para a deteriorização da qualidade da leitura foi o crítico literário Sven Birkerts, ainda na década de 90. Birkerts percebeu que seus alunos às voltas com aparelhos eletrônicos, não conseguiam ler um romance com paciência e concentração. É fundamental que as novas gerações educadas no digital sejam capazes de ler bem, ler para imaginar, pra refletir e – eis o apogeu e a glória da leitura – para pensar seus próprios pensamentos (PETRY, 2012, p. 155).

Ao analisar a organização educacional, a forma como os educandos estão adquirindo o letramento e a qualidade do mesmo, é preciso repensar sobre a ação formativa dos discentes. O ser letrado, para Moraes e Albuquerque (2004) e Soares (2009), se constrói não num único período letivo, como costumeiramente acontece com a alfabetização na organização escolar, mas sobretudo mediante as diversas e infindáveis experiências culturais dos sujeitos com práticas de leitura e de escrita que tiveram oportunidade de viver antes mesmo de iniciarem sua educação formal.

Nessa perspectiva, é importante desenvolver competências cognitivas e linguísticas que permitam aos alunos, agirem de forma crítica e interativa no contexto social, sendo capazes de acompanhar as transformações que a sociedade passa com o impacto do digital.

Ainda no bojo dessa discussão, e considerando as coordenadoras como agentes educacionais de alinhamento, as mesmas foram interpeladas quanto às suas percepções, no que diz respeito à construção do conhecimento / (formação linguística) dos alunos adolescentes frente à realidade digital. A partir da convivência e resolução de várias circunstâncias adversas com os discentes, suas respostas adicionaram ainda mais esta narrativa investigativa, de modo que C1 (informação verbal, 2019) declarou que *“[...] os adolescentes vivem a fase do ‘sem limites’, ‘sem autocontrole’ no uso das ferramentas digitais o que denota uma fragilidade na formação das habilidades constitutivas do processo educativo”*. C1 (informação verbal, 2019) também acrescentou que *“[...] percebia os alunos com poucas elaborações argumentativas, pois preferiam buscar as coisas prontas, tornando-se pragmáticos, ou seja, sem preocupações para refletir sobre a sua realidade”*.

Na sequência, C2 (informação verbal, 2019), apontou que “[...] na maioria das vezes faltam aos estudantes a maturidade e a consciência da repercussão midiática”, pois a prática do compartilhamento sem fazer as devidas checagens tornou-se frequente nas relações interpessoais. No meio educacional, especialmente entre os alunos adolescentes, esses acontecimentos têm proporções em diferentes níveis. Seja na difamação de alguém, no cyberbullying<sup>22</sup>, na exposição comprometedora, entre outros; o que provoca situações conflituosas no âmbito escolar. Tais circunstâncias muitas vezes são mediadas pela coordenação do CNSA, por isso as falas das coordenadoras são importantes, pelo fato de lidarem com os adolescentes frente à cultura digital.

Nessa perspectiva, pensar em linguagem é ter em mente uma atuação humana que resulta do raciocínio consciente e intencional. Essa dinâmica viabiliza uma caracterização mais ampliada, especialmente no que tange à comunicação virtualizada. As vozes de C1 e C2 complementaram-se, e, paralelo ao que expuseram, o autor Castilho (2010, p. 31), contribui afirmando que: “[...] é por meio da linguagem que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo, de como nos dirigimos ao outro”. Portanto, a linguagem atende não somente à necessidade humana de concretizar ideias, pensamentos, exteriorizar sentimentos e transmitir informações a outro, mas também à necessidade do sujeito agir em direção ao outro, numa relação de interação sociocomunicativa.

#### 4.7 PRINCIPAIS ELEMENTOS NA PRÁTICA DISCURSIVA DOS ADOLESCENTES NA CULTURA DIGITAL

Ao adentrarmos neste subtópico é necessário esclarecer o que se entende por formação discursiva. Tal expressão é dada por uma construção ideológica, a partir de uma posição, de certa conjuntura, e que “[...] determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2010, p. 147).

Vale ressaltar que o conceito de formação discursiva não é de Pêcheux: a expressão foi elaborada por Michel Foucault (2004) e consta em seu livro

---

<sup>22</sup> Segundo Wendt (2012), o cyberbullying é entendido como uma forma de comportamento agressivo que ocorre através dos meios eletrônicos de interação (computadores, celulares, sites de relacionamento virtual), sendo realizado de maneira intencional por uma pessoa ou grupo contra alguém em situação desigual e, ainda, com dificuldade em se defender.

“Arqueologia do saber”. Para Foucault, um grupo de enunciados está relacionado a um sistema de regras comuns e são determinadas historicamente. Colaborando com a definição em questão, Orlandi (2012, p. 55) menciona que “[...] a formação discursiva é a projeção da ideologia do dizer”.

Em se tratando do discurso, Fairclough (2001), afirma que ele constitui-se de uma prática, não apenas de representação do mundo, mas, sobretudo, de significação do mundo, constituindo e construindo as coisas ao redor em significado.

Dessa maneira, a linguagem é utilizada como protagonista e guia de vários funcionamentos comunicacionais, inclusive na manipulação de opinião; visando domínio sobre situações e/ou pessoas. Ao refletir sobre essa ótica, “esse comando” modela uma realidade social ao mesmo passo que controla, por meio do uso da linguagem/ práticas discursivas.

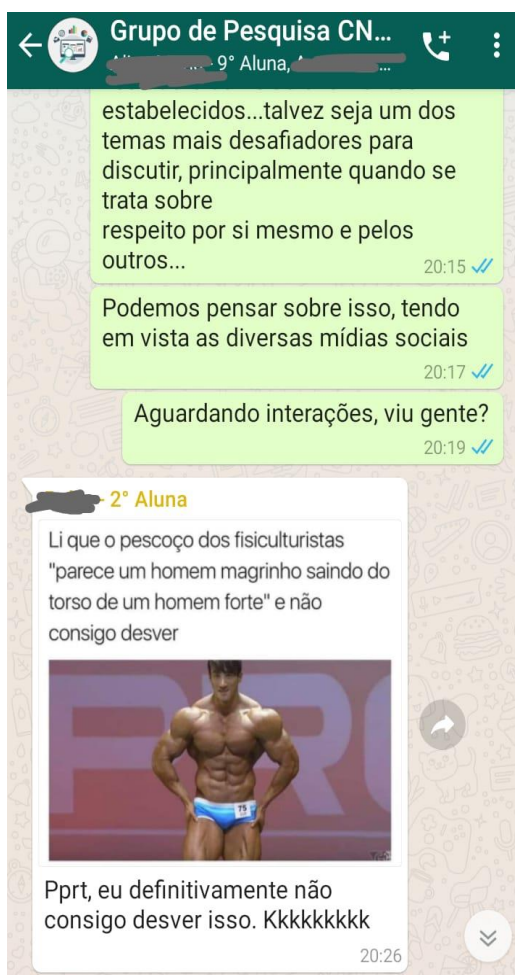
No âmbito dessa discussão, boa parte do que se produz por meio da escrita pode ser considerado como texto, de maneira que gera discurso(s). Para Rojo (2005, p. 185), “[...] as marcas linguísticas dos enunciados produzem significações considerando seus aspectos sociohistóricos no discurso”. Desse modo, é importante fazer a distinção entre texto e discurso. Para Marcuschi (2008, p. 24) “[...] pode-se dizer que texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. Discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza nos textos”. Nesse aspecto e de acordo com Brito e Sampaio (2013),

A linguagem, tomando como ponto de partida a escrita faz parte dos discursos, de forma que ela passou a ser na contemporaneidade, peça propulsora na interligação do sistema de rede conectada aos meios eletrônicos, ganhando um novo estilo constitutivo marcado por formas híbridas de texto que misturam sons, imagens, palavras (recursos verbais e não-verbais) em um mesmo espaço virtual. Logo, o objeto texto ganhou uma “repaginada” em sua arquitetura de modo que os gêneros digitais passaram a ter um olhar semiótico sobre a expressão da linguagem dentro do social (BRITO; SAMPAIO, 2013, p. 298).

Assim, após essa breve explanação sobre discurso, apresentada pelos autores mencionados, prossigo ao que a pesquisa revelou. Foi no período da mesma que as práticas discursivas dos alunos foram averiguadas mais detalhadamente no grupo focal, tendo em vista o estabelecimento da comunicação via *WhatsApp*. Em consonância à pauta em questão, isso pode ser ratificado a partir

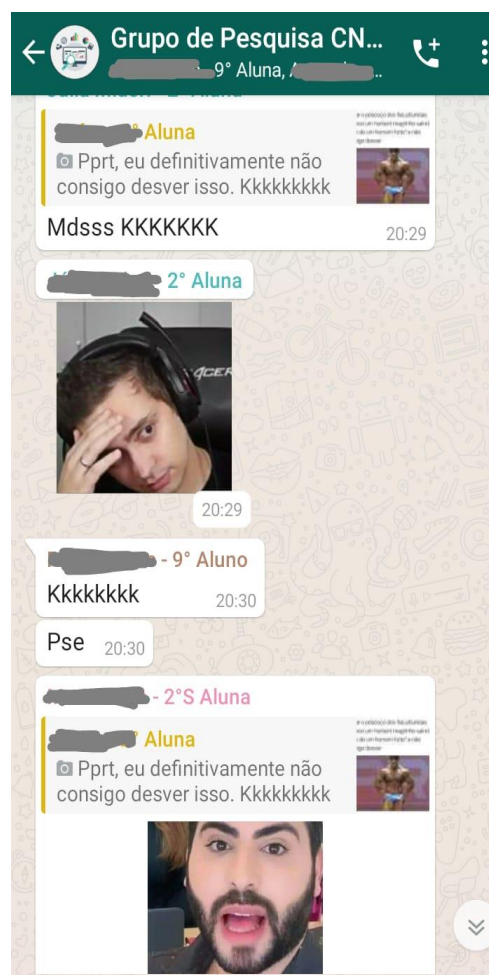
dos *prints* a seguir, os quais trouxeram subsídios visuais e concretos no que se refere a este objetivo.

Figura 5- Print A



Fonte: Elaborada pela autora, a partir da captura de telas do aplicativo WhatsApp, em smartphone.

Figura 6- Print B



Fonte: Elaborada pela autora, a partir da captura de telas do aplicativo WhatsApp, em smartphone.

Figura 7- Print C



Fonte: Elaborada pela autora, a partir da captura de telas Do aplicativo WhatsApp, em smartphone.

Cabe ressaltar que as imagens são constitutivas de posições discursivas próprias do contexto da cultura digital. Nesse cenário, o discurso foi apresentado com o auxílio das tecnologias digitais e que, em sua essência, é *multimodal* (*op. cit.*). Essa multimodalidade atrelada às ferramentas móveis produz uma inter-relação entre texto verbal e imagem, em práticas discursivas ocorridas no aplicativo *WhatsApp*. Dessa maneira, torna-se necessário compreender os desafios impostos pela cibercultura, os quais envolvem práticas diferenciadas de leitura e escrita na tela.

Os dados coletados expuseram que as práticas discursivas dos adolescentes, no cotidiano, possuem a peculiaridade e a prevalência dos *memes*. A ocorrência destes pode ser entendida como um processo de (res)significar um objeto, isto é, o encadeamento de interpretações de uma informação dentro da cultura dos *memes*. No contexto da linguagem digital, esse fenômeno tem-se inserido cada vez mais nos discursos, especialmente entre os jovens. Nas palavras de Dias et al., o termo *meme*

é esclarecido como

A origem do termo "meme" está na biologia. Foi descrito pela primeira vez pelo zoólogo Richard Dawkins, no livro *O Gene Egoísta* (1976), como uma unidade de transmissão cultural entre os humanos. O termo deriva da palavra grega *Mimeme*, que significa imitação. A "memética" proposta por Dawkins deriva das teorias Darwinistas sobre a evolução dos genes, pois, para Dawkins, o "meme" seria a unidade de evolução cultural humana (DIAS et al., 2015, p. 5).

O empréstimo do termo para definir esse efeito da internet é compreendido como a replicação, e com ela, a repetição de determinada informação. Assim, o que se compreende por "*meme*" no discurso da cultura da internet pode ser estabelecido como "(...) um fenômeno caracterizado pela rápida difusão de ideias, brincadeiras, jogos, piadas, comportamentos e conceitos entre os usuários da rede, a circulação viral de informações que se repetem de determinada maneira" (FONTANELLA, 2009). Em vista disso, verifica-se que

Todo processo comunicativo está sujeito a especificidades que variam, entre outros fatores, de acordo com a modalidade (escrita ou oral), o contexto, a mídia, o suporte, o nível de formalidade/informalidade, os propósitos e, conseqüentemente, com os gêneros discursivos que viabilizam as práticas discursivas. Em síntese, isto significa que precisamos estar atentos às características das práticas discursivas em contextos online (VILAÇA; ARAUJO, 2016, p. 136).

Sob a visão dos autores, é importante buscar compreender como a comunicação tem-se apresentado por meio da tecnologia digital. Os frequentadores de fóruns e redes sociais evidenciam a repetição de figurinhas, *memes*, abreviação na linguagem; isso tudo constituiu-se um hábito nos discursos. Desse modo, percebe-se um enraizamento nas práticas digitalizadas, de maneira que a formação discursiva (construção ideológica), está marcada por um cenário pragmático.

Ao fazer a captura da tela do aplicativo *WhatsApp* pude validar que a prática discursiva dos alunos é dominada por enunciações digitais. Os *print's* (vide figuras 5, 6 e 7) mostraram que após eu iniciar uma conversa, as sequências das interações dialógicas foram marcadas por textos majoritariamente não-verbais, o que realça que a constituição dos discursos são formados pelas imagens. Outro fato que é necessário ser considerado é que os participantes apresentaram figuras que

possuem status de independência, ou seja, são usadas em outros contextos discursivos, não há uma coerência semântica específica; situam-se na informalidade digital.

Dando sequência na análise, foi utilizado pelos sujeitos a estratégia de multiplicar a letra, isso modifica o layout do texto escrito tradicionalmente e tem a função de alongar a duração da palavra falada, como se fosse nas interações face a face. Também pode expressar a ênfase em uma ideia ou sentimento. Logo, o discurso na tela é essencialmente marcado pela multimodalidade.

Continuando nessa abordagem, os alunos também foram questionados se existia zona conflituosa entre o conhecimento linguístico adquirido e as práticas discursivas utilizadas através da ferramenta digital. Nesse quesito houve a projeção de ideias bastante similares. No entanto, foi a declaração do(a) estudante AF1 que chamou a minha atenção.

*Percebo que não há uma relação harmoniosa, pois eu passo mais tempo na internet vendo outras coisas do que aprimorando o meu conhecimento, então a formação de uma argumentação mais consistente é prejudicada. Também, às vezes fico na dúvida da escrita de uma palavra, pelo fato de usar muito as mídias digitais. Só escrevo no papel na escola, quando é proposto pelo professor(a). No meu dia a dia é raro eu escrever no papel, normalmente anoto tudo no celular (AF1, informação verbal, 2019).*

Sobre o depoimento acima, percebi que o(a) adolescente identifica que há uma influência nociva na sua formação linguística por usar frequentemente o dispositivo digital. A autopercepção do(a) discente AF1 revelou que o ambiente virtual, por ser intrinsecamente aberto, apresenta dificuldades para adotar algumas práticas de aprendizagem. Assim, ao analisar as vozes dos adolescentes percebi que eles têm noção que existem mudanças nas práticas discursivas, tendo em vista o uso constante das mídias digitais. Assim, a partir dessas falas foram extraídas visões de mundo, materializadas em opiniões, ideias, pontos de vista, e experiências sociais frente à cultura digital.

A interação humana acontece prioritariamente por meio da linguagem; seja na oralidade, na forma escrita, ou gesticular. O fato é que na contemporaneidade, as práticas discursivas concretizam-se muito mais através da ferramenta digital. Esse panorama tem impactado a construção do saber, alterado as relações sociais e a forma como nos comunicamos. Para a sociedade em geral, a maneira como

externalizamos aquilo que pensamos e somos reflete o que foi construído cognitivamente.

Essa realidade tem instigado educadores, linguistas, pesquisadores, entre outros, a buscarem respostas para que a articulação entre o saber linguístico e a interação teclada (seja em áudio ou digitado), esteja munida de conexões somativas no processo ensino-aprendizagem.

Seguindo nessa discussão e colaborando com as análises em pauta, o(a) discente AF2 mencionou que

*Um ponto que precisa ser considerado é que não há preocupação com a pontuação e acentos, então, isso é algo que prejudica na hora que preciso escrever um texto, pois no WhatsApp tem o corretor, enquanto na produção manuscrita não há essa possibilidade, fazendo com que eu tenha mais erro na prática discursiva (AF2, informação verbal, 2019).*

Sob essas perspectivas dos discentes, Marcuschi e Xavier (2010) mencionam em seu livro “Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido” – o pensamento de Crystal, na tentativa de querer encontrar respostas para a questão. Crystal (2001) escreveu em seu livro “Linguagem e a internet”, sobre o papel da linguagem na internet e o efeito da internet na linguagem. Para o autor, sumariamente, três aspectos podem ser frisados.

- (1) Do ponto de vista dos usos da linguagem, temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas, abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semialfabética;
- (2) Do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem, integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio com participação mais intensa e menos pessoal [...];
- (3) Do ponto de vista dos gêneros realizados, a internet transmuta de maneira bastante complexa gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros (MARCUSCHI; XAVIER, 2010, p. 22).

De acordo com a exposição abordada, Marcuschi e Xavier (2010) mencionam a visão de Crystal (2001), que diz: “[...] o impacto da internet é menor como revolução tecnológica do que como revolução dos modos sociais de interagir linguisticamente”. Assim, sobre a temática em questão, o(a) aluno(a) AM5, relatou que

*A leitura diminuiu muito, as pessoas leem cada vez menos e o que leem tem bem menos informação útil, e, isso tem interferido na escrita e na fala, como também agravado na questão da ampliação vocabular. As expressões utilizadas caem no lugar comum, já que falta mais leitura. Antigamente as pessoas liam mais, e o que era consumido de leitura era mais formativo, pois não tinha esse recurso digital que promove também a distração (AM5, informação verbal, 2019).*

O fragmento abaixo da matéria da revista Veja nº 51, edição 2300, de 19 Dez/2012 (*op. cit*), novamente trouxe colaborações a respeito da fala do(a) discente AM5.

O temor é que o universo digital, com abundância de informações e intermináveis estímulos visuais e sonoros, roube dos jovens a leitura profunda, a capacidade de entrar no que o grande filósofo Walter Benjamin chamou de “silêncio exigente do livro”. Durante séculos, os livros impressos foram aperfeiçoados para favorecer a imersão. O tipo de letra, o entrelinhamento, os espaços em branco – tudo feito como um delicado convite à leitura (PETRY, 2012, p. 155).

Paralelo a esse panorama e à luz das palavras de Petry, têm-se as falas das professoras como parte contribuinte neste tópico. Destarte, quando elas foram indagadas sobre a concepção delas em relação às práticas discursivas dos adolescentes frente à cultura digitalizada, suas respostas vieram como fecho de luz. PG2 revelou que,

*Os alunos querem sobrepor essa vivência da cultura digital sobre todas as outras, já que eles demonstram muita habilidade no manuseio. Isso tem levado ao enfraquecimento das práticas discursivas em vários contextos, especialmente nas interações escritas e orais em sala de aula. A forma de estudar alterou-se, pois existe uma supervalorização da “tela”, já que ela oferece tantas possibilidades. Muitas vezes, os discentes se acomodam e perdem o esforço de pensar, escrever, construir, analisar (PG2, informação verbal, 2019).*

Acrescida à resposta de PG2, a declaração de PG1 explicou que,

*A prática discursiva é a base de construção de todo processo ensino-aprendizagem, e para que ela aconteça é preciso que seus participantes estejam envolvidos no processo, dando ao momento discursivo importância. Na verdade, o que impede, muitas vezes, é que muitos adolescentes não têm a rotina da leitura e ao mesmo tempo apresenta o conhecimento prático de acessibilidade às mídias digitais, deixando de argumentar seja na escrita ou na oralidade*

(PG1, informação verbal, 2019).

Sobre essa temática dos discursos, é salutar discutir mais um pouco, de modo que se verifique como a discursividade reverbera na realidade dos indivíduos. A linguagem, enquanto meio que proporciona o diálogo entre as pessoas com vistas a chegarem a um comum acordo, a partir de atividades discursivas e comunicativas, torna-se o fio condutor da interação em todas as esferas.

A competência linguístico-comunicativa no proferimento de um discurso, ou seja, a competência interacional e comunicativa tem por objetivo gerar a reflexão da ação que, quando obtida de forma dialógica, promove a emancipação do indivíduo. Mas, para isso os interagentes problematizam pretensões de validade – verdade e correção –, de forma argumentativa, com o objetivo de obter o entendimento mútuo. Assim, “[...] o entendimento por via linguística é apenas o mecanismo da coordenação da ação que, em face dos planos de ação e das atividades propositadas dos envolvidos, integra tais planos e atividades à interação” (HABERMAS, 2012, p. 184).

O sujeito discursivo, então, é aquele que transita entre a esfera comunicativa e a esfera discursiva. Estabelece relação epistêmica, técnica e moral, ao proferir argumentos competentes. Transforma a interação em um espaço onde os conflitos entre a pré-compreensão e a ação comunicativa são estabelecidos discursivamente.

Seguindo essa abordagem quanto à discursividade dos adolescentes, observei que os processos discursivos vigentes na cibercultura, especialmente a escrita e a leitura, entrelaçou-se fortemente ao uso das ferramentas digitais, de maneira que essa prática necessita de um redirecionamento no que tange à construção do conhecimento linguístico. Sem dúvidas um delineamento consistente do fazer educativo, será o fundamento a fim de alcançar a real efetividade na utilização dos artefatos digitais no campo da discursividade.

Na continuidade das análises, PR1 expôs que

*[...] a forma de se expressar dos alunos nas mídias digitais, em grande parte se caracteriza por um discurso baseado na informalidade, com objetivos direcionados de acordo com seus interesses, pois pensar no coletivo não é necessariamente uma prioridade (PR1, informação verbal, 2019).*

Considerando as vozes externadas pelas educadoras e discentes, notei que

existe certa apropriação de uma “identidade virtual” (no que se refere à linguagem), especialmente, por parte dos jovens internautas. Logo, esses relatos provocaram em mim análises sobre o efeito das tecnologias digitais na linguagem e o papel da linguagem nessas tecnologias.

A adesão por essas práticas discursivas no ciberespaço tem desenvolvido posicionamentos comunicacionais, no formato minimalista. Sob esse raciocínio, é importante ponderar que a mensagem permeada no âmbito virtual precisa ser apropriada, levando em consideração questões de conteúdo, extensão, formalidade e forma, já que as repercussões dessas mensagens podem alcançar proporções negativas ou positivas.

As palavras de Marcuschi e Xavier (2010) afirmam que

Há quase um consenso em que a área na qual mais se verifica a presença e a força da computação no contexto da língua é a escrita. Trata-se de um “novo espaço de escrita”, como disse Bolter, mas é mais do que isso, ou seja, é uma *nova relação com os processos de escrita*. É o que se chama de *novo letramento* (MARCUSCHI; XAVIER, 2010, p. 76-77).

Em se tratando dos posicionamentos das coordenadoras, C1 e C2 também apresentaram argumentos correlatos ao falarem sobre as práticas discursivas dos estudantes. O cotidiano escolar delas é permeado pela resolução de circunstâncias adversas e que muitas vezes envolve o campo virtual. Desse modo, C1 (informação verbal, 2019) pode manifestar que “[...] *as práticas discursivas dos adolescentes são resumidas demais; vejo como se estivessem com “preguiça” de pensar*”. Já C2 (informação verbal, 2019) adicionou que “[...] *percebo alguns dos alunos adolescentes com pouca profundidade nos conteúdos aprendidos, mas em contrapartida vejo um despertar político, no sentido de buscarem seus direitos, correr atrás dos seus interesses*”.

Direcionada por essas constatações, apresento como essa “nova revolução tecnológica” tem influenciado as práticas discursivas e o processo de leitura em contextos educacionais, verificando as relações de sentido estabelecidas nas vozes dos sujeitos, sendo eles: alunos, professoras e coordenadoras.

Assim, ao escutar os ditos e não ditos revelados por esses discursos acerca do uso de tecnologias digitais na escola, e refletindo sobre como essas práticas são desenvolvidas; e se de fato contribuem para a formação de leitores ativos e críticos;

convém destacar que o uso em excesso das tecnologias digitais afetaram a cognição e a comunicação, no que tange à leitura e escrita. As opiniões revelaram o senso comum de que o digital tem prejudicado na formação e prática discursiva por parte dos alunos.

A este respeito, também é importante salientar que as relações de interdiscursividade são caracterizadas e construídas em momentos históricos, ou seja, com a globalização e o advento das tecnologias digitais, inevitavelmente as escolas (em destaque aqui o CNSA) tiveram que se adequar às demandas sociais. A inserção do Material Didático Digital (MDD) no CNSA foi a forma mais evidente que a instituição exibiu entre a educação e a conexão virtualizada.

Mas essa adaptação necessita ser gerida e monitorada, a fim de que toda a comunidade educativa colha frutos positivos. Constantemente, alunos, professores e demais gestores educacionais transitam nessa conjuntura cibercultural, o que faz produzir novos efeitos de sentido nas práticas discursivas. Os dados mostraram que os discentes apresentam muita familiaridade com o digital, no entanto, tem-lhes faltado a criticidade de avaliar, interpretar e intervir no processo de construção do conhecimento.

Para Lomas (2003) existem algumas competências que se inserem no universo comunicacional, e são necessárias serem desenvolvidas. Nesse contexto, vale a pena citar cinco delas, no intuito de evidenciar como os alunos tem perdido a oportunidade de potencializar parte dessas capacidades, por inúmeros fatores, sendo alguns deles já citados neste trabalho.

Competência linguística ou gramatical: é a soma da capacidade inata para falar uma língua com o conhecimento da sua gramática, de modo que o usuário possa produzir e compreender enunciados linguisticamente concretos;

Competência Sociolinguística: é o conhecimento e aplicação das regras socioculturais que determinam o comportamento comunicativo adequado a cada contexto e a cada situação de comunicação;

Competência textual: é o conjunto de conhecimentos e habilidades necessários para que não se compreendam como também se produzam textos, os mais diversos, com coesão e coerência;

Competência estratégica: é o conhecimento de recursos que podem ser acionados no momento em que se faz necessário solucionar algum problema de comunicação;

Competência literária: refere-se a tudo o que possibilita o uso e o prazer do texto literário;

Competência semiológica: refere-se a tudo o que propicia uma interpretação crítica a respeito dos meios de comunicação de massa

e da publicidade (LOMAS, 2003, p. 19).

As competências cognitivas devem ser estimuladas com foco em variados recursos e com finalidades pré-definidas, para que o discente não perca o contato com fontes consideradas chaves no crescimento, a exemplo disso: o livro. A modernização tecnológica na escola deve ser acompanhada de uma série de formações continuadas para alunos, quanto para professores, no propósito de atingir construções efetivas do saber por meio do digital. O MDD pode fortalecer a competência linguística, caso os discentes sejam direcionados quanto ao limite e uso adequado das ferramentas digitais. O MDD apresenta um material com possibilidades variadas, pois há muito conteúdo extra que pode valorizar bastante o avanço da aprendizagem.

O fato da internet proporcionar diversos conhecimentos e os estudantes se classificarem como agentes “modernizados com a tecnologia”; isso não significa que é sinônimo de rendimentos satisfatórios no âmbito escolar e fora dele. Prova disso foram os relatos expostos neste tópico, pois mostraram que as competências estão fragilizadas. O processo de etapas de construção dessas habilidades são necessárias para conferir ao aluno um determinado estado ou condição de “ser letrado”, em uma sociedade imersa no digital.

Portanto, cabe pensar como articular de maneira satisfatória o uso desses recursos e a construção dos processos formativos e discursivos. Usar a internet como mais um recurso de ensino pode resultar em aprendizagem, se os objetivos escolhidos gerarem informações e conhecimentos, num ambiente interativo, caso contrário; pode ser um inútil coletor de dados, que não proporciona contribuições significativas ao aluno.

#### 4.8 DESEMPENHO ESCOLAR DOS ALUNOS ADOLESCENTES, ASPECTOS NOMOFÓBICOS E A INTERATIVIDADE DIGITAL

Enquanto alunos, professores e sociedade em geral temos sido impactados diariamente pelos desafios e possibilidades que apresentam-se com o avanço das mídias e tecnologias digitais. Assim, no propósito de averiguar os dois lados, positivo e negativo, foi que a pesquisa deu continuidade, no intuito de saber como os educandos enxergavam o próprio desempenho escolar, tendo em vista o fácil

acesso às mídias digitais. As respostas ecoaram numa mesma direção, de forma que foi possível visualizar, através da fala do AF3 o relato da sua experiência quanto aos dispositivos digitais. Segundo ele(a) existe

*Um misto de pontos positivos e negativos, acho que a parte positiva é maior facilidade de conseguir qualquer coisa, saber de vários conteúdos, pesquisar, está tudo na mão, não precisa mais ir à biblioteca, procurar horas por algo, e, ao mesmo tempo esse é o ponto negativo (AF3, informação verbal, 2019).*

O fato é que as escolas não são o único local onde os alunos estão aprendendo, se preparando para o mercado de trabalho e para a sociedade do conhecimento. Por meio das TDIC's os alunos têm dentre tantas outras possibilidades, a comodidade e a motivação; pela novidade e pelos inesgotáveis caminhos de pesquisa. No entanto, necessita-se de uma forte dose de atenção do professor, pois diante de tantas possibilidades de busca, a própria navegação se torna mais sedutora do que o necessário trabalho de interpretação. Segundo AF3 levar mais tempo na busca por informações, seria um ponto positivo, pois haveria uma construção gradativa do conhecimento. Encontrar as informações rapidamente deixam o aluno mais passivo, pois não há tempo suficiente para absorver os conteúdos.

Sem dúvidas, o uso da internet decorre da dependência generalizada da tecnológica, da facilidade e compulsividade em obter determinados conhecimentos. Nesse caso, a sua utilização aparece como questão que desafia famílias, educadores, estudantes, pesquisadores, enfim, a sociedade. Por isso, é urgente uma adequação efetiva do uso desses artefatos digitais como mediação no processo ensino-aprendizagem.

Nesse aspecto, a inserção dos aparatos tecnológicos pelo CNSA, especialmente o MDD, ocorreu no intuito de ofertar aos educandos um sistema moderno de ensino, o qual foi idealizado para somar, funcionando como mais um recurso. A proposta da escola foi/é acompanhar as mudanças na educação, conforme a crescente ampliação da tecnologia digital, e não só isso, mas também, visando à uma aprendizagem mais interativa e diversificada.

Apesar da internet fornecer muito conteúdo através de um único aparelho e conter tudo no mesmo espaço, faltam aos estudantes a diligência pela busca pessoal em outras fontes, a fim de agregar outros saberes necessários. Não se pode

restringir o aprendizado somente aos recursos disponibilizados pela internet. A esse respeito, a fala do(a) discente AF4 foi pontual, ao declarar que

*As relações de conhecimento por meio do uso frequente do digital acabam sendo muito frágil, inconsistente e muito rápida, não somente por culpa do aluno adolescente, mas por esse jovem já ter nascido em um sistema já digitalizado, que de certa forma nos obriga a ser usuário das mídias digitais. O fato do colégio adotar o material didático digital é uma forma que também nos distancia do livro físico. O material didático digital é muito útil, porém ele nos estimula a procurar vídeo-aulas, estudar por slides, infográficos; o que reforça um maior afastamento dos livros (AF4, informação verbal, 2019).*

Os depoimentos desta pesquisa levaram-me a pensar e ressignificar sobre as finalidades dos aparatos tecnológicos na *construção cognitiva* (vide pág. 30). Imaginar a sociedade realizar suas atividades sem o auxílio dos artefatos digitais, seria um absurdo nos dias de hoje. No entanto, no contexto educacional, é preciso um olhar de 360° na tentativa de posicionar “o barco” na direção certa. O cenário caracterizado pelo(a) AF4, traz a necessidade de um redirecionamento de visão, no que tange à inserção e uso das tecnologias digitais. Nem o excesso dos dispositivos digitais será o grande revolucionador no movimento ensino-aprendizagem, nem a ausência deles será solução para as adversidades existentes na utilização dos mesmos.

Seguindo os pensamentos expostos, somou-se também o depoimento do(a) estudante AF5, o(a) qual mencionou que:

*(...) o afastamento dos livros físicos nos faz descaracterizar a ideia do concreto. A ferramenta digital acaba nos distraindo, pois no momento que se estuda, há possibilidades de acessar redes sociais, copiar respostas já prontas e olhar outros conteúdos que acabam tirando o foco (AF5, informação verbal, 2019).*

A presença das tecnologias trouxe transformações nos modos de pensar a educação, devido aos vários percalços encontrados no caminho. Estar envolvido em várias atividades ao mesmo tempo é sempre uma ameaça à concentração, em qualquer idade. Checar uma notificação aqui, tuitar ou postar outra coisa ali, quem sabe compartilhar um vídeo; e quando se vê, lá se foi uma tarde de estudos. Infelizmente, essa é a realidade de muitos estudantes.

Ao conversar e observar os participantes deste estudo, também notei que o

fácil acesso às respostas e conteúdos na internet tem sido um agravante no percurso educacional, já que praticamente não há elaborações próprias, mas uma busca desenfreada por “*Ctrl + C* e *Ctrl + V*”. Ainda existe a persistência do pensamento de que “tem que se livrar logo da atividade incumbida”. Isso remonta a ideia de que há intencionalidades equivocadas na utilização dos recursos tecnológicos.

Ainda durante o percurso da pesquisa e considerando as distrações dos adolescentes frente ao digital, tive a oportunidade de participar de uma roda de conversa com os pais dos alunos do EFII. Na ocasião, pude ouvir mais relatos de como os filhos estavam/estão imersos no digital (especialmente no dispositivo *smartphone*). Segundo os pais, são horas envolvidas, as quais têm trazido prejuízos no desempenho escolar, no sono, na alimentação, no humor, nas inter-relações, entre outros distúrbios. Essa situação pode ser explicada no livro<sup>23</sup> dos autores King, Nardi e Cardoso (2014), quando se fala sobre nomofobia. No entanto, podemos entender de maneira sucinta que o termo

Tem origem na Inglaterra, sendo inspirado na expressão *no-mobile*, que significa “sem celular”. Acrescenta-se, ainda, a palavra *fobos*, de origem grega, que significa fobia ou medo. Em outras palavras, nomofobia é, portanto, a angústia ou medo de o indivíduo ficar impossibilitado de se comunicar por meios virtuais. Ou seja, a fobia de estar sem o telefone celular, computador e/ou internet (KING, et al., 2014 *apud* OLIVEIRA, 2017, p. 37-38).

Embora esses artefatos viabilize uma série de vantagens, o uso demasiado dos aparelhos móveis também pode provocar sérios transtornos psicológicos, físicos e sociais. De acordo com King, Nardi e Cardoso (2014), a utilização exagerada do *smartphone* passa a provocar nas pessoas alterações comportamentais, emocionais e sinais semelhantes aos apresentados pelos usuários de drogas, o que demonstra, portanto, os efeitos nocivos que a dependência tecnológica pode ocasionar.

O mundo virtual aparentemente pode ser a melhor escolha para se viver tranquilamente, porém a grande questão é quando isso se torna um transtorno. O usuário prefere viver no virtual, e na maioria das vezes não sabe lidar com as próprias emoções. Adotam esse estilo de vida, mas quando saem da realidade

---

<sup>23</sup> NOMOFOBIA. Dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular? O impacto das novas tecnologias no cotidiano dos indivíduos. Anna Lucia Spear King, Antonio Egidio Nardi, & Adriana Cardoso (Orgs.). São Paulo, SP: Atheneu, 2014. 327 p.

cibercultural percebem o quanto estão sozinhos, e muitos não sabem que isso pode estar ligado a um transtorno, conhecido como nomofobia.

Para exemplificar melhor essa situação de não conseguir estar desconectado, os dados do questionário demonstrados na figura 8, evidenciaram a dificuldade que os alunos adolescentes têm de estarem desligados dessa realidade virtual.

Figura 8- Tempo sem Internet.



Fonte: Questionário aplicado aos estudantes.

A ilustração da figura 8 descreve aspectos nomofóbicos dos adolescentes participantes, o que representa certa preocupação, pois a abstinência deles quanto ao uso da internet é muito restrita. Nos encontros do grupo focal, cheguei a ouvir do(a) AF2 (informação verbal, 2019): “À noite vou dormir tarde e por já estar cansado(a), penso que coloquei o celular para carregar, mas na verdade não fiz. Ao acordar pela manhã vejo que ele está com 10% de carga, aí me dá uma dor no coração”. A fala do(a) AF2 confirma que a cada dia que passa, os smartphones têm assumido uma posição de indispensável na vida contemporânea, em vez de ser apenas um acessório. Dessa maneira,

Os hábitos e as consequências causadas pela dependência e o uso excessivo do celular ainda aparecem de forma tímida nas discussões nacionais, tendo em vista que boa parte da literatura encontrada é de outros países. O constante crescimento das inovações no mercado dos smartphones potencializa o desejo dos consumidores em adquirir e utilizar as novidades lançadas, fazendo com que seus usuários fiquem cada vez mais tempo diante desses aparelhos

(OLIVEIRA, 2018, p. 40).

À luz dessa realidade, certamente o uso do celular sem parâmetros e desmedido pode afetar o desempenho escolar dos estudantes. Nesse sentido, é importante um gerenciamento do tempo como uma forma de redução e prevenção dos hábitos indesejados pelos alunos. Essa dependência também tem produzido um costume não saudável - que é o de fazer muitas coisas ao mesmo tempo. A atualidade cibercultural tem exigido conectividade o tempo todo em prol de produtividade. Isso tem gerado sofismas de que os indivíduos otimizam o tempo; mas, na verdade tem promovido muitas distrações, dependências e diversos transtornos.

Ainda nesse contexto de tentar compreender essa interatividade digital no âmbito educacional, principalmente quanto ao desempenho escolar; os depoimentos das professoras colaboraram nas análises, de forma que elas foram questionadas com a seguinte pergunta: Como você percebe a aprendizagem dos adolescentes frente ao uso dos recursos digitais, especialmente em relação ao MDD? As vozes das educadoras soaram numa direção semelhante quanto aos benefícios da tecnologia digital, porém houve olhares distintos em relação à fala dos discentes e coordenadoras.

Na visão de PG1 (informação verbal, 2019), “[...] *os recursos digitais trazem maior desempenho na aprendizagem, devido à multiplicidade de tarefas que eles podem realizar por meio deles*”. Na sequência, quando PG2 (informação verbal, 2019) foi indagada sobre essa questão, ela revelou uma visão sobre os aspectos positivos e negativos, explanando que

*Na prática, o interesse dos alunos é outro com o MDD. A aula fica mais dinâmica/atrativa. Mas os recursos digitais não devem substituir ações tradicionais, porque afinal de contas, os dispositivos digitais são mais um recurso, de fato o impacto é gritante. Eu acredito que os benefícios são maiores que os prejuízos. O ganho de tempo é um fator muito relevante, já que a quantidade de conteúdos e o ritmo são intensos. De fato os recursos digitais na sala de aula provocam e instigam mais os alunos a participarem, já que há uma exibição de conteúdos em diversos formatos. Quanto aos prejuízos, posso dizer que um grande desafio é: fazer com que os discentes saibam distinguir o momento de usar a tecnologia para o contexto da aula e não usar o aparelho para interesse particular, como por exemplo, a utilização das redes sociais. Os alunos ainda não adquiriram a consciência para o bom uso na hora da aula. Enquanto professores ficamos divididos, pois muitas vezes não sabemos administrar*

*quando o alunos não fazem o uso correto da ferramenta digital (PG2, informação verbal, 2019).*

À luz das palavras de PG2, a autora Kenski (2012) traz reflexões sobre as ideias apresentadas pela professora, e esclarece que

*Não basta, no entanto, o uso de novas tecnologias, máquinas e equipamentos para fazermos a reformulação necessária na educação. Isso até poderia ser dispensável se a opção for privilegiarmos nas situações educacionais a principal condição para a concretização dessas propostas: o estímulo para a interação, a troca, a comunicação significativa entre todos os participantes. Mais ainda, o mais importante é que essas pessoas estejam reunidas em um determinado espaço com o objetivo maior de aprender juntas. Esse é o ponto de partida para o início de um novo modelo educacional diferenciado, que é a formação de comunidades de aprendizagem (KENSKI, 2012, p. 111).*

As coordenadoras também foram interpeladas quanto ao mesmo questionamento feito às educadoras. C2 (informação verbal, 2019) apontou que *“[...] os alunos estão limitando-se no avanço de conhecimentos mais substanciais, pois buscam mais os seus interesses, se prendem muito nas redes sociais, deixando de lado a construção do conhecimento como maior fonte de aprendizagem”*.

Quanto ao aspecto apontado por C2 é válido registrar sobre a necessidade do cuidado com a filtragem de conteúdo das redes sociais, pois boa parte da juventude não tem a maturidade para distinguir o que é uma informação verdadeira *das que são Fake News*<sup>24</sup>, porque existe uma pluralidade de assuntos da internet, com fontes diversas. C1 (informação verbal, 2019) complementou retratando os dois lados da moeda, ao afirmar que

*Existe uma maior motivação com a utilização do MDD, pois o acesso é através de um dispositivo que o discente quase que idolatra; é uma geração de adolescentes imersos na cultura digital. Por outro lado, falta-lhes o autocontrole – os alunos tentam manobrar o professor nas propostas de trabalho desenvolvidas em sala. Falta equilíbrio por parte do aluno adolescente de usar a ferramenta como recurso didático, no âmbito de sala de aula, atendendo os objetivos da aprendizagem. Isso interfere no bom desempenho escolar (C1 informação verbal, 2019).*

No geral, sob o olhar das coordenadoras e professoras existe a consonância de que as ferramentas digitais impulsionam a participação nas aulas e agregam mais

---

<sup>24</sup> Allcott e Gentzkow (2017) definem este fenômeno como “artigos noticiosos que são intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal, e que podem enganar os leitores”.

oportunidades de conhecimento, em contrapartida, há um outro lado que ainda é considerado como um terreno escorregadio – que é a falta de perícia por parte da comunidade educativa em lidar com o discente, quando ele(a) não se apropria das orientações estabelecidas na sala, quanto à utilização dos dispositivos digitais.

O uso consciente e ético das tecnologias aos poucos foi perdendo espaço para o uso abusivo, com a falta de controle do tempo de utilização, em detrimento a outras atividades, criando sérios impactos no desempenho escolar dos alunos que tendem a passar mais de 7 horas explorando a *Web*, segundo os dados desta pesquisa.

Nicholas Carr (2011), autor da obra “O que a internet está fazendo com os nossos cérebros: a geração superficial”, em suas pesquisas científicas, comprovadas através de dados neurológicos, enfatiza os prejuízos na capacidade de atenção, concentração e memória, causados pelo uso excessivo da internet,

[...] as funções mentais que estão perdendo a batalha das células cerebrais da “sobrevivência do mais ocupado” são aquelas que amparam o pensamento calmo, linear – aquelas que usamos para percorrer uma narrativa extensa ou um argumento elaborado, aquelas com as quais contamos para refletirmos sobre nossas experiências ou contemplarmos um fenômeno externo ou interno (CARR, 2011, p. 197).

A percepção é que a cada dia os indivíduos estão vendo a vida passar pela tela (especialmente do celular). Segundo os estudos de Carr (2011), o uso excessivo da internet não propicia uma aprendizagem razoavelmente consistente. Basta um click, para que o aluno conheça, virtualmente em segundos, o que quiser; e, com a mesma rapidez, é possível deletar da máquina (e da mente) o que foi visto. Ou seja, muito se recebe, mas pouco se capta e se elabora no plano da consciência. A memória humana está sendo gradativamente substituída pela memória digital; assim, no século da tecnologia e da comunicação, há um bombardeio de informação e possibilidades, mas, paradoxalmente, evidencia-se a baixa capacidade de absorver, de refletir, de questionar e de analisar tudo aquilo que é disponibilizado.

A introdução das tecnologias digitais na educação, nos convida a uma reflexão sobre o papel do educador frente a esses recursos. As maravilhas anunciadas pelo mundo virtual podem esconder muitas inverdades e involuções quando aplicadas ao campo da construção do conhecimento a quem as acessa. É

preciso que essas informações sejam pensadas e organizadas de acordo com as características, que podem favorecer a aprendizagem e que as tecnologias utilizadas para esse fim estejam em consonância com o modelo pedagógico adotado, principalmente levando em consideração o desenvolvimento integral das faculdades humanas e, nesse sentido, a relação com o adolescente e a tecnologia precisa ser melhor compreendida.

Assim, finalizo este capítulo mencionando sobre a importância deste estudo, pois através dele foi possível perceber que professoras, coordenadoras e alunos reconheceram que as competências linguísticas estão sendo alteradas devido à utilização inadequada dos recursos digitais por parte dos educandos. É necessário saber que a educação é um processo de metamorfose, onde não é exatamente aquilo que é aprendido por meio dos dispositivos digitais que será transformado em habilidades, conhecimentos e maturidade; vai depender das estratégias usadas, das orientações e do equilíbrio, para que trajetória estudantil seja satisfatória.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exorbitante utilização das ferramentas digitais (especialmente o smartphone) pelos adolescentes representa um sinal de alerta, pois é um óbice cada vez mais crescente. Sem dúvidas, a forma de encarar o uso do dispositivo apresenta características diferentes que podem disseminar distintas consequências. Se por um lado o hábito de usar esses aparelhos pode ajudar em contextos educacionais e pessoais, em contrapartida, também pode suscitar sérias implicações sociais e nas competências linguísticas/cognitivas. Como por exemplo: distúrbios no humor, nos relacionamentos, no sono, rarefação vocabular, baixo rendimento escolar, entre outros.

O foco desta pesquisa não consistiu apenas na análise das características da escrita na internet, mas, sobretudo, na busca pela compreensão, juntamente com os alunos, a respeito do modo de funcionamento da língua no espaço discursivo da Internet, ou seja, o estudo da leitura/escrita (letramento) na materialidade digital. Acrescido a isso, a realidade paradoxal do uso das ferramentas digitais e as competências linguísticas dos educandos nesse cenário cibercultural.

Em vista disso, é salutar que o indivíduo compreenda que não é a internet que deve pautar a sua vida, mas é ele mesmo que faz as adequações necessárias no manuseio da internet. Dessa forma, haverá possibilidades de desempenhos favoráveis nas práticas sociais, bem como na construção cognitiva e linguística. Vale ressaltar que a palavra chave colhida nos dados desta pesquisa foi *Equilíbrio*, inclusive citada algumas vezes neste material pelos profissionais de educação.

Tal vocábulo remete a uma série de transformações que começam internamente e partem naturalmente para o externo. Ou seja, o autocontrole no uso das ferramentas digitais inicia-se quando o indivíduo compreende mentalmente (*internamente*) que aquele artefato não deve ser a força geradora da vida. A partir do momento que esse entendimento ocorre, haverá práticas externas sinalizando que o dispositivo é somente um recurso.

Os dados aqui levantados mostraram que os discentes acham satisfatório estarem conectados, contudo, reconhecem os prejuízos causados pelo mau uso do dispositivo digital e sabem que o afastamento dos materiais impressos, bem como a falta de leitura mais densa e linear são elementos que não podem ser deixados de lado. Entretanto, o reconhecimento de um problema não resolve a situação, logo, é

necessário outros passos em prol das mudanças.

Acerca da relação entre ensino e tecnologia, há uma tendência eufórica por parte da comunidade educativa, diante da ideia de que a tecnologia é “boa”. Isso carece de fundamento, já que, primeiramente, a tecnologia não é boa, ruim ou neutra, mas sim, os usos que dela se fazem ou seus contextos.

Partindo para os educadores(a), os mesmos almejam ampliar a competência discursiva dos alunos e levá-los a cultivar um senso de responsabilidade e competências linguísticas, para que eles estejam capacitados a fazer escolhas linguísticas apropriadas à cada situação de interação, conforme os vários recursos que a língua nos oferece, dentro do digital.

É inegável que o ensino da língua exige em diversos aspectos a atenção, a concentração e a progressão de etapas, no entanto, na maioria das vezes isso não é imediato. Os conflitos não se restringem à necessidade de capacitação ou à resistência do docente em lidar com as novas mídias e tecnologias, mas é preciso antes compreender os novos letramentos que se fazem necessários nessa cultura cibernética.

Assim, no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa, o paradoxo está em achar que pode harmonizar as armadilhas digitais com as competências de letramento. Aqui refiro-me às várias possibilidades por meio do uso do dispositivo, desde à distração até qualquer acesso inapropriado de conteúdo. Nesse sentido, a formação linguística, bem como o desempenho escolar sofrerão danos, pois os conhecimentos produzidos tendem a andar em diversas direções, pelo fato da enorme facilidade de aproximação com a internet.

No andamento deste trabalho, as observações, bem como as diversas leituras proporcionaram compreensões epistemológicas, de forma que foi possível notar que, parte do sucesso da tecnologia digital deve-se ao fato de reunir em um só meio várias formas de expressão, tais como texto, som, imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, entretanto, interferem na natureza dos recursos linguísticos.

Notadamente foi constatado que o interesse direcionado às aulas não depende necessariamente da utilização desses mecanismos digitais, mas sim, de como a aula fora planejada. O que vai impulsionar de fato é o entusiasmo, uma dinâmica diferenciada e pautada em objetivos pré-definidos, ou até mesmo uma proposta tradicional, já conhecida por todos e aplicada para atingir os propósitos da

aula.

No que tange às competências cognitivas, na verdade, o que dificulta o jovem a atingir o desempenho escolar (em especial - o linguístico) é a falta do hábito de ler, que não se restringe somente ao uso excessivo dos dispositivos digitais, pois parte dos jovens veem a leitura linear como algo chato e enfadonho. Eles vivem uma falsa impressão de que estão sendo leitores, mas na prática, eles estão menos críticos.

Ademais, a quantidade de informações existentes faz com eles criem a cultura do compartilhamento, baseado no “*Ctrl + C*” e “*Ctrl + V*”, a qual consiste numa leitura superficial, ou seja, os educandos conhecem determinados assuntos, mas por causa das leituras rasas, não tem conhecimento suficiente e consistente para argumentar. E ainda devido a esse compartilhamento digital, muitas vezes sem filtragens, correm o risco de gerar constrangimentos para si e para os outros.

Outro fato evidenciado e que compromete a prática discursiva dos adolescentes, é que eles muitas vezes não distinguem na prática, as condições de uso da linguagem, e de maneira informal, acabam usando mais a coloquialidade, com abreviações, gírias do internetês, emojis, figurinhas, memes; em situações que exigem outro posicionamento discursivo; pois, para eles existe a supervalorização da “trolagem”, do entretenimento. Logo, o uso dessa linguagem digital é realizada com mais frequência pelos adolescentes por serem imediatistas, geração guiada pelo pragmatismo do mundo contemporâneo que está imbricado com a virtualidade. Tudo isso tem levado esses jovens a serem retratados como informatizados, porém não informados o suficiente para apresentar domínio nas práticas letradas.

Existe uma certa relação de “escravidão” diante das inúmeras ferramentas e possibilidades “na palma da mão”. Nesse sentido, sob a égide do entretenimento, atualmente se vive a era em que as pessoas reclamam por falta de tempo, mas passam horas no seu “mundo” digital. Essas alterações tem-se propagado, de modo que as áreas de conhecimento estão sendo enfraquecidas.

Em se tratando da Língua Portuguesa – esfera principal deste estudo – foi(é) possível evidenciar que a pouca leitura e a busca individual de aprendizagens resultam no enfraquecimento da construção significativa de conhecimentos, logo, os prejuízos à formação linguística são reais. O fato dos alunos adolescentes estarem vivendo numa época em que as informações são instantâneas, faz com que os discentes percam o interesse de criar elaborações próprias, pois é mais cômodo colher as informações prontas; o que redundando no empobrecimento dos processos

discursivos, bem como nos saberes considerados primordiais na trajetória estudantil.

Assim, os resultados deste estudo apontaram que em meio à cultura digital, cresce a necessidade de que os adolescentes “aprendam a aprender”, “aprendam a discernir”. Essas competências precisam ser treinadas por profissionais que estudam sobre a realidade digital e seus impactos na construção cognitiva e linguísticas dos discentes. O fato desses artefatos promoverem a interação, informação e acesso às redes sociais não resolve a situação por si só, em prol de uma aprendizagem significativa. Os jovens continuam precisando de orientações periódicas, quanto ao uso e compartilhamento no ambiente online, para que consigam transitar de maneira equilibrada pelas diferentes plataformas midiáticas.

Estamos em um caminho sem volta quanto à contemporaneidade digital, e diante dessa realidade temos duas vertentes que precisam ser melhor administradas. A primeira delas é reconhecer que o uso das tecnologias digitais (aqui faço um recorte para o âmbito educacional) tem grande potencial de ser nefasto, pois já se pode notar alguns transtornos e desvio de finalidade, no que se refere à enorme frequência das mídias digitais, especialmente no cotidiano dos adolescentes, o que compromete o rendimento escolar e social. A segunda delas é encontrar o ponto de autodomínio na utilização dessas ferramentas, para que elas sejam elementos agregadores no processo ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, o mundo contemporâneo teve que acompanhar toda essa dimensão, já que a virtualidade passou a ter um peso bem significativo no âmbito econômico e tecnocientífico. Então, as instituições em prol do enriquecimento/qualidade dos serviços prestados à sociedade têm priorizado atender todas essas demandas. Não foi diferente com o CNSA, quando optou por adotar os recursos digitais no processo pedagógico – nesse caso o MDD.

Em se tratando da formação linguística e a utilização do MDD, foi possível perceber que os alunos têm desperdiçado os materiais extras disponibilizados através dos ícones do material digital. Ou seja, mesmo a escola adequando-se ao cenário digital e trazendo mais mecanismos, para que os alunos avancem nas competências (cognitivas/linguísticas), eles optam pela comodidade de buscar somente o que aparece na página do material digital. Aquilo que é considerado material extra, contido nos ícones e que produzem outras leituras tem sido deixado de lado, porque leva mais tempo. O pragmatismo prevalece em detrimento do esforço que exigiria quando busca-se por outros conteúdos.

Diante dessa realidade digital, o CNSA tem a enorme missão de avaliar regularmente, e não só isso, mas também buscar um novo prisma entre o presente e o futuro, quanto ao uso das tecnologias digitais. É a partir desse olhar que haverá maiores possibilidades de obter resultados satisfatórios nessa simbiose – educação e tecnologia. Acrescido a esse exposto, também proporcionar formações periódicas para alunos e professores quanto à finalidade das ferramentas, no intuito de produzir pessoas engajadas, não só com as ferramentas, mas acima de tudo, compreendendo que a educação pode associar-se com a cultura digital, desde que haja equilíbrio e uma preparação nas práticas midiáticas.

Nesse contexto, as instituições educacionais se veem em um enfrentamento, pois os muitos desafios apresentados pelo uso incorreto das tecnologias digitais dentro da escola têm gerado a necessidade de estratégias e mudanças perante o público alunos/pais/educadores. Assim, a abordagem pedagógica para uso de mídias precisa urgentemente ser revista e redirecionada, de maneira que forneça subsídios para os professores. Os profissionais educacionais podem gerir debates em sala de aula acerca dos meios digitais de comunicação, inserindo-os como objetos de estudo, fazendo parte até mesmo da ementa. Com isso, seria possível despertar nos estudantes o interesse em pensar criticamente os produtos midiáticos e as práticas que os envolvem.

Diante dessas considerações, deixo registrado que, o que motivou o início e o período da minha investigação foram as inquietações sobre o impacto dos recursos digitais na construção do conhecimento. Sendo assim, tais inquietações me acompanharam quanto às questões deste estudo, e ainda acrescento que as indagações não cessaram, pois são elas que nos movem a buscar melhorias e transformações em nós mesmos e no exercício da função. Todo o estudo sobre o conteúdo deste trabalho não se esgotou, por isso é relevante continuar fazendo reflexões e complementar com outros questionamentos os resultados aqui apresentados.

Portanto, pensando na orientação de uma práxis tecnológica ética, responsável e transformadora aos nossos adolescentes, é preciso refletir e ensinar sobre que tipo de atitudes todos nós devemos assumir diante das tecnologias, para que não nos tornemos passivos à elas, como se fossemos máquinas irracionais, facilmente manipulados. Seguindo a inspiração de Freire, assevera-se que, para vigilância ética no uso das tecnologias, há de se fazer muitos estudos, pesquisas e

debates sobre o fenômeno “tecnologia na sociedade”, a fim de se desenvolver a consciência crítica de uso e instigar uma intervenção reparadora e preventiva, superando a mera contemplação dos fenômenos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Lynn Rosalina Gama; SILVA, Jamile Borges da. **Educação e Cibercultura** - Salvador: EDUFBA. 2ª Tiragem, 2009. Disponível em: [file:///C:/Users/Asus/Downloads/EducacaoeCibercultura-2001-EDUFBA\\_RI.pdf](file:///C:/Users/Asus/Downloads/EducacaoeCibercultura-2001-EDUFBA_RI.pdf). Acesso em: 04 dez. 2019.
- AMARAL, Sérgio Ferreira. Internet: novos valores e novos comportamentos. In: SILVA, Ezequiel Theodoro (Coord). **A Leitura nos Oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003.
- ARAUJO, Elaine Vasquez Ferreira de; VILAÇA, Márcio Luiz Côrrea. **Educação na cibercultura: letramento digital e letramentos múltiplos**. In: VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAUJO, Elaine Vasquez Ferreira de (Org.). Cultura digital, educação, linguagem e tecnologia [livro eletrônico]. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2017.
- BARTON, David. **Literacy. An introduction to the ecology of written language**. Oxford, UK and Cambridge, USA: Blackwell, 1994. Disponível: <file:///C:/Users/Asus/Downloads/Barton%20&%20Hamilton%20-%20Literacy%20Practices.pdf>. Acesso: 03 dez. 2019.
- BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BRITO, Francisca Francione Vieira de; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. **Gênero digital: A multimodalidade ressignificando o Ler/Escrever**. Signo [ISSN 1982-2014]. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 293-309, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>. Acesso em: 07 nov. 2019.
- CARR, N. **O que a internet está fazendo com os nossos cérebros: a geração superficial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CAVALCANTE, Márcio Balbino. **Educação frente às novas tecnologias: perspectivas e desafios**, 2012. Disponível em: <https://escola-drxavierdealmeida.blogspot.com/2012/02/educacao-frente-as-novas-tecnologias.html> /\_Acesso em: 21 jun. 2018.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COSCARELLI, Carla Viana. **Tecnologias para aprender**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-digital>.

Acesso em: 28 dez. 2019.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Editora UFMG. Belo Horizonte. 1996.

DEDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais / tradução marcos Marcionilo**. – 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, Felipe; et al.. Memes, Uma meta-análise: proposta a um estudo sobre as reflexões acadêmicas do tema. In: **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro**, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2479-1.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2019.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FONTANELLA, Fernando. **O que é um meme na Internet?** Proposta para uma problemática da memesfera. Trabalho apresentado no III Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de Caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Universidade Federal da Bahia, 2003. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04>. Acesso: 16 out. 2019.

GRANDO, Katlen Böhm. O letramento a partir de uma perspectiva teórica: origem do termo, conceituação e relações com a escolarização. In: **IX ANPED Sul – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3275/235>. Acesso em: 18 abr. 2019.

GUIMARÃES, Beatriz Vieira. Tic's, mídias e revolução digital: como tudo isso nos influencia? In: VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira de. **Cultura digital, educação, linguagem e tecnologia** [livro eletrônico]. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2017.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo. Racionalidade da ação e racionalização social**. Vol 2. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012b.

- HAMZE, Amelia. **Internetês**, 2010. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/internetes.htm>. Acesso em: 30 abr. 2019.
- HEINSFELD, Bruna Damiana; PISCHETOLA, Magda. **Cultura digital e educação, uma leitura dos Estudos Culturais sobre os desafios da contemporaneidade**. Revista IberoAmericana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 12, n. esp. 2, 2017, p. 1349-1371. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10301/6689>. Acesso em: 23 jun. 2018.
- HOFFMANN, Daniela Stevanin; FAGUNDES, Léa da Cruz. Cultura Digital na Escola ou Escola na Cultura Digital? In: **Revista RENOTE: Novas Tecnologias na educação**. UFRGS, V. 6 Nº 1, Julho, 2008. Disponível: <https://www.seer.ufrgs.br/renote/article/view/14599/8501>. Acesso em: 24 jun. 2019.
- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 7ª ed. São Paulo: Papirus, 2011.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação - 8ª ed.** – Campinas, SP: Papirus, 2012.
- KLEIMAN, Ângela B.(Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos**. São Paulo: Editora Ática, 2009.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 8 ed. – São Paulo: atlas, 2017.
- LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2ª ed., 2004.
- LEMOS, André. Cibercultura e Mobilidade. A Era da Conexão. In: **Intercom- XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1465-1.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2019.
- LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Sao Paulo: Ed. 34, 1999.
- LOMAS, Carlos. **O valor das palavras (I): falar. Ler e escrever nas aulas**. Porto: Asa Editores, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**.

São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: Novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

MISHRA, P., & KOEHLER, M.. **Technological Pedagogical Content Knowledge: A framework for teacher knowledge**. Teachers College Record, v. 108, n.6, 2006, p. 1017-1054.

MORAIS, A . G. de; ALBUQUERQUE, E. B. C. Alfabetização e letramento: o que são? Como se relacionam? Como “alfabetizar letrando”? In: ALBUQUERQUE, E; LEAL, T. **Alfabetização de jovens e de adultos em uma perspectiva de letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NEVES, Miranilde Oliveira. A importância da investigação qualitativa no processo de formação continuada de professores: subsídios ao exercício da docência. In: **Revista Fundamentos**, V.2, n.1. Revista do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Piauí. ISSN 2317-275, 2015. Disponível em: file:///C:/Users/Asus/Downloads/3723-13302-1-PB.pdf. Acesso em: 19 dez. 2019.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. Gêneros textuais e letramento. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, 2010, p. 325-345. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-63982010000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982010000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 20 set. 2019.

OLIVEIRA, Rafaela. **O que é o letramento digital?**. EDUQUETEC, 2012. Disponível em: <https://eduquetec.wordpress.com/2012/07/19/o-que-e-letramento-digital/>. Acesso em: 27 abr. 2019.

OLIVEIRA, Eloiza Silva Gomes. Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação. In: **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 283-298, abr./jun. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n64/0104-4060-er-64-00283.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2019.

OLIVEIRA, Thyciane Santos et al. Cadê meu celular? Uma análise da nomofobia no ambiente organizacional. In: **RAE-Revista de Administração de Empresas**, [S.l.], v. 57, n. 6, p. 634-635, out. 2017. ISSN 2178-938X. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/72501/69925>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto. et al. **Emojis como estratégias de reparo em pedidos de desculpas: um estudo sobre conversas em ambiente digital**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(57.3): 1615-1635, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v57n3/0103-1813-tla-57-03-1615.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2020.

OLIVEIRA, Thyciane Santos. **Dependência do Smartphone: Um Estudo da Nomofobia na Formação de Futuros Gestores.** Dissertação (Mestrado em Administração). – Universidade Potiguar. Pró-Reitoria Acadêmica – Núcleo de Pós-Graduação. Natal, 2018. – (108)f. Disponível em: [https://unp.br/wp-content/uploads/2015/08/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_ThycianeSantosOliveira-.pdf](https://unp.br/wp-content/uploads/2015/08/Disserta%C3%A7%C3%A3o_ThycianeSantosOliveira-.pdf) Acesso em: 03 dez. 2019.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia.** Campinas: Pontes, 2012.

OTHERO, Gabriel de Ávila. **A língua portuguesa nas salas de bate-papo: uma visão linguística de nosso idioma na era digital.** Novo Hamburgo: Othero, 2004.

PASSOS, Elizete; AGUIAR, Iana Assunção de.. **A tecnologia como caminho para uma educação cidadã,** 2013. Disponível em: <https://www.cairu.br/revista/artigos3.html>. Acesso em: 25 jun. 2018.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADET Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Trad. De Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010. p. 59-158.

PELEGRINE, Viviane Guimarães A. O amor e a educação no sistema preventivo de Dom Bosco. In: **Revista Eletrônica de Educação.** Ano I, No. 02, jan. / jul. 2008. Disponível em: [http://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/educacao2/3-O%20Amor%20e%20a%20educacao.pdf](http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao2/3-O%20Amor%20e%20a%20educacao.pdf). Acesso em: 08 abr. 2019.

PENIDO, Leila de Araujo. **A influência da linguagem virtual na escrita de alunos do ensino fundamental.** Monografia do curso de Graduação de Letras da Faculdade de Pará de Minas – FAPAM, 2013.

PERFETTI, C. A. LANDI, N. OAKHILL, J. **A aquisição da habilidade de compreensão da leitura.** In: SNOWLING, M. J.; HULME, C. (Orgs.) A ciência da leitura. Porto Alegre: Pensa, 2013. p. 245-265.

PETRY, André. A revolução do pós-papel. In: **Revista Veja,** ed. 2300 – ano 45 – nº51- 19 dez. 2012.

PINZOH, Josemar Martins. **Pesquisa-criação – uma experiência com escrita docente autobiográfica.** Salvador: EDUNEB, 2012.

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. Articulações entre áreas de conhecimento e tecnologia. Articulando saberes e transformando a prática. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel (Org.). **Integração das tecnologias na educação.** Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005. p. 54-58.

PRENSKY, M. **Digital Native, digital immigrants. Digital Native immigrants. On the horizon,** MCB University Press, Vol. 9, N.5, October, 2001. Disponível: [https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-](https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20)

%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf. Acesso em: 25 nov. 2019.

RAMAL, Andrea Cecilia. **Educação na Cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAMAL, Andreia Cecilia. **Ler e escrever na cultura digital**. Porto Alegre: Revista Pátio, ano 4, nº 14, 2000.

RIBAS, Elisângela; RIBAS, Ângela; PINHO, Denise da Sena; LAHM, Regis Alexandre. **A influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes**. 2007. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8dElisangela.pdf> / Acesso em: 20 set. 2017.

ROJO, Roxane. **Gêneros do discurso e gêneros textuais**: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SAMPIERE, Roberto Hernández, COLLADO, Carlos Hernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. tradução: Fátima Conceição Murad, Melissa Kassner, Sheila Clara Dystyler Ladeira; revisão técnica e adaptação: Ana Gracinda Queluz Garcia, Paulo Heraldo Costa do Valle – 3 ed. – São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Da cultura das mídias à cibercultura**: o advento do pós-humano. Revista FAMECOS. Porto Alegre; nº 22, dezembro, 2003. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3229/2493> Acesso em: 23 jun. 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Cosme B. dos. Letramento e comunicação intercultural: o ensino e a formação do professor. In: Edleise Mendes Santos e Lúcia Castro. (Org.). **Língua Portuguesa em Ação**. Campinas-SP: Editora Pontes, 2008, p. 79-95.

SANTOS, Hosana Pereira dos. LACERDA, Naziozênio Antonio. O letramento digital na prática docente do professor de língua portuguesa no ensino fundamental. In: **Revista Ininga**. Teresina, PI, v. 4, n. 1, 2017, p. 72-92.

SANTOS. Anselma Moraes. **O estudo de memes no ensino de Língua**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Letras Profissional em Rede (PROFLETRAS) – Unidade de Itabaiana - da Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2015.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

SILVA, Ângela Carrancho da. Educação e Tecnologia: entre o discurso e a prática. In: **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, vol.19, n.72, 2011, p. 527-554. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n72/a05v19n72.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2018.

SILVA, Danieli de Godoy da. **A linguagem da internet na escrita escolar de alunos adolescentes – um estudo de caso**. Dissertação: Mestrado em educação – UFPEL, 2010. Disponível em: [http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/1610/1/Danieli\\_Godoy\\_Silva\\_Dissertacao.pdf](http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/1610/1/Danieli_Godoy_Silva_Dissertacao.pdf) / Acesso em: 20 set. 2017.

SILVA, Eliane Gomes da; SANT'AGOSTINO, Lúcia Helena Ferraz. Comunicação, linguagem e expressão corporal na educação física. In: **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 7, n. 11, p. 24-35, jan. 2005. ISSN 1980-4512. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/9350/9221>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol 23, n. 81, p. 143- 160, 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 17 abr. 2019.

SOUZA, Josenilda Martins de. **O uso do telefone celular como recurso de ensino-aprendizagem em escolas públicas estaduais de Petrolina-PE: contradições e desafios no contexto do Semiárido**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus III, 2017.

SOUZA, V. **Letramento digital e formação de professores**. Revista Língua Escrita, n. 2, 2007, p. 55-69.

STREET, Brian. **Cross-cultural perspectives on literacy**. Artigo traduzido originalmente publicado em VERHOEVEN, Ludo (Ed.)1994/ Revista de Filologia e Linguística Portuguesa. (Perspectivas interculturais sobre o letramento), 2007.

*STREET, Brian. Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação / Tradução Marcos Bagno, - 1ª ed.- São Paulo: Parábola Editorial, 2014.*

TAPSCOTT, Don. **Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da Geração Net**. São Paulo: Editora Makron, 1999.

TEIXEIRA, Eleonora Campos. **A linguagem virtual: do internetês ao português**. Portal educação, 2012. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/21967/a-linguagem-virtual-do-internetes-ao-portugues>. Acesso em: 18 set. 2017.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TRIVINHO, Eugênio. Introdução à dromocracia cibercultural: Contextualização sociodromológica da violência invisível da técnica e da civilização mediática avançada. In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 28, dezembro 2005. Disponível: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3338/259> 5. Acesso: 30 nov. 2019.

TRIVINHO, Eugênio. **A democracia cibercultural: lógica humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Paulus, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUZZO, Simone Antoniacci. **Os sentidos do Impresso**. 1. ed. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

TUZZO, Simone Antoniacci; BRAGA, Claudomilson Fernandes. **Processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese**. Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo (SP), v. 4, n.5, p. 140-158, ago. 2016. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/38>. Acesso em: 29 mar. 2019.

VEIGA, L.; GONDIM, S.M.G.. **A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político**. Opinião Pública, 2001.

VERGARA, S. C.. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2006.

VILAÇA, Márcio Luiz Côrrea; ARAUJO, Elaine Vasquez Ferreira de. Linguagem na era digital: reflexões sobre tecnologia, linguagem e comunicação. In: VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAUJO, Elaine Vasquez Ferreira de (Org.). **Tecnologia, sociedade e educação na era digital** [livro eletrônico]. Duque de Caxias, RJ: UNIGRANRIO, 2016.

WENDT, Guilherme Welter. **Cyberbullying em adolescentes brasileiros**. Dissertação de mestrado – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4749>. Acesso em: 07 nov. 2019.

WIESER, Mark. **The computer for the 21st century**. Scientific American – September, 1991. Disponível em: <https://www.lri.fr/~mbl/Stanford/CS477/papers/Weiser-SciAm.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2019.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. Letramento digital e ensino. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Orgs.). In: **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 133-148.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **O Hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. Tese de doutorado Unicamp, Campinas - SP: (s.n.), 2002. Disponível em:  
file:///C:/Users/Asus/Downloads/Xavier\_AntonioCarlosdosSantos\_D%20(1).pdf  
Acesso em: 11 nov. 2019.

**APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS III**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.**

**I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Nome do Participante: \_\_\_\_\_

Documento de Identidade nº: \_\_\_\_\_ Sexo: F ( ) M ( )

Data de Nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Telefone: ( ) \_\_\_\_\_ / ( ) \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:**

**TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: “USO DA LINGUAGEM DIGITAL PARADOXOS COMO INTERAÇÃO CULTURAL ENTRE OS ADOLESCENTES DO SERTÃO SEMIARIDO”**

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL:.....Nívea Cristina de Melo Rodrigues**  
**Cargo/Função: M e s t r a n d a**

**III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:**

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: **Uso da Linguagem digital como interação cultural entre os adolescentes do Sertão Semiárido** de responsabilidade da pesquisadora Nívea Cristina de Melo Rodrigues, mestranda da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Programa de Pós-Graduação em Educação Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), que tem como objetivo analisar as implicações da linguagem digital na comunicação entre os adolescentes. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios na compreensão da era digital e sua influência na contemporaneidade linguística dos adolescentes, de maneira que se entenda como a escolarização nos moldes atuais dialoga com a prática discursiva dos adolescentes na cultura digital, identificando a frequência do uso dessa linguagem pelos jovens. Essa investigação também poderá auxiliar na interação professores-alunos e na propagação do ensino-aprendizagem contextualizados. É importante ressaltar que pode ocorrer pequenos desconfortos provenientes da inserção da pesquisadora no ambiente do grupo focal e participação nas discussões.

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_\_, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

Caso aceite o Senhor(a) será entrevistado(a) e responderá a um roteiro de entrevista elaborado pelo mestrande Nívea Cristina de Melo Rodrigues do PPGESA. Devido à coleta de informações o senhor(a) poderá sentir-se constrangido(a) e não querer responder. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo, e, portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira, (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pelo pesquisador e a/o Sr (a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileiras o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

#### **V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL:** Nívea Cristina de Melo Rodrigues

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Josemar da Silva Martins

**Endereço do DCH/UNEB:** Rua Edgard Chastinet, S/N, São Geraldo – Juazeiro/BA.

**Telefone:** (87) 99904-9217, **E-mail:** [nivea.crismelo@hotmail.com](mailto:nivea.crismelo@hotmail.com)

**Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB** Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP** SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

#### **V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

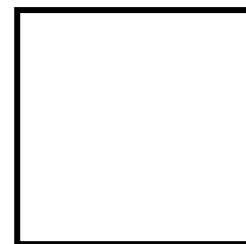
Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **Uso da linguagem digital como interação cultural entre os adolescentes do Sertão Semiárido** e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário(a) consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em Congressos, revistas e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_\_,

consulta disponível no link : [http](http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil)

<http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>



---

Assinatura do participante da pesquisa

---

Nívea Cristina de Melo Rodrigues  
(orientanda)

---

Prof. Dr. Josemar da Silva Martins  
(orientador)

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_\_, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO,**  
**CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS – PPGESA**



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – [PAIS]**  
**ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES**  
**HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 OU 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE**  
**SAÚDE.**

### I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

**Nome do Participante:**

\_\_\_\_\_

Sexo: F ( ) M ( ) Data de Nascimento: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**Nome do responsável legal:**

\_\_\_\_\_

Documento de Identidade nº: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_ / (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

### II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

**TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: “USO DA LINGUAGEM DIGITAL COMO INTERAÇÃO CULTURAL ENTRE OS ADOLESCENTES DO SERTÃO SEMIÁRIDO”**

**PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Nívea Cristina de Melo Rodrigues**

**Cargo/Função: M e s t r a n d a**

### III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO RESPONSÁVEL PELO(A) MENOR SOBRE A PESQUISA:

Caro(a) senhor(a), Seu filho(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa: **Uso da linguagem digital como interação cultural entre os adolescentes do Sertão Semiárido** de responsabilidade da pesquisadora Nívea Cristina de Melo Rodrigues, mestranda da Universidade do Estado da Bahia, que tem como objetivo Analisar as implicações do uso da linguagem digital na formação linguística entre os adolescentes. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios na

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_\_, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

compreensão da era digital e sua influência na contemporaneidade linguística dos adolescentes, de maneira que se entenda como a escolarização nos moldes atuais dialoga com a prática discursiva dos adolescentes na cultura digital, identificando a frequência do uso dessa linguagem pelos jovens. Essa investigação também poderá auxiliar na interação professores-alunos e na propagação do ensino-aprendizagem contextualizados.

Caso o Senhor(a) aceite autorizar a participação de seu filho(a) ele(a) será entrevistado(a), terá que responder a um questionário, entrevista, bem como participar de rodas de conversa (grupo focal), que poderão ter os diálogos gravados em áudio e grupo no WhatsApp. Tudo isso será fonte de dados que será analisado pela aluna mestranda Nívea Cristina de Melo Rodrigues no **Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA**.

Devido à coleta de informações seu filho (a) poderá sentir pequenos desconfortos provenientes da inserção da pesquisadora no ambiente do grupo focal e participação nas discussões. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, portanto seu filho(a) não será identificado. Esta pesquisa respeita o que determina o ECA –Estatuto da criança e do adolescente, desta forma a imagem se seu filho será preservada.

Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora, ou caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia.

## **V. INFORMAÇÕES DE NOMES, TELEFONES E E-MAIL DA RESPONSÁVEL PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**

**PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Nívea Cristina de Melo Rodrigues**  
**Telefone: .(87) 99904-9217, E-mail:nivea.crismelo@hotmail.com**

**Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB** Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: [cepuneb@uneb.br](mailto:cepuneb@uneb.br)

**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP** SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

## **V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.**

Após ter sido devidamente esclarecido pelo(a) pesquisador(a) sobre os objetivos, benefícios ou possíveis desconfortos na pesquisa, concordo em autorizar a participação de meu filho(a) sob livre e espontânea vontade, como voluntário(a), consinto também que os resultados obtidos

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_\_,  
 consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias, sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

Petrolina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do(a) responsável  
do(a) menor para a pesquisa

---

Assinatura da pesquisadora  
(orientanda)

---

Assinatura do professor  
(orientador)

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_\_, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO,**  
**CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS – PPGESA**



**TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR**

**ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 OU 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **Uso da linguagem digital como interação cultural entre os adolescentes do Sertão Semiárido**. Seus pais permitiram que você participe e temos como objetivo Analisar as implicações do uso da linguagem digital na formação linguística entre adolescentes. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios na compreensão da era digital e sua influência na contemporaneidade linguística dos adolescentes, de maneira que se entenda como a escolarização nos moldes atuais dialoga com a prática discursiva dos adolescentes na cultura digital, identificando a frequência do uso dessa linguagem pelos jovens. Essa investigação também poderá auxiliar na interação professores-alunos e na propagação do ensino-aprendizagem contextualizados.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e você não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir. Caso aceite, você será entrevistado(a), terá que responder a um questionário, bem como participará de rodas de conversa, grupo no WhatsApp. É possível que sinta pequenos desconfortos provenientes da inserção da pesquisadora no ambiente do grupo focal e participação nas discussões. Caso você queira, poderá desistir, a pesquisadora irá respeitar sua vontade. Mas há coisas boas que podem acontecer com a realização deste projeto, pois sua realização poderá trazer a ampliação dos conhecimentos à respeito do conceito de letramento digital, contribuindo para um melhor desenvolvimento nas comunicações estabelecidas através dos recursos tecnológicos, nos processos que envolvem a leitura e escrita na escola e fora dela. Também auxiliará na interação aluno-professor, bem como na propagação da aprendizagem contextualiza nessa cultura digital.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os adolescentes que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa, os resultados serão publicados em artigos e revistas científicas e você também terá acesso a eles.

Você ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas pelos telefones:

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_\_, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

**PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Nívea Cristina de Melo Rodrigues**

**Endereço: Rua Urucuia, nº 201 Telefone: (87) 99904-9217,**

**E-mail: nivea.cristina@hotmail.com**

**Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UNEB, UNEB - Pavilhão Administrativo – Térreo - Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador - BA. CEP: 41.150-000 Tel: (71) 3117-2399 E-mail: cepuenb@uneb.br**

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa **Uso da linguagem digital como interação cultural entre os adolescentes do Sertão Semiárido**. Entendi os objetivos e quero participar. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e houve o contato com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Petrolina-PE, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_\_, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

## **APÊNDICE B- MODELO DE QUESTIONÁRIO**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM**  
**EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS –**  
**PPGESA**



**QUESTIONÁRIO COM ALUNOS:**

**Dados Gerais**

Idade: \_\_\_\_\_ Há quantos anos você estuda no Colégio Auxiliadora? \_\_\_\_\_

Série: \_\_\_\_\_

1- Quais aparelhos digitais você possui?

- A. ( ) Smartphone
- B. ( ) Playstation
- C. ( ) Tablet
- D. ( ) Notebook
- E. ( ) Relógio digital
- F. ( ) Outros

2 – Você participa de quantos grupos no whatsapp?

- A. ( ) 1
- B. ( ) 2
- C. ( ) 3
- D. ( ) 4
- E. ( ) 5
- F. ( ) Mais de 7

3- Quais outras redes sociais você participa?

- A. ( ) Facebook
- B. ( ) Instagram
- C. ( ) Twitter
- D. ( ) Snapchat

E. ( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_

4- Qual a idade que você ganhou o 1º celular?

A. ( ) 9

B. ( ) 10

C. ( ) 11

D. ( ) 12

E. ( ) 13

F. ( ) 14

5- Ao juntar todos os períodos de tempo conectados na internet, quanto tempo você acha que utiliza a rede?

A. ( ) 2 horas

B. ( ) 3 horas

C. ( ) 4 horas

D. ( ) 5 horas

E. ( ) 6 horas

F. ( ) Mais de 7 horas

6- Ainda em relação ao tempo de uso da internet, você se detém mais a quê?

A. ( ) Redes sociais (Whatsapp / Instagram / Facebook, etc)

B. ( ) Pesquisas aleatórias

C. ( ) Jogos

D. ( ) Filmes / Séries

E. ( ) Música

F. ( ) Pesquisas escolares

G. ( ) Vídeo aulas

H. ( ) Outros. O quê? \_\_\_\_\_

7- Na hora do intervalo escolar você dá prioridade a:

A. ( ) Lanche e navegar na net por sites variados

- B. ( ) Lanche, Conversar com alguém e navegar na net
- C. ( ) Ir à biblioteca
- D. ( ) Somente lanche e conversar com os(a) amigos(a)
- E. ( ) Lanche e jogar
- F. ( ) Lanche e ficar somente nas redes sociais virtualizadas
- G. ( ) Outro \_\_\_\_\_

8- Quanto tempo você acha que poderia ficar **sem** internet?

- A. ( ) Nenhum momento
- B. ( ) 1 hora
- C. ( ) 2 horas
- D. ( ) 6 horas
- E. ( ) 1 dia
- F. ( ) 2 dias
- G. ( ) 1 semana
- H. ( ) Mais de 1 semana

9- O que a realidade digital significa para você?

---

---

---

---

10- Como você lida com o processamento paralelo de tarefas? (Ex: Resolução de atividades, pesquisas, instagram, facebook, whatsapp...) Descreva.

---

---

---

---

**APÊNDICE C- ROTEIROS DE ENTREVISTAS**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM  
EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS –  
PPGESA**



**ROTEIRO DE ENTREVISTA - ALUNOS**

- 1- Você considera que a inserção dos recursos tecnológicos na educação tem desenvolvido uma aprendizagem mais significativa? Justifique.
- 2- Como você vê os impactos no uso da linguagem e mídias digitais, na sua formação linguística?
- 3- Vivemos numa cultura digital, isso é um fato incontestável. Diante dessa afirmação, como se dá a interação do seu conhecimento linguístico adquirido e as práticas discursivas através da tecnologia digital?
- 4- Como você enxerga o seu desempenho escolar, tendo em vista o fácil acesso às mídias digitais?
- 5- Quais são os principais elementos comunicacionais que você faz uso quando está conectado por meio da internet?
- 6- Essa cultura digital a qual vivemos, tem afetado sua vida linguisticamente falando? Justifique em que proporção.
- 7- Você já ouviu falar do termo letramento digital? Se sim, de que modo?



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM  
EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS –  
PPGESA**



**ROTEIRO DE ENTREVISTA – PROFESSORAS**

1. Como o colégio tem reagido frente a essa expansão tecnológica e o uso das mídias digitais?
2. O que você entende sobre o termo letramento digital?
3. Na sua percepção, como os alunos adolescentes interagem / se comportam diante da realidade digital?
4. Na qualidade de agente educativa, como você vê a prática discursiva dos alunos adolescentes nessa cultura digitalizada?
5. Você percebe mais benefícios na aprendizagem com o uso das recursos digitais, em especial, com o Material Didático Digital (MDD)?
6. Em termos práticos, no dia a dia e no lidar com os alunos, quais as dificuldades enfrentadas com o uso das tecnologias digitais?
7. Qual a sua percepção quanto à formação cognitiva/linguística dos alunos adolescentes frente a essa cultura virtualizada?
8. Normalmente os objetivos da aula são alcançados com a prática digital? Justifique.



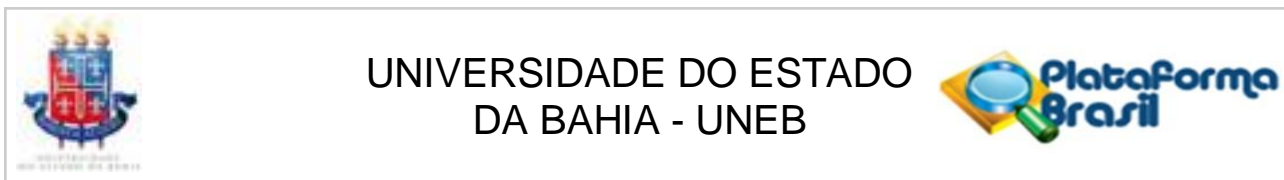
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS III  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM  
EDUCAÇÃO, CULTURA E TERRITÓRIOS SEMIÁRIDOS –  
PPGESA**



**ROTEIRO DE ENTREVISTA – COORDENADORAS**

1. Como o colégio tem reagido frente a essa expansão tecnológica e o uso das mídias digitais?
2. O que você entende sobre o termo letramento digital?
3. Na sua percepção, como os alunos adolescentes interagem / se comportam diante da realidade digital?
4. Na qualidade de agente orientadora, como você vê a prática discursiva dos alunos adolescentes nessa cultura digitalizada?
5. Você percebe mais benefícios na aprendizagem com o uso das recursos digitais, em especial, com o Material Didático Digital (MDD)?
6. Em termos práticos, no dia a dia e no lidar com os alunos, quais as dificuldades enfrentadas com o uso das tecnologias digitais?
7. Qual a sua percepção quanto à formação cognitiva/linguística dos alunos adolescentes frente a essa cultura virtualizada?
8. Na posição de coordenadora, sei que acompanha o histórico escolar dos alunos. Então, como tem sido o desempenho dos adolescentes, tendo em vista a imersão deles nessa cultura digital?

**ANEXO A- PARECER CEP**



## UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** USO DA LINGUAGEM DIGITAL COMO INTERAÇÃO CULTURAL ENTRE OS ADOLESCENTES DO SERTÃO SEMIÁRIDO.

**Pesquisador:** NÍVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 98319118.5.0000.0057

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.017.995

#### Apresentação do Projeto:

O projeto apresenta com clareza os objetivos da pesquisa, a metodologia a ser aplicada, a justificativa, a hipótese de trabalho, a fundamentação teórica, o orçamento, o cronograma de atividades a serem executadas e os critérios para a seleção dos 20 (vinte) sujeitos participantes da pesquisa.

#### Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos parecem exequíveis:

1. Analisar as implicações e a efetividade da linguagem digital na comunicação entre os adolescentes do Sertão Semiárido;
2. Compreender a era digital e sua influência cultural na contemporaneidade linguística dos adolescentes;
3. Investigar como a escolarização nos moldes atuais dialoga com a prática discursiva dos adolescentes na cultura digital;
4. Identificar a frequência do uso da linguagem digital pelos adolescentes do Sertão Semiárido.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

São feitas referências aos riscos e benefícios no Projeto de pesquisa, no Termo de consentimento livre e esclarecido e no Termo de assentimento do menor.

**Endereço:** Rua Silveira Martins, 2555

**Bairro:** Cabula

**CEP:** 41.195-001

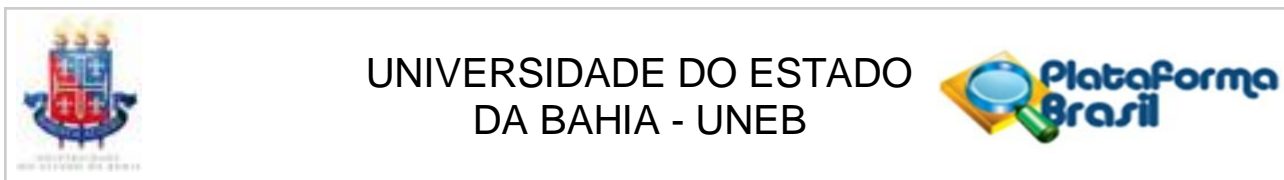
**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3117-2399

**Fax:** (71)3117-2399

**E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.017.995

### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa contribui positivamente para os estudos sobre educação no Brasil, sobretudo no que se refere a letramento digital e aos processos que envolvem a leitura e a escrita dos adolescentes na escola e fora dela.

### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Está anexada ao projeto a seguinte documentação de apresentação obrigatória:

1. Folha de rosto;
2. Termo de responsabilidade e compromisso do pesquisador;
3. Termo de confidencialidade;
4. Termo de autorização institucional da proponente;
5. Termo de autorização institucional da coparticipante;
6. Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa;
7. Termo de consentimento livre e esclarecido;
8. Termo de assentimento do menor.

Toda a documentação apresentada está em conformidade com as normas brasileiras para pesquisas envolvendo seres humanos.

### **Recomendações:**

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após a análise consideramos que o projeto encontra-se aprovado para a execução uma vez que atende ao disposto nas resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos não havendo pendências ou inadequações a serem revistas.

### **Considerações Finais a critério do CEP:**

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a

**Endereço:** Rua Silveira Martins, 2555

**Bairro:** Cabula

**CEP:** 41.195-001

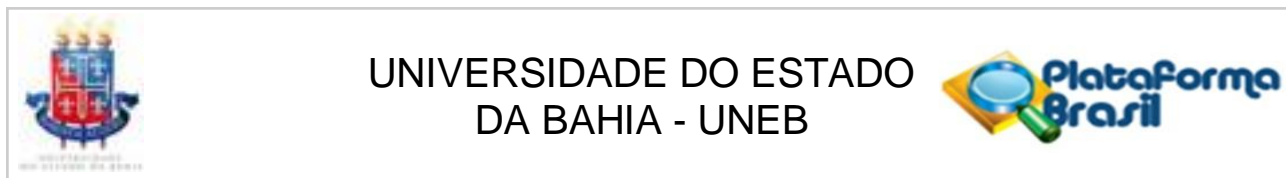
**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3117-2399

**Fax:** (71)3117-2399

**E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.017.995

contar da data de aprovação do projeto.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1212748.pdf	21/10/2018 01:23:14		Aceito
Outros	Alteracaoprojetodepesquisa.docx	21/10/2018 01:21:34	NIVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto de pesquisa2.pdf	21/10/2018 01:05:51	NIVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.pdf	20/10/2018 23:56:41	NIVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES	Aceito
Outros	Termoconfidencialidade.pdf	12/09/2018 15:44:40	NIVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracaoconcordancia.pdf	12/09/2018 15:44:00	NIVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES	Aceito
Outros	Termoautorizacao institucional.pdf	12/09/2018 15:43:19	NIVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES	Aceito
Outros	Termocompromissopesquisador.pdf	12/09/2018 15:41:44	NIVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES	Aceito
Outros	Termoautorizacao institucional da proponente.pdf	12/09/2018 15:40:47	NIVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termoassentimento2.pdf	12/09/2018 15:35:52	NIVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termoassentimento1.pdf	12/09/2018 15:35:34	NIVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE3.pdf	12/09/2018 15:35:14	NIVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE1.pdf	12/09/2018 15:33:51	NIVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES	Aceito
Folha de Rosto	Folhoderosto.pdf	12/09/2018 15:20:55	NIVEA CRISTINA DE MELO RODRIGUES	Aceito

**Endereço:** Rua Silveira Martins, 2555

**Bairro:** Cabula

**CEP:** 41.195-001

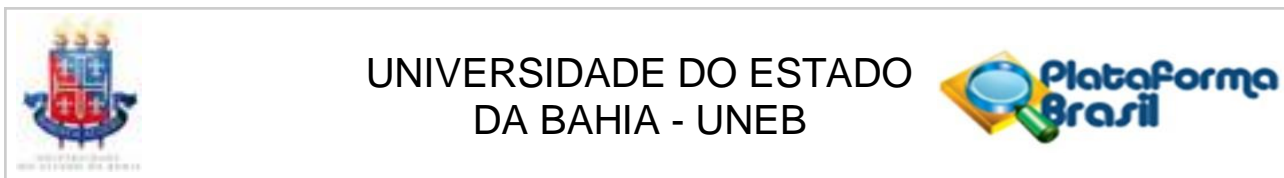
**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3117-2399

**Fax:** (71)3117-2399

**E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 3.017.995

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SALVADOR, 13 de Novembro de 2018

---

**Assinado por:**  
**Aderval Nascimento Brito**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Silveira Martins, 2555

**Bairro:** Cabula

**CEP:** 41.195-001

**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3117-2399

**Fax:** (71)3117-2399

**E-mail:** cepuneb@uneb.br